

Fonte: <https://m.egwwritings.org/en/book/1567.2#0>

REFLEXÕES SOBRE O BATISMO

UM EXAME DO BATISMO CRISTÃO: SUA AÇÃO, SUJEITOS E RELAÇÕES.

ALÉM DISSO

Uma breve consideração das evidências históricas sobre a tríplice imersão

POR JH WAGONER.

"Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão." Marcos 1: 9.

ÍNDICE

CATÁLOGO DE PUBLICAÇÕES

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I. O QUE É O BATISMO? LAVANDO E BATIZANDO

CAPÍTULO II. IMERSÃO E ASPERSÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

CAPÍTULO III. BATISMO DO ESPÍRITO - ESCRITURA

ILUSTRAÇÕES - INSTÂNCIAS DE BATISMO

CAPÍTULO IV. UM BATISMO OU TRÊS BATISMOS

CAPÍTULO V. NÃO-BATISMO DOS AMIGOS OU QUAKERS

CAPÍTULO VI. O BATISMO DE JOÃO. BATISMO DE CRISTO. BATISMO EM NOME DE CRISTO.

CAPÍTULO VII. A COMISSÃO AINDA ESTÁ EM VIGOR. BATISMO NÃO É CIRCUNCISÃO.

CAPÍTULO VIII. SUJEITOS DO BATISMO

CAPÍTULO IX. ASSUNTOS DE BATISMO. CONTINUAÇÃO

CAPÍTULO X. A ORDEM DE BATISMO

CAPÍTULO XI. REMISSÃO DO PECADO - QUANDO OUTORGADO

CAPÍTULO XII. "UMA ORDENANÇA DE SALVAÇÃO"

CAPÍTULO XIII. HISTÓRIA E TRÍPLICE IMERSÃO

INTRODUÇÃO: TEODORETO - SOZOMEN

CAPÍTULO XIV. JUSTIN MARTYR - CLEMENT - TERTULIANO - SR. REEVES - CÂNONS

APOSTÓLICOS - MUNNULUS

CAPÍTULO XV. EUNOMIUS - PESO DAS COTAÇÕES HISTÓRICAS - A IGREJA GREGA

CAPÍTULO XVI. BATISMO NOS PRIMEIROS SÉCULOS

CAPÍTULO XVII. RAZÕES PARA TRÊS IMERSÕES – AS CONSEQUÊNCIAS

ÍNDICE DE AUTORES (NÃO TRADUZIDO)

ÍNDICE DE ESCRITURAS (NÃO TRADUZIDO)

O INSTITUTO BÍBLICO (NÃO TRADUZIDO)

ASSOCIAÇÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DE PUBLICAÇÃO

BATTLE CREEK, MICH.

CATÁLOGO DE PUBLICAÇÕES

Publicado pela Associação de Publicações Adventistas do Sétimo Dia, BATTLE CREEK MICH.
Advent Review e Sabbath Herald, semanalmente. Termos, \$ 2,00 por ano, em vantagem.
The Yout's Instructor, mensal, dedicado à instrução moral e religiosa. Termos, 50 cts. um ano, em vantagem.
The Health Reformer, mensal, dedicado a uma exposição das leis da vida, Termos etc., \$ 1,00 por ano, antecipadamente.
The Advent Tidende, um mês religioso na língua dinamarquesa. Termos, \$ 1,00 por ano, antecipadamente.
O Svensk Advent Harold, uma publicação religiosa mensal na língua sueca. Termos, \$ 1,00 por ano, antecipadamente.
Livro de Hino e Melodia. - 536 hinos - 147 melodias. \$ 1,00.
A história do sábado e primeiro dia da semana. Por JN Andrews. 528 p., \$ 1,00.
Reflexões sobre o livro de Daniel, críticas e práticas, Por U. Smith. Limite; \$ 1,00; edição condensada, papel, 35 cts.
Reflexões sobre Apocalipse, críticas e práticas. Por U. Smith. 328 pp. \$ 1,00.
A Natureza e o Destino do Homem. Por U. Smith. 38 pp., Encadernado, \$ 1,00; papel, 40 cts.
O Santuário e os 2300 dias. Por U. Smith, Bound \$ 1,00; papel, 30 cts.
O Espírito de Profecia; ou, o Grande Conflito entre Cristo e seus anjos, e Satanás e seus anjos, em três volumes. Pela Sra. Ellen G. White. Encadernado em musselina.
 Vol. I. Fatos do Antigo Testamento para Cristo. \$ 1,00.
 Vol. II. Vida e Ministério de Cristo. \$ 1,00.
 Vol. III. Vidas dos Apóstolos. \$ 1,00.
The Christian Life and Public Labors of Wm. Miller, o notável conferencista e Escritor sobre as profecias. \$ 1,00.
O Instituto Bíblico. \$ 1,00.
Vida do Elder Joseph Bates. Papel colorido, \$ 1,00.
Vida do Irmão White, 85 cts.
A Emenda Constitucional: WH Littlejohn [original ilegível] Cristão Estadista no sábado. \$ 1,00; papel, 40 cts.
A Bíblia do céu. 300 pp. 80 cts.
Leituras do sábado para o círculo familiar; Uma coleção de escolha de moral e leitura religiosa.
 Vol. I. é especialmente adaptado para a mente jovem. 75 cts.
 Vol. II. é adequado para as necessidades de todos. 75 cts.
Os Estados Unidos na Profecia. Por U. Smith. Encadernado, 40 cts; papel, 20 cts.

PENSAMENTOS SOBRE O BATISMO

UM EXAME DO BATISMO CRISTÃO: SUA AÇÃO, SUJEITOS E RELAÇÕES.

ALÉM DISSO,
Uma breve consideração das evidências históricas para a tríplice imersão.

POR ELD. JH WAGONER.
"Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão." Marcos 1: 9.

ASSOCIAÇÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DE PUBLICAÇÃO.
BATTLE CREEK, MICH.

PREFÁCIO

Como uma consideração completa da ação e assuntos do batismo, o trabalho do Dr. Carson é talvez inigualável. Mas é muito grande para uso geral, não sendo lido em grande medida, mesmo na denominação em que foi publicado. Além disso, por estar confinado a essas duas ideias, não atende plenamente os desejos do tempo presente.

E todo trabalho desse tipo tem um interesse local. Não podemos negar que as circunstâncias têm muito a ver com o sucesso de um livro. À medida que o erro ocorre formas diferentes em momentos diferentes, para atendê-lo com sucesso, os livros devem ser escritos *para os tempos*. Tentamos manter isso em vista ao escrever este livro.

Em todas as obras que lemos, as relações e a ordem do batismo têm sido muito negligenciadas. Portanto, demos atenção especial a elas.

Não era nossa intenção, a princípio, observar o assunto *da tríplice imersão* e oferecer prova de que a prática é inconsistente com as Escrituras. Mas foi instado que aqueles que praticam a tríplice imersão confiam tanto na história que foi necessário examinar a história sobre esse assunto. Temos muito pouca literatura dessa fé em mãos, mas li algumas delas nos últimos anos.

Consideramos o panfleto do Sr. Moore, frequentemente notado, tão forte quanto qualquer coisa que vimos desse lado. O livro do Sr. Thurman é maior, mas é característica de seu autor: uma produção muito fraca, lidando com a mais selvagem e fantasiosa interpretação.

Ao falar da História dos Modos de Batismo Cristãos, consideramos como era apresentado por citações do Sr. Moore e outros, não tendo o trabalho em mãos. Nós agora, no entanto, lemos cuidadosamente e pensamos que podemos mostrar que o testemunho que é nele dado irá justificar nossa posição aos olhos de cada um que prefere a Bíblia como evidência acima da tradição. Se for considerado necessário, podemos fazer esta declaração em algum momento futuro.

Nosso objetivo foi ser breve, mas acreditamos que as razões foram apresentadas nos vários pontos discutidos, o suficiente para satisfazer qualquer pessoa sincera que deseja ser guiado "pela Bíblia, e somente pela Bíblia". Mas porque é breve, não quer dizer que seja uma obra feita às pressas. Temos concedido muito tempo e pensamento e trabalho em sua preparação, e nós o entregamos ao leitor, na esperança de que o trabalho não se revele totalmente em vão.

JHW

Battle Creek, Michigan,
1º de setembro de 1878.

INTRODUÇÃO

As influências da associação e da educação, exercidas até mesmo sobre nós desde a infância, são tantas, tão variados, e muitas vezes tão sutis, que parece impossível encontrar um investigador que esteja totalmente livre de invasões ou preconceito. Mas isso deve nos levar, não a desculpar este triste estado de coisas porque tantos estão envolvidos na mesma dificuldade, mas, sim, por desconfiar de nossas posições e sempre estar disposto a tê-los testadas novamente pelo grande detector - a Bíblia.

Criado sob a influência da Igreja Presbiteriana, não tinha opiniões sobre batismo que eu poderia chamar de minhas, isto é, que foram recebidos por *convicção* em vez de *tradição*. Aos vinte e três anos fiz uma profissão de fé e foi então solicitado a ler "Teologia de Dwight". Naquela época eu nunca tinha lido um trabalho ou ouvido um sermão sobre o batismo oposto à fé da igreja dos meus pais. Examinando cuidadosa e fervorosamente os argumentos do Dr. Dwight, e todas as passagens referidas por ele, juntamente com seus contextos, eu fiquei totalmente convencido de que suas conclusões não eram justas.

Sobre o modo de batismo (como é expresso de forma inadequada), um muito extenso argumento parece dificilmente necessário nestes dias. Os autores batistas, Carson e outros, embora não esgotaram o assunto, estabeleceram bem os princípios a partir dos quais conclusões seguras podem ser tiradas. A denominação batista, como também a "Cristã" é digna de nosso grande apreço pelo serviço que prestaram à causa da verdade sobre este assunto, sob reprovação, oposição e muitas vezes perseguição, se não sempre aberto e violento, não obstante, perspicaz e cortante para o consciencioso e sensível, quando se trata de quem deveria ser amigo, e para quem a caridade cristã indicaria um curso diferente.

Os "Discípulos" também, liderados por Alexander Campbell, mostraram uma seriedade e zelo dignos de elogio em seus esforços para estender a verdade sobre a *ação* e os *assuntos* do batismo. Mas eles têm, infelizmente, relacionado estes a certos erros, especialmente o de antinomianismo¹, bem como diminui o valor de seus esforços nesses pontos importantes. Por causa da prevalência dessa "ilusão antinomiana", como o Rev. Andrew Fuller apropriadamente a chamou, a *as relações* do batismo precisam agora ser especialmente consideradas.

Muitos estão prontos para justificar as diferenças de opinião que existem em relação a Verdade das Escrituras, embora deplorem e condenem as controvérsias que são resultado necessário de tais diferenças. Cada pessoa conscienciosa se esforçará para difundir as opiniões que defende, desde que as considere conectadas com a vontade e a glória de Deus e o bem-estar de seus semelhantes. Essas diferenças mostram que o *erro prevalece*, e como pode ser conosco, nós nunca devemos recusar a trazer nossa fé à prova de exame à luz da palavra de Deus, lembrando-se sempre de que só a verdade pode nos santificar. João 17:17.

¹ Nota do tradutor:

Antinomianismo: é a doutrina luterana de João Agrícola (1494-1566) que, em nome da supremacia da fé e da graça divina, prega a indiferença para com a lei; antinomismo.

CAPÍTULO I

O QUE É O BATISMO?

Frequentemente, afirma-se que as palavras, quando usadas nas Escrituras, têm uma forma diferente do significado que elas têm quando usadas em outro lugar, e esta reivindicação é especialmente feita em relação à palavra *baptizein*, o infinitivo grego *para batizar*. A nossa compreensão da linguagem é adquirida apenas através de nosso conhecimento sobre *o significado de seus termos*. Se estes não estiverem claramente definidos, então não podemos ter compreensão da língua. Se as palavras na Bíblia não têm o significado que é estabelecido pelo uso e dado nos léxicos das línguas em que foram escritos, segue-se evidentemente que não podemos compreender as coisas que são declaradamente reveladas, a menos que tenhamos um *léxico especial* para dar esses *significados incomuns* das palavras. Tal afirmação realmente destrói a eficiência e suficiência da palavra de Deus como uma revelação. Por conexão com uma certa doutrina ou portaria, um termo pode vir a ter um caráter técnico ou restrito de sua *aplicação*, mas seu *significado* não é alterado com isso.

Isso é ilustrado no uso comum da palavra *milênio*. Webster diz: "Mil anos; usado para denotar os mil anos do capítulo vinte do Apocalipse." Nenhum milênio específico pode ser indicado pelo significado da palavra; ainda em todas as discussões das Escrituras, é imediatamente entendido que se refere àqueles mil anos mencionados nas Escrituras. Embora a palavra tenha adquirido tal aplicação restrita de modo a direcionar a mente para aquele período particular, seu significado não é alterado por esse uso. Verdade é que, por esse uso temos sido acostumados a associar à palavra a ideia de *paz*, etc., mas tais ideias não tem conexão necessária com o termo. Eles são apenas o resultado de uma certa *descrição aceita* da coisa especificada. Um milênio pode ser de alegria ou de tristeza. Nenhum é indicado pela palavra, e é apenas por associação arbitrária que atribuímos a ideia de alegria e paz ao milênio, sendo que o próprio termo nunca poderia transmitir tal ideia à mente.

E esse é o caso da palavra batismo. Quando falado em terras cristãs, e especialmente nas discussões das Escrituras, a mente imediatamente se volta para *a ordenança do batismo cristão*. Mas na frase "batismo cristão", temos acrescentado à palavra batismo tudo o que associamos em nossas mentes com o ato ou algo como *uma ordenança cristã*. Claro, a associação vincula muito do que é estranho ao significado simples do termo para ele. Ao procurar o significado de um termo, devemos libertá-lo de todas essas associações ou elementos estrangeiros. Nesse caso a palavra tem um significado estabelecido antes de ser usada para designar uma ordenança cristã. E se a ordenança não foi feita para estar em conformidade com o significado da palavra, então a palavra assim usada não transmitia uma ideia correta à mente do ouvinte ou leitor; e tal uso seria bem calculado para criar confusão.

Não podemos supor que o instituidor da ordenança a destinou para ser obscura em suas instruções para o cumprimento de um dever do evangelho. Então a pergunta surge, haveria alguma palavra em uso no tempo de nosso Salvador que especificasse qualquer ação particular na administração desta ordenança? Nós respondemos: Houve; e tal palavra foi escolhida por ele; aquele que tem como estabelecer o significado inequivocamente definido.

Deve-se ter em mente que não é seguro confiar em dicionários modernos para o significado de palavras *adotadas* de outras línguas. Eles visam dar o significado das palavras como *são agora usadas*. E aqui é apropriado observar que *o uso* tem precedência sobre o léxico como autoridade. Quando o uso estabelece o significado de um termo, o dicionário dá esse significado. Um dicionário não pode *fazer significados*. É um padrão apenas na medida em que dá o significado correto estabelecido pelo melhor uso. Se quisermos verificar o verdadeiro significado das palavras em outras línguas, devemos recorrer aos usos e léxicos daquelas línguas. Temos uma ilustração disso em questão. Temos um dicionário inglês antigo

publicado na Escócia no qual a única definição dada para batismo é "para batizar". Essa era a ideia ligada à palavra na época, e ao lugar onde, o livro foi publicado. Mas insira essa definição em um texto das Escrituras, como Marcos 16 ou Atos 2, e é considerado, não apenas errôneo, mas ridículo.

Novamente, nunca devemos tentar estabelecer o significado da palavra por nossas idéias sobre a intenção da ordenança. A intenção das ordenanças é sempre mais ou menos um assunto de controvérsia; e a ocasião de controvérsia é aumentada pela confusão a respeito do significado dos termos usados. Não aprendemos o significado das palavras pela intenção de ordenanças; mas aprendemos, em vez disso, qual é a ordenança pelo significado das palavras que o definem.

Existem *oito palavras* no grego do Novo Testamento que se referem às *várias ações que deveriam ser admissíveis* na administração da ordenança do batismo. Essas são,

1. *Baptizo*. Esta palavra *nunca* é traduzida na Versão Autorizada, ou seja, na nossa Bíblia, comumente conhecida como Tradução King James. Sempre aparece sob sua forma anglicizada, batize. Passamos isso por agora para considerar brevemente as outras.

2. *Rantizo*. Esta palavra é usada *seis vezes* no Novo Testamento e é traduzida *polvilhe* todas as vezes. Não tem outro significado. Pode ser encontrado em Heb. 9:13, 19, 21; 10:22; 12:24; 1 Pedro 1: 2.

3. *Proschusis*. Isso ocorre apenas uma vez no Novo Testamento, Heb. 11:28, processado como *aspersão*. Os léxicos fornecem as definições de *derramar*, e *aspergir*.

4. *Ekcheo*. Esta palavra é usada *dezoito* vezes e é traduzida como *derramar* e *encher*. Os léxicos fornecem essa definição. *Ekchuno* é considerado uma forma da mesma palavra, tendo o mesmo significado, e é traduzida da mesma maneira, isto ocorre *dez* vezes.

5. *Epicheo* é usado apenas uma vez, Lucas 10:34, e é traduzido como *derramando*.

6. *Katacheo* ocorre duas vezes, Matt. 26: 7; Marcos 14: 3, e é processado como *derramar*.

7. *Kerannumi* (*kerao*) ocorre três vezes, Apoc. 14:10 e 18: 6 duas vezes. No texto com o primeiro nome é processado como *derramado*, e no último é usado assim: "No copo que ela *encheu*, *encha* até seu dobro. "Os léxicos dão a definição, como *misturar*, *derramar* ou *despejar*, como "de um vaso para outro."

8. *Ballo*. Esta palavra tem a definição de *lançamento* ou *derramar*. É usado cento e vinte e cinco vezes; juntamente, noventa vezes; *derramar*, duas vezes, Mat. 26:12, e João 13: 5.

Das *sete* últimas palavras notadas, *nenhuma delas é usada para se referir a ordenança do batismo*. A palavra *ekcheo* deveria ser uma exceção, mas não é; pois a ordenança é um assunto de mandamento, mas o *batismo do espírito*, ao qual a palavra é aplicada, não é sujeito de preceito. Mas isso vai ser notado mais particularmente a seguir.

Vamos agora considerar a palavra *baptizo*. Isso é definido como *imerso* em todos os léxicos. Dizemos, em *tudo*, porque nunca vimos ou mesmo ouvimos falar de uma exceção. Podemos dar às autoridades qualquer extensão na justificativa desta declaração, mas como iria apenas alongar nossas observações desnecessariamente, nós toleramos, nos contentando com algumas citações do Prof. Moses Stuart. Escolhemos oferecer o Prof. Stuart como autoridade, por várias razões: 1. Ele ocupou uma posição de destaque na denominação presbiteriana, e suas admissões terão, portanto, mais peso do que as afirmações dos autores batistas, embora seu testemunho possa estar de perfeito acordo. 2. Sua habilidade e aprendizado eram inquestionáveis; ele ficou muito tempo como um professor ilustre em uma escola de teologia. 3. Seus escritos são recentes, ele estava de posse de todas as vantagens da investigação neste assunto, antigo e moderno. Do grego ele diz: -

"*Bapto* e *baptizo* significam *mergulhar*, *afundar* ou *imergir* em qualquer coisa líquida. Lexicógrafos e críticos de qualquer nota concordam nisso. Minha prova desta posição, então, não precisa necessariamente ser prolongada; mas para uma ampla confirmação, eu devo implorar a paciência do leitor enquanto eu coloco diante dele, tão brevemente quanto possível, os resultados de uma investigação que parece não deixar margem para dúvidas.

Ele então passa a citar autores gregos, começando com Homero, e dá trinta e sete instâncias do uso do original com este significado. Dando cinco exemplos; de Hipócrates, ele observa: -

"E da mesma forma em todas as partes de seu livro, em casos quase sem número."

Fechando sua lista de citações, ele acrescenta: -

"Foi fácil ampliar esta lista de testemunhos para este uso, mas o leitor não irá deseja-la."

Saindo dos clássicos, e indo para os registros da igreja, ele diz:

"As passagens que se referem à imersão são tão numerosas nos pais, que seria necessário um pouco de volume apenas para recitá-las."

Ele não dá nenhuma instância onde é usado com qualquer outro significado que não seja *imersão*. As investigações de outros, especialmente do Dr. Carson e o Prof. Conant, não foram menos exaustivas que os do Prof. Stuart, e todos dão os mesmos resultados. E embora consideremos o grande número de instâncias

dado onde se refere inequivocamente à imersão, não foi encontrada nenhuma instância onde a palavra grega *baptizo* significa outra coisa exceto imergir. Agora, até onde os

léxicos estão de acordo o uso é uniforme e invariável, pensamos que a questão é resolvida além de qualquer chance de disputa razoável; batismo é imersão, e apenas isso.

Sobre o uso figurativo da palavra *baptizo*, o Prof. Stuart diz:

"Na medida em que, agora, como a ideia mais usual de *baptizo* é esmagadoramente *imersão*, era muito natural empregá-la para designar calamidades graves e sofrimentos."

É um grande erro, ainda cometido por muitos, supor que, porque as palavras são usadas em figuras de linguagem, portanto, têm um *significado figurativo*. Não há coisas como o significado figurativo das palavras. Elas devem ter uma definição e significado fixo, a fim de uma compreensão das figuras que eles representam para nós. O uso de uma palavra em uma figura de linguagem não altera o seu significado.

Tendo dado tão decidido testemunho do Prof. Stuart a favor da imersão, não deveríamos fazer-lhe justiça se não tivéssemos percebido as razões que ele deu para o desvio em seus pontos de vista religiosos e práticos do significado da palavra. Os parágrafos a seguir contém a essência de seus raciocínios sobre o assunto:

"Para mim, então, admito alegremente que *baptizo* no Novo Testamento, quando aplicado ao rito do batismo, em toda probabilidade envolve a ideia de que este rito era geralmente realizado por imersão, mas nem sempre. Eu digo *normalmente*, e *nem sempre*; para dizer mais do que isso, a tônica de algumas das narrativas, particularmente Atos 10:47, 48; 16:32, 33; e 2:41, parece me proibir. Não posso ler esses exemplos sem a clara convicção de que a *imersão* não era usada nessas ocasiões, mas a *lavagem* ou a *afusão*."

Devemos novamente elogiar a franqueza de sua admissão, mas somos constrangidos a expressar nossa convicção de que ele viu os textos especificados, em vez à luz de sua *teologia* do que de qualquer construção necessária, para encontrar nelas um argumento para afusão. Em Atos 2, ele afirma o que lhe parece *provável*, mas que cada um sabe que não é *necessário* e acrescenta:

"Admito que existem alguns pontos aqui que permanecem indeterminados, o que pode servir para ajudar aqueles que diferem de mim em responder a essas observações."

Em Atos 10, ele acha que as palavras de Pedro implicam o seguinte:

"Pode alguém proibir que a *água seja trazida*, e essas pessoas sejam batizadas?"

E ainda assim ele é obrigado a dizer:

"Admito que não é necessariamente excluído outro significado que concorde com a prática de imersão."

Em Atos 16:33, ele fala mais extensamente e é mais infeliz em sua declaração:

"Aqui é dito que o carcereiro, após o terremoto e outras ocorrências, e quando levado sob profundas convicções de pecado, levou Paulo e Silas à meia-noite e lavou-os de suas

pisaduras, ou seja, lavou o sangue que escorria das feridas feitas; e imediatamente (imediatamente) ele foi batizado, e todo dele. Onde isso foi feito? Na prisão, ou no cárcere, onde conheceu Paulo e Silas; de qualquer forma, dentro do recinto da prisão; para depois que tudo foi concluído, ele trouxe Paulo e Silas para sua casa e deu a eles amparo."

No entanto, aqui, também, ele admite que pode ter havido um banho na prisão em que eles estavam imersos; e assim admite que sua construção do texto não é necessária. A *ordem dos eventos* não é completa e corretamente declarada por ele. Como segue:

1. *Ele os tirou* da prisão. Versículo 30.
2. Eles falaram a ele a palavra do Senhor, *e a todos os que estavam em sua casa*. Versículo 32.
3. Ele lavou as feridas deles, e ele e todos os seus foram batizados. Versículo 33.
4. *Ele os trouxe para sua casa* e pôs comida diante deles. Versículo 34.

Assim, o registro não dá apoio à ideia de que tudo isso aconteceu na prisão; pois ele os tirou, e eles pregaram a todos os que estavam em sua casa, antes de seu batismo. E depois de seu batismo, ele os trouxe para sua casa e deu-lhes comida. O batismo não aconteceu nem na prisão nem em sua casa.

Mas apelamos a cada leitor sincero e temente a Deus, contra todos esses raciocínios. Enquanto foi admitido que o significado da palavra é *imersão*, e é admitido que os textos *podem ser* explicados em harmonia com esse significado, reverência genuína para a palavra de Deus deve levar todo inquiridor a buscar aquela exposição que está em harmonia com o significado evidente da palavra usada, e não perguntar *se uma exposição também pode não estar em harmonia com o significado da palavra usada*. O último curso é subversivo da revelação divina, e é calculado para engendrar contendas e causar divisão. Pois, deve ser confessado, quanto mais perto ficamos do significado literal do texto, maior é a probabilidade de uniformidade em nossa fé e prática. E quando divergimos do verdadeiro significado das palavras da revelação, admitindo *supostos significados*, confusão é o inevitável resultado, pois cada um está igualmente autorizado a apresentar sua própria suposição. Mas "Deus não é autor de confusão, mas de paz." Devemos, então, perseguir esse curso que acabará com a confusão e trará paz e união para o lar de fé.

A *forma ou tipo* do batismo é o ponto principal, entretanto, sobre o qual o Prof. Stuart confiou em seu argumento a favor da aspersão; e como ele expressou a visão de uma grande classe, o que deve ser notado, damos um pouco de suas observações neste ponto:

"É essencial, que o batismo simbolize *purificação* ou *pureza*, que deve ser realizado por *imersão*? Claramente não; pois nos tempos antigos a água que foi *espargida* sobre o judeu ofensor, essa era o grande emblema da purificação. Então Paulo considera quando ele nos dá, por assim dizer, um resumo de todo o ritual de purificação, especificando o mais significativo de todos os seus usos, a saber, o das cinzas de uma novilha misturada com água (Números 19:17), com o qual os impuros são aspergidos. Heb. 9:13. Assim,

também, ele decide, quando fala em aproximar-se de Deus, por completo em certeza de fé, tendo nossos corações *purificados* de uma má consciência. ' Heb 10:22. "

"É então um caso perfeitamente claro que a *aspersão* de água ou de sangue foi em conjunto o modo mais significativo de purificação ou expiação, ou de consagração a Deus, sob a antiga dispensação. "

Disto ele infere que a *aspersão* é preferível à *imersão* no rito do Batismo cristão! Mas todo o argumento é excessivamente defeituoso e a inferência inadmissível. Onde aprendemos que a água de purificação deveria ser borrifada no impuro? Pelo uso de uma palavra na lei que sempre significa aspergir - nunca mergulhar. E como aprendemos como a ordenança do batismo deve ser administrado? Pelo uso de uma palavra na lei que sempre significa mergulhar - nunca borifar. Se os termos da lei forem anulados, e especulações ou suposições os substituíram, então podemos também deixar de lado a Bíblia de uma vez. Em cada texto e instância que ele cita a palavra borifar, é usada pelo apóstolo para mostrar que é um símbolo da aplicação do sangue de Cristo, sem nenhuma referência à ordenança do batismo cristão.

Insistimos, e ninguém pode negar, que se o padre tivesse *mergulhado* a pessoa impura na água de purificação, ele não teria obedecido à lei dessa ordenança, pois o mandamento era *borifar*. E nós também insistimos que *borifar* uma pessoa com água para o batismo cristão não é cumprir a lei da ordenança, pois o mandamento diz *imergir*. O Prof. Stuart admitiu que uma palavra foi usada por nosso Salvador que significa imersão. O Prof. Stuart, e todos com fé e prática semelhantes, conheciam a mente de nosso divino Senhor melhor do que Ele mesmo? Eles entendem a importância e o significado de sua própria ordenança melhor do que Ele? Ou, se borifar é preferível, por que Jesus e seus apóstolos nunca usaram uma palavra que significasse borifar quando falaram da ordenança? Eles compreenderam tais palavras, pois as usaram em referência a outras coisas. Ou se eles desejavam deixá-lo indefinido, e deixar o rito cobrir todos os métodos de aplicação de água na pessoa, como muitos agora ensinam, por que não usaram as várias palavras que significam borifar, derramar e mergulhar? Isto seria absolutamente necessário se foi concebido para dar ao rito um alcance tão amplo, mas *nenhuma dessas palavras expressa todos esses modos*. Portanto, usar, invariavelmente, *uma palavra*, limita-se definitivamente a *uma ação*.

Essas perguntas e declarações podem ser melhor apreciadas quando for considerado que a palavra *baptizo*, nas suas diversas formas, é utilizada cento e vinte vezes no Novo Testamento. É usada pelo menos setenta e oito vezes em referência direta à ordenança; e se somarmos a isso quinze vezes em que é aplicada a João como o *Batizador*, título que ele recebeu apenas porque ele administrou o rito, temos noventa e três vezes em que se refere à ordenança. E se a aspersão era o melhor método, é incrivelmente estranho que os porta-vozes e escritores do Novo Testamento nunca usaram uma palavra que significava *aspergir*, embora referindo-se à ordenança tantas vezes. Certamente diminui muito o nosso respeito pelo registro como uma revelação divina, se pudesse ser mostrado que, ao se referir à portaria quase cem vezes, ela sempre diz *imergir*, e ainda significa *aspergir*.

LAVANDO E BATIZANDO

Tem sido dito, e freqüentemente dito, que o uso das Escrituras mostra que *lavar* é o equivalente a batizar; e como a lavagem pode ser realizada por vários métodos, então pode-se batizar assim também. A falácia disso é facilmente demonstrada.

Em 2 Reis encontramos o mandamento de Eliseu, dado ao Sírio, para "lavar-se no Jordão; "e, portanto, ele" mergulhou no Jordão". Onde a preposição é assim usada, - *no* Jordão, - a mente é naturalmente levada a *mergulhar como o método de lavagem*. Mas a lavagem pode ser realizada por outros métodos, ou sem imersão; portanto, lavar e imergir não são equivalentes. Lavar não designa nenhuma imersão nem derramamento, mas pode incluir ambos. Assim, em significado, difere materialmente de qualquer um. Lavar indica *uma ação*; mergulhar ou imergir indica *um método de ação*. O último é específico; o primeiro não é. O último é *sempre* usado em referência à ordenança do evangelho; o primeiro *nunca* é muito usado. Não há necessidade de engano neste assunto.

Mas a objeção é baseada principalmente em Marcos 7:4: "E, quando voltam do mercado, se não se lavarem [*baptisUntai*], não comem. E muitas outras coisas há que receberam para observar, como lavar os copos, e os jarros, e os vasos de metal e as camas", ou sofás.

Aqui é assumido que o *batismo* é usado onde a imersão é, pelo menos, improvável. O leitor estará interessado nos seguintes trechos do livro de Clarke comentando sobre o texto: -

"*Exceto se lavam ou mergulham;* pois pode significar qualquer um. Mas em vez da palavra no texto, o famoso *Codex Vaticanus*, (B) oito outros, Euthymius , *aspergir*. No entanto, os judeus às vezes lavavam as mãos antes de comer; e outras vezes, simplesmente as *mergulhavam* ou imergiam na água."

"*E de mesas, Camas, sofás* -. Isso fica faltando no BL, mais *dois*, e o *Cóptico*. É provável que signifique não mais do que as *formas* ou *assentos* nos quais eles se sentaram. UMA cama ou sofá era contaminado se qualquer pessoa impura sentasse ou se apoiasse nele, - um homem com um problema, um leproso, uma mulher grávida, etc. Como a palavra , *batismos*, é aplicada a todos estes, e como se afirma que esta palavra, e o verbo de onde é derivada significam *mergulho* ou *imersão apenas*, seu uso nos casos acima refuta a opinião, e mostra que foi usado, não apenas para expressar mergulho ou imersão, mas também borifar e lavar. As xícaras e potes foram *lavados*; as camas e sofás talvez *borrifadas*; e as mãos *mergulhadas* até o pulso."

Isso é o máximo que pode ser dito desse lado da questão. Isto teria ficado bem em sua opinião, se os fatos o tivessem permitido dizer mais do que "*talvez* borrifado". Mais do que um "*talvez*" deve ser questionado por todo aquele que busca uma "plena certeza de fé". Heb. 10:22. Sobre este assunto, temos "a lei", que resolve todas as controvérsias.

Lev. 6:28: "E se for cozido em uma *panela de bronze*, será tanto esfregado, como *enxaguado em água*."

Cap. 11:32: "E tudo aquilo sobre o que cair alguma coisa deles estando eles mortos será imundo; seja vaso de madeira, ou veste, ou pele, ou saco, qualquer instrumento, com que se faz alguma obra, será posto na água, e será imundo até à tarde; depois será limpo".

Cap. 15:12: "E o vaso de barro, que tocar o que tem o fluxo, será quebrado; porém, todo o vaso de madeira será lavado com água".

Aqui está o requisito para *colocar na água*, ou *batizar*, os próprios artigos especificados em Marcos 7:4. E não apenas esses vasos, mas roupas e "tudo o que" foi tornado impuro por contato. E assim, toda conjectura e "talvez", que se destina a obscurecer a verdade clara desta passagem, é apontada. Não existe razão para dar a *baptizo* qualquer outra definição além de *imergir*.

Deve-se notar que o Salvador não disse uma palavra contra os batismos exigidos na lei levítica; mas ele falou contra suas *tradições* em conexão com eles, ou anular o mandamento de Deus por suas tradições.

CAPÍTULO II

MERGULHAR E ESPARGIR NO ANTIGO TESTAMENTO

Na medida em que os defensores da aspersão se esforçam para trazer o Antigo Testamento em seu auxílio, citando as passagens que afirmam que água ou sangue era exigido para ser aspergido sobre certas coisas, pode ser útil, e certamente será de interesse, saber se a linguagem do Antigo Testamento é definida em suas distinções entre as duas ações; se *imersão* e *aspersão* são tão separadas que um não pode, em sua linguagem, ser confundido com o outro. Nós afirmamos que a ordem de *aspergir o sangue* no propiciatório não teria sido obedecida se o sacerdote tivesse *mergulhado o propiciatório* em sangue. Não era mero acaso pelo qual o apóstolo falou do sangue dos *rhantismos*, em vez do sangue de *batismo*; o primeiro, ou aspersão de sangue, era necessário e praticado, mas o último, o batismo de sangue, era desconhecido nas Escrituras, tanto do Antigo e o Novo Testamento, exceto em casos como Lev. 4: 6, onde o sacerdote era obrigado a *mergulhar* o dedo no sangue e *borrifar* o sangue antes do véu. Mas aqui as *duas ações* são clara e necessariamente distintas. Então, também, não é mero acaso, mas por desígnio evidente, que o rito do *batismo* seja tão frequente e tão definitivamente prescrito no evangelho, enquanto o de *rhantismos* nunca é mencionado. Mas com os termos do Antigo Testamento.

[Tabela no documento original]

Isso abrange todo o uso da palavra hebraica *tah-val* em todas as suas formas. Na primeira instância, *emolunan* é usado na Septuaginta, que, no Novo Testamento, torna-se *impuro*. Isso não entra em conflito com o significado dos termos, uma vez que (a capa de Jose) poderia ser contaminado com o sangue ao ser mergulhada nele. E então nossa versão o transmite. E nenhuma objeção pode ser levantada de que *bapto* é usado em vez de *baptizo*; pois ambos procedem da mesma raiz monossilábica, e o primeiro significado de *bapto* é *mergulhar*, ou *imergir*, e *baptizo* não tem outro significado.

Esta última afirmação foi desmentida por alguns autores, que se esforçaram para fazer *baptizo* levar as duas definições de *bapto*, a saber, *mergulhar*, ou *imergir* e *tingir*. O método do último desses significados de *bapto* indica sua relação e derivação do primeiro, ou seja, como era comum *tingir* por *imersão*. Dr. Carson tem muito claramente provado que *baptizo* não leva esse segundo significado de *bapto*, mas, por óbvias razões, preferimos citar as conclusões do Prof. Stuart sobre este ponto, examinando a indagação "se *bapto* e *baptizo* são realmente sinônimos, pois eles muitas vezes afirmam ser, "o Prof. Stuart diz: -

"Vamos agora perguntar se, no uso real, *baptizo* tem um significado diferente de *bapto*. Em particular, é distinguido do *bapto* pelos escritores do Novo Testamento?

"A resposta a essas perguntas será totalmente desenvolvida na sequência. já foi sugerido que *baptizo* se distingue de *bapto* em seu significado. Eu agora acrescento que não é, como esta última palavra, usado para designar a ideia de *colorir* ou *tingir*; enquanto em alguns outros aspectos, parece, no uso clássico, ser quase ou bastante sinônimo de *bapto*. No Novo Testamento, no entanto, há uma outra distinção marcante entre o uso desses verbos. *Baptizo* e seus derivados são empregados

exclusivamente quando o rito do batismo deve ser designado em qualquer forma tanto faz; e, neste caso, *bapto* parece ser propositalmente, bem como habitualmente, excluídos".

E em outro parágrafo ele diz: -

"A ideia de *mergulhar* ou *imergir* é comum às palavras *bapto* e *baptizo*, enquanto o de *tingimento* ou *coloração* pertence apenas ao *bapto*. "

Isso é digno da mais cuidadosa consideração. Cada palavra que significa *derramar* ou *borrifar* não ;e apenas excluída dos textos do Novo Testamento que falam do rito do batismo, mas uma palavra que significa *mergulho* ou *imersão*, em comum com *baptizo*, também é excluída porque também tem outro significado; e uma palavra é escolhida para designar a ordenança que tem o significado de imersão, e somente isso. Tal é a notável precisão da língua grega usada por nosso Salvador para designar o dever de seus seguidores neste rito. A tabela anterior mostra claramente que a idéia de *aspersão* não está contida na palavra hebraica *tah-val*.

Muito se falou sobre o uso de *bapto* em Dan. 4 e 5, traduzido em nossa versão, "molhado com o orvalho do céu". Mas é admitido por todos que *bapto* tenha *adquirido*, de forma secundária, um significado que *baptizo* não tem. E visto que *baptizo* é sempre utilizado para a ordenança, da qual, como o Prof. Stuart observa, *bapto* é cuidadosamente excluído, não podemos ver que os oponentes da imersão ganhem qualquer coisa com essa escritura. Quase não é um posto avançado da cidadela do batismo, que se baseia exclusivamente no uso da palavra *baptizo*. Este é o único caso, no entanto, em todas as Escrituras em que mesmo *bapto* carrega qualquer outro significado que não seja "mergulhar".

Imersão é uma vez derivado, no Antigo Testamento, do hebraico [ilegível original], *mah-hatz*, que ocorre catorze vezes, e é *ferido* sete vezes; *golpear*, três vezes; *perfurar*, duas vezes; *atacar*, uma vez; e *mergulhar*, uma vez; em Salm. 68:23, onde a Septuaginta tem *baphe* (*bapto*). Seu uso no último texto é peculiar, embora possa estar relacionado à sua significação, como a *perfuração* feita para *ferir*. Isto é todo o uso da palavra *mergulho* no Antigo Testamento.

Sprinkle vem de duas palavras apenas no Antigo Testamento, a saber, *nah-zah* e *zah-rak*. O primeiro é apresentado de maneira bastante uniforme tanto em inglês como em grego, como se verá na seguinte tabela: -

[Tabela no documento original]

Aqui encontramos a mesma definição, e quase a mesma uniformidade. Em todos os casos, exceto os dois últimos, a Septuaginta usa a mesma palavra, ou diferentes formas da mesma raiz, enquanto o inglês tem a mesma palavra ao longo de tudo. Como a ideia de *borrifar* não é encontrada em *tah-val*, também a ideia da *imersão* não é encontrada em *nah-zah*.

A palavra hebraica *zah-rak* ocorre trinta e quatro vezes, como segue: -

[Tabela no documento original]

Esta palavra é traduzida de forma um pouco mais variada, tanto em inglês quanto na Septuaginta; mas a mesma ideia prevalece por toda parte. Seu significado, *espalhar, portanto, borifar*, admite uma variedade de representações; mas neste, como em *nahzah*, a idéia de imersão ou mergulho não foi encontrada.

Achamos que nada mais é necessário para mostrar que a linguagem das Escrituras não admite essa ambigüidade de colocar *baptizo* por *rhantizo*, ou *imergir* por *aspergir*. Em Lev. 4: 6, encontramos tanto *mergulhar* e *aspergir* usados, e é fácil ver que eles não podem ser trocados.

Existem dois textos no Antigo Testamento que foram muito mal interpretados, e do qual inferências injustificáveis foram tiradas. Eze. 36:25, lê-se assim: -

"Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados."

Sobre isso, o Dr. Scott comenta: -

"Em alusão às diversas lavagens e aspersões da lei ritual, o Senhor prometeu borifar água limpa sobre seu povo e torná-los limpos de todas as suas imundícies e ídolos." Esta referência é correta, como pode ser visto examinando algumas passagens. Em Num. 8: 7, eles foram ordenados a "borifar água de purificação" sobre o impuro. No capítulo 19:18, é ordenado que, se houver um toque no cadáver de um homem, ele será impuro;" e uma pessoa limpa deve tomar hissopo e *mergulhá-* lo na água, e *borrifá-* lo sobre a tenda, e sobre todos os vasos, e sobre as pessoas que estavam lá, e sobre aquele que tocou um osso, ou um morto, ou um morto, ou uma sepultura. "

Isso era para o que é denominado "impureza ceremonial", não tendo relação com a contaminação moral. Paulo se refere a isso em Heb. 9:13: "Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne". Não era como uma ablução para limpar a sujeira, mas era figurativo, ceremonial e típico; e o fato do evangelho que ele prefigurou é afirmado pelo apóstolo assim: "Quanto mais o sangue de Cristo, que através do Espírito eterno se ofereceu sem mancha a Deus, purificará sua consciência dos mortos para servir ao Deus vivo?" Versículo 14. Essa é a razão pela qual Paulo fala do "sangue da aspersão" e "tendo nossos corações aspergidos de má consciência. "Heb. 12:24; 10:22.

Assim, vê-se que esses salpicos da lei ritual, a que se refere feito em Eze. 36:25, não tem relação com nenhuma ordenança do Novo Testamento; eles apontam para um objeto diferente. E embora esse objeto seja tão definitivamente declarado, não pode haver desculpa para o erro de aplicá-los ao batismo para dar imagem de aspersão para essa ordenança. A aspersão da consciência pelo sangue de Cristo é declarada seu antítipo, e um dever do evangelho é tão claramente mostrado em conexão com isso: "Tendo nossos corações aspergidos de uma má consciência, e *nossos corpos lavados com água pura.*" Hb 10:22.

Isa. 52:15, tem sido motivo de muita especulação e fonte de algumas conclusões muito errôneas. Até o Dr. Clarke, que aprova a prestação da Septuaginta, que é bastante diferente da nossa versão comum, pergunta, entre colchetes, "[não aspergir as nações se

refere à conversão e batismo dos gentios?]" Scott, quem permite que o estande de tradução, muito mais apropriadamente se refira ao sangue de aspersão, o mesmo que Eze. 36:25; ao sacrifício de Cristo, ao qual uma referência tão clara é feita no contexto. Mas a tradução não pode ser defendida.

Deve ser entendido que existem diferentes *formas* ou *espécies* de cada Verbo hebraico; e alguns deles têm significados peculiares a si mesmos, que não pertencem a nenhuma outra *espécie* da mesma palavra. Gesenius dá duas definições para essa forma de *nah-zah* aqui usada: 1. Para fazer saltar de alegria, exultar, para alegrar. 2. Para aspergir, *por exemplo*, água, sangue, óleo, também, com *em cima* ou *no sentido*. Ele, portanto, traduz este texto: "Assim ele fará com que muitas nações se regozijem nele mesmo."

A Septuaginta tem *thaumasonai* de *thaumazo*, como maravilhar-se, maravilhar-se ou para admirar. Isso preserva muito bem a ideia do original, e realiza o paralelismo da composição. "Como muitos se *surpreenderam* em ti, ... Então deve ele fazer com que muitos se *maravilhem* ou *admirem*." E este paralelo Gesenius avisa e aprova, assim: "Gr., Syr., Vulg., Luth., Eng., 'Assim ele aspergirá muitas nações,' veja n. 2., *isto* é, meu servo, o Messias, fará expiação por eles; mas isso concorda menos com o verbo paralelo *shah-mam*." *Shah-mam* é o verbo usado no versículo 14, e significa ficar surpreso.

Uma tradução do Antigo Testamento por Isaac Leser, um judeu, traz este texto como segue: -

"Assim como muitos ficaram surpresos com você, então grandemente foi seu semblante desfigurado mais do que qualquer (outro) homem, e sua forma mais do que (dos) filhos dos homens. Assim, ele fará com que muitas nações pulem (em espanto); com ele e os reis calarão a boca ", etc.

Dr. Clarke diz: "Eu mantendo a tradução comum, embora não seja de forma alguma satisfeito com ela." Ele nota vários autores que estão igualmente insatisfeitos com ela, e finalmente diz que a "Septuaginta parece dar o melhor sentido de qualquer outra para o lugar." Ele cita um comentário muito criterioso de Seeker, no qual ele diz: "Yaz-zeh, frequente na lei, significa apenas borrifar; mas a água borrifada é acusativa: a coisa sobre a qual tem *al* ou *el*. *Thaumasonai* faz a melhor contrasteção." O Dr. Clarke também cita uma crítica ao Dr. Jubb, que a torna: "Assim será que muitas nações olhem para ele com admiração; reis devem fechar suas bocas, "etc.

Esta crítica, assim como algumas outras notadas, preserva a *ideia geral* muito bem, o que parece ter sido o objetivo dos autores; mas não é um fim em si mesmo, pois dá a *forma ativa*, *ao passo que thaumasonai* é a *voz passiva*, que quase corresponde ao hebraico; pois esse tem a *forma causativa*. E isso mostra que a tradução dada por Gesenius não é apenas preferível, mas necessária ou inevitável. Para traduzi-la, *ele deve aspergir*, mudando sua forma gramatical, *causativa*, e apresentá-la na primeira ou na forma *ativa simples*;

e também destrói a harmonia da construção ao ignorar o paralelismo tão lindamente mostrado no original. A última tradução citada, do Dr. Jubb, é aberta a esta objeção adicional, que dá o *plural ativo* (*kal*), (eles devem admirar), enquanto o hebraico é o *causador* (*hiphil*), *singular*, (ele os causará, etc.), preservando a ideia geral do

verbo. Estamos dispostos a apresentar, esta evidência, que o texto não deve ser processado *como aspergir*.

CAPÍTULO III

BATISMO DO ESPÍRITO - ESCRITURA

ILUSTRAÇÕES - INSTÂNCIAS

Mais uma vez, deixamos o Prof. Stuart falar, já que ele professa resolver toda questão *sobre um princípio* que ele considera a prova mais decisiva contra confinar nossa prática na *imersão*, segundo a palavra *baptizo*. Ele se refere ao espírito do evangelho, da seguinte forma: -

"Sempre que um cristão esclarecido deseja fazer a investigação, o que é *essencial* para sua religião, ele não deve abrir instintivamente sua Bíblia em João 4, e ali lê-se assim: 'Acredite em mim, chegará a hora em que vós, nem neste monte, nem ainda em Jerusalém, adorarão o pai. . . . A hora vem, e agora é, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; pois o Pai busca tais para adorá-lo. Deus é um Espírito, e aqueles que O adoram deve adorá-lo em espírito e em verdade. '"

Na verdade, parece estranho que um homem como o Prof. Stuart pudesse encontrar qualquer garantia neste texto para se afastar da leitura simples e literal do registro divino. O princípio aqui declarado cobre toda adoração e todos os deveres. Isto é admitido livremente. Mas lemos também: "Tua palavra é a verdade." Portanto, João 4 é apenas pervertido quando, sob o pretexto de adorar a Deus em espírito e em verdade, estabelecemos outra coisa além de *sua palavra*, que é a *verdade*, e que é a única medida verdadeira de religião. Com razão, o romanista pode citar João 4 para justificar a adoração de imagens contrárias à declaração expressa da palavra de Deus. O amigo (Quaker) cita isso para anular o preceito do batismo completamente, e sua conclusão é certamente tão justa como a do Prof. S., e de todos aqueles que insistem no serviço de mudar esta ordenança de nosso Salvador. Se pudermos separar um dever sob o pretexto de adorar em espírito, podemos outros, e nossa adoração torna-se uma mera questão de escolha ou adoração. Por mais que possamos considerar a intenção do Prof. Stuart, somos compelidos a condenar seu raciocínio, o que, se aceito, transformaria nossa religião em sentimentalismo antinomiano.

BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

Um argumento a favor do *derramamento* deve ser encontrado neste batismo, porque o Espírito foi *derramado*, ou *vertido*. Veja Atos 2. Mas há duas dificuldades decisivas no caminho desta conclusão: 1. A palavra *ekcheo* nem uma vez é usado em várias instâncias no Novo Testamento, onde há referência à ordenança do batismo nas águas. 2. Embora o Espírito tenha sido *derramado naquele dia* de Pentecostes, *encheu toda a sala* onde os discípulos estavam. Se a água fosse *derramada* em uma sala até a sala estar *totalmente preenchida*, todas as pessoas naquela sala estariam *totalmente rodeadas de*, ou *submersas na* água. E este foi o caso no derramamento do Espírito. Quando se fala *do Espírito, usa-* se a palavra *ekcheo*, que é definida como derramar para fora. Mas ao falar *das pessoas* a palavra *baptizo* é usada, a qual em todos os léxicos é definida como *imergir*. Isso foi literalmente realizado pelo derramamento do Espírito em toda a sala em que estavam.

ILUSTRAÇÕES DAS ESCRITURAS

O apóstolo Paulo fala duas vezes do batismo como *sepultura*. Esta expressão é apenas de acordo com o significado da palavra *imersão*. Mas o termo não é bem escolhido se pretende representar *aspersão* ou *derramamento*. É comparado ao sepultamento e ressurreição de Cristo, para a qual a ordenança tem referência indubitável. "De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida." Rom. 6: 4. "*Sepultados* com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos." Colossenses 2:12. Os estudiosos mais eminentes, entre aqueles que defendem a prática de aspersão, foram obrigados a admitir que essas ilustrações têm referência indubitável à *prática primitiva* de imergir no rito do batismo.

O leitor nos perdoará por notar o esforço que foi feito para evitar a força dessas escrituras. Porque este batismo é *um enterro* e não pode ser feito como *uma aspersão*, tem sido negado que se refere ao *batismo com água*. Talvez, disse o objutor, se refira ao fato de que os discípulos foram sepultados no amor de Deus! Se isso fosse verdade, não destruiria a força da declaração de que o *batismo é um sepultamento*. O significado da palavra é o mesmo, independentemente do elemento usado. Mas isso não pode ser verdade, por esta consideração: Em tudo o que uma pessoa está enterrada, quando ela é ressuscitada, ele é ressuscitado do mesmo. Se formos enterrados na terra, somos ressuscitados fora da terra; se enterrados na água, somos elevados fora da água; e se enterrado no amor de Deus, somos ressuscitados para fora do amor de Deus! Disse o apóstolo aos seus irmãos: "*Sepultados com ele no batismo, no qual também ressuscitastes* com ele". Estavam eles ressuscitados *do amor de Deus*? Será que tal ressurreição os levaria a buscar aquelas coisas que estão acima? Veja o cap. 3: 1. Mais uma vez pedimos perdão por perceber tal objeção. E devemos expressar nosso espanto que homens de eminência e conhecimento apresentaram essa ideia em oposição à imersão. Às vezes é necessário mostrar o quanto ocioso é o esforço para escapar da força do limpo testemunho da palavra de Deus. E isso mostra quais posições os homens estão dispostos a tomar, e quais conclusões eles irão arriscar, para apoiar suas teorias contra a leitura simples e significado evidente das Escrituras.

Sob este título deve ser considerado 1 Coríntios. 10: 2. Dr. Clarke sanciona a ideia de que os israelitas foram aspergidos pela nuvem sobre eles, e que isso indica que o batismo é por aspersão. É deplorável que alguém tão maduro em estudos - tão capaz como um crítico - deveria sofrer como cegado pela teologia de uma igreja.

A linguagem e os fatos não admitem tal construção. Devemos ler isso, "*Aspergido pela nuvem e pelo mar*"? Nós não podemos. "*Polvilhados na nuvem e no mar*"? Isso é impossível. O Prof. Stuart é muito mais razoável neste ponto; ele diz:--

"Algumas vezes foi sugerido que os israelitas foram *aspergidos* pela nuvem e pelo mar, e este era o batismo que Paulo pretendia designar. Mas a nuvem nesta ocasião não era uma nuvem de chuva; nem encontramos qualquer sugestão de que as *águas do mar aspergiram* os filhos de Israel neste tempo. Muita coisa é verdade, a saber, eles não

foram *imersos*. No entanto, como a linguagem deve evidentemente ser figurativa em certo grau, e não literal, não vejo como, no todo, podemos fazer menos do que supor que tem uma referência tácita à idéia de *cercar* de uma forma ou de outra. "

Desde que não tenham sido imersos, certamente não foram aspergidos. E admitindo que a palavra *batizar* é usada figurativamente em certo grau, mas a figura deve ser interpretada da forma mais próxima de se conformar com o significado real da palavra, *ou seja*, imergir. E isso é feito pela ideia de *entorno*, conforme o Prof. Stuart aponta; e atende às condições estabelecidas muito melhor do que qualquer outra construção.

INSTÂNCIAS DE BATISMO

João batizou *no rio Jordão*. Cristo, nosso padrão, foi batizado no Jordão. O registro diz: "E Jesus, quando foi batizado, *subiu* imediatamente *fora da água*. "Mat. 3:16. Quantos seguidores professos de Cristo teriam vergonha de descer à água para ser batizado; ter vergonha de ser visto saindo da água, como Jesus seu Senhor foi visto!

" João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali, e eram batizados."João 3:23. A razão aqui dada para batizar naquele lugar parece inconfundivelmente para a mesma ação que encontramos indicada em Mat. 3, batizando em um local de água. Podemos seguramente deixar a critério de cada leitor que esta razão nunca seria oferecida em favor da prática moderna do *rabantismo*, se pode até ser chamado assim; como vimos recentemente um ministro mal tocou as pontas dos seus dedos na água, e os colocou sobre a cabeça de uma criança. Não era como borifar água em uma criança. Nada desse tipo é encontrado na linguagem do Novo Testamento.

As circunstâncias que acompanharam o batismo do eunuco proporcionam evidências sobre este assunto. Primeiro, notamos, neste caso, a importância do batismo na pregação do evangelho. Filipe "pregou a ele Jesus", e na mesma entrevista o batismo foi desejado pelo eunuco, o que prova que a pregação de Jesus incluía pregar o batismo no ministério dos apóstolos e evangelistas. Quão diferente é isso do ensino e pregação de muitos nos dias atuais.

Em segundo lugar, notamos que ambos entraram na água, e lá Filipe batizou o eunuco. E juntos eles saíram da água. Isso não é consistente com a ideia de qualquer administração, exceto a de imersão. A única observação que encontramos no Prof. Stuart sobre o batismo que dá ocasião para duvidar de sua franqueza como escritor está neste texto. Ele diz:--

"Se *katabesan eis to hudor* significa designar o ato de *mergulhar* ou *ser imerso* na água, como parte do rito do batismo, então Filipe foi batizado bem como o eunuco; pois o escritor sagrado diz que ambos *foram para a água*. Aqui, então, deve ter havido um rebatismo de Filipe; e o que é pelo menos singular, ele deve ter batizado a *si mesmo*, assim como o eunuco. "

Essas observações são totalmente desnecessárias pelo registro; elas são tão indignas do homem que os escreveu a partir do assunto sobre o qual foram escritos. Indo para baixo na água é um pré-requisito necessário para o batismo (mas não para aspersão); mas ninguém jamais afirmou ou mesmo pensou que *katabesan eis to hudor* expressa "a ação

de mergulhar ou ser imerso." Tememos que a ideia brotou na mente de um *teólogo* em vez de um crítico; pois quase a próxima frase diz "*kai e baptisen auton*" e ele o batizou." Isso exclui qualquer possibilidade de obscuridade.

É verdade que os dois mergulharam na água, e é sempre assim quando a imersão é praticada. O administrador e o sujeito vão para baixo da água. Mas descer na água não é e não era batismo. Faz o registro dizer que ambos desceram para a água e *foram batizados?* Não. "Eles desceram ambos para a água, tanto Filipe como o eunuco; *e ele o batizou.*" Não faz parte da franqueza nem da reverência que as Escrituras levantem poeira sobre testemunho tão claro e inconfundível como este.

Uma dúvida foi levantada sobre a existência de água suficiente para imersão neste caso, porque o versículo 26 fala do país como sendo "deserto". A palavra deserto, (erímos) não significa necessariamente um deserto, lugar árido, desprovido de água ou vegetação, como se pode supor, mas uma região solitária e desabitada. Veja Greenfield e compare Matt. 14:13, 15, 19. Esta escritura diz que eles estavam em "um lugar deserto à parte", e porque era deserto, e o dia estava passando, os discípulos pediram a Jesus para mandar embora a multidão para que eles pudessem ir às aldeias e obter alimentos. Mas ele ordenou que a multidão "sentasse na grama" e ele os alimentou ali. Agora o ponto está provado. No caso em questão, Atos 8, eles se levantaram da água, como é indicado pela exclamação repentina do eunuco, - "Veja, aqui está a água; o que impede que eu seja batizado? "Viajantes que passaram" de Jerusalém a Gaza ", diziam que havia nascentes e poças na rota bastante suficiente para o efeito."

The Bourdeaux Pilgrim, menos de trezentos anos após o evento [ad 333], descreveu com cuidado sua situação. Sua nota é (conforme ele avança de Belém): 'Daí para Bethazsora são quatorze milhas, onde *está* a fonte em que Filipe batizou o eunuco. Daí para o carvalho onde Abraão morou, são nove milhas. Daí para Hebron são três quilômetros. Eusébio, na palavra Bethsur, tem a seguinte nota: 'Bethsur da tribo de Judá ou Benjamin. Também existe agora uma aldeia Bethsoron, a trinta quilômetros de Jerusalém em direção a Hebron, onde também uma fonte que sai de uma montanha é mostrada, na qual o eunuco de Candace teria sido batizado por Filipe. Jerome da mesma maneira diz na mesma palavra: 'Betsur na tribo de Judá ou Benjamim. Existe neste dia uma aldeia Bethsoron, para nós indo de Jerusalém a Hebron, no vigésimo marco; perto da qual uma fonte, fervendo no sopé de uma montanha, é absorvida pelo mesmo solo de onde brota, e os Atos dos Apóstolos registram que o eunuco da Rainha Candace foi batizado ali por Filipe. "

Essas citações foram tiradas de um viajante americano recente, Rev. GW Samson. O que se segue é da própria observação do Sr. Samson: -

"Começando agora de Jerusalém na rota assim indicada, vamos ver as facilidades de imersão ao longo de seu curso, e principalmente no local onde a história relata o batismo do eunuco. Prosseguindo em cavalos na taxa normal de três milhas por hora, em duas horas e trinta minutos alcançamos as três imensas piscinas de Salomão, de onde a água foi conduzida para Jerusalém. Nos dias de Cristo eram pequenos lagos de água, pois os três cobriam cerca de três acres de solo, e quando cheios, eles forneciam todas as instalações necessárias para imersão, abertos, como eles eram, e em um vale retirado. Mesmo agora, tal é a quantidade de água na piscina inferior, que um lugar mais conveniente para a ordenança sagrada dificilmente poderia

ser desejado. Prosseguindo dali pela colina e vale, e por um longo vale, que, pela quantidade de seus poços, os arrieiros chamam de *Wady el-Beer*, o Vale do Wells, em mais uma hora e cinquenta minutos paramos em uma encosta para regar nossos cavalos, e beber em um grande reservatório com teto arqueado, de onde a água é deitada com um balde. Sobre este lugar o Dr. Robinson diz: 'A estrada até a ascensão é artificial; metade subindo é uma cisterna de água da chuva, e um lugar aberto de oração para os Viajantes maometanos. Nesse local, a imersão não seria difícil. Descendo daí para o vale fino antes de nós, cruzando-o e subindo do lado oposto, em trinta e cinco minutos mais chegamos às ruínas de uma antiga cidade, que nosso *arrieiro* chama de *Howoffnee*, mas que o Dr. Robinson destaca como *Abu Fid*; mencionando 'oliveiras, e cultivo ao redor, e um reservatório de água da chuva.' Este reservatório fica em campo aberto, com uma borda gramada ao redor. É cinquenta ou sessenta pés quadrados, e agora está, no último dia de abril, cheio de água, sendo a profundidade aparentemente, de três a cinco pés. É evidentemente antigo, as paredes sendo construídas de grandes pedras talhadas. Um local mais adequado para imersão não poderia ser desejado. Prosseguindo em frente, através de um país bastante aberto e consideravelmente cultivado, em uma hora e cinco minutos chegamos, ao pé de uma colina longa e íngreme, as ruínas de uma fortaleza ou igreja à esquerda de nossa estrada. . . Na frente da fortaleza diante de nós há uma água jorrando uma fonte de água doce e grandes calhas de pedra nas quais regamos nossos cavalos. Este local foi fixado pelo Dr. Robinson como o *Bethsur* mencionado por Eusébio e Jerônimo como o lugar onde o eunuco foi batizado. . . o solo na frente da fonte e a estrutura atrás dela é tão fragmentado e coberto de pedras, que é difícil determinar o que um dia esteve aqui. Há sim agora um buraco ligeiramente deprimido com um fundo de areia ou cascalho. Dificilmente é concebível que, nos dias de Herodes, o construtor da fonte, favoravelmente na primavera não deveria ter sido usada para fornecer uma piscina nesta terra de tais estruturas; e mesmo agora água suficiente para fornecer tal reservatório, flui das calhas e penetra no solo."

Omitindo o aviso de todos os outros lugares, fornecemos evidências apenas em relação à rota percorrida pelo eunuco "de Jerusalém a Gaza", visto que nisso há tantas dúvidas e equívocos. Nós achamos, --

1. A palavra *erí mos* (deserto) significa região desabitada, e não necessariamente uma planície árida e estéril. Provado também por Mat. 14
2. A rota percorrida pelo eunuco é uma terra de colinas e vales, montanhas e vales, muitos deles próprios para cultivo.
3. Existem neste percurso inúmeras nascentes e poças de água; algumas das piscinas estão abertas até hoje, enquanto as aparências indicam que outras estavam abertas nos dias do Salvador.

Isso mostra como é desnecessariamente errado duvidar da linguagem simples das Escrituras.

CAPÍTULO IV

UM BATISMO OU TRÍPLICE BATISMO

Há quem afirme que três imersões ("tríplice imersão") são necessárias à plena consumação da ordenança; e eles estão acostumados a referir-se, com grande confiança, à *prática* de certas pessoas ou igrejas, como provando a correção de seus pontos de vista. Não temos qualquer consideração pelas práticas das igrejas, exceto quando estão em conformidade com os requisitos especificados da palavra sagrada. Nem a idade nem o consentimento popular justificam o erro. Nossa investigação não é: o que foi praticado? mas, o que é verdade? Não nos importamos com nada o que as pessoas *fizeram*, mas pelo que *deveriam ter feito*. Nós sabemos que muitos erros graves foram introduzidos na igreja desde muito cedo. Mas nós não temos mais confiança ou respeito por uma prática ou instituição que pode ser rastreada até a escuridão do terceiro século, do que se pudesse ser rastreada apenas até o século quinze. "O que dizem as Escrituras?" Essa é nossa única investigação.

Mas é instado assim: "A Igreja Grega pratica a tríplice imersão, e nós devemos dar lugar a eles na compreensão de sua própria língua." Respondemos a isso, que não há menção de tríplice imersão no grego do Novo Testamento. Há um mandamento de *ser batizado* e os gregos, em obediência a este preceito, são *imersos*. Até agora, confiamos com segurança em seu conhecimento da língua grega. Mas o grego também diz: Ef. 4: 5, *há um só batismo*, e se eles se afastarem disso e praticarem *três batismos*, então eles se afastam do texto de sua própria língua, e podemos não segui-los. A *tríplice imersão* nada mais é do que *três batismos*, como mostrado a seguir:

1. Aqueles que praticam a tríplice imersão nunca borrifam; eles concordam conosco que a palavra grega é traduzida apropriadamente por *imersão*; e, portanto, estamos de acordo que o batismo é equivalente a imersão. Portanto, se Ef. 4: 5, for traduzido em sua totalidade, seria lido: "Um Senhor, uma fé, uma imersão." Portanto, seu sistema é claramente contrário a esta escritura; pois eles realmente têm três batismos. Para responder, como eles sempre fazem, que eles têm *um batismo com três imersões*, apenas contradiz sua própria fé declarada, que o batismo é imersão. Pois se o batismo é devidamente traduzido por imersão, então a expressão "um batismo com três imersões", é tão paradoxal como se dissessem, um batismo com três batismos, ou uma imersão com três imersões. Certamente é assim, a menos que admitamos que o batismo não é idêntico à imersão. Mas se fizermos isso nós saímos de todo o terreno sólido, e a questão do *modo* ainda fica sem ser resolvida; isto é, mas permanece provado que a imersão, e somente isso, é o batismo.

2. Não parece razoável que três batismos sejam exigidos porque há três nomes dados na comissão. Essa visão envolve muita separação entre Pai, Filho e Espírito Santo. Mesmo em transações comerciais, qualquer coisa feita por um agente para uma empresa de três partes é feita uma vez para todas elas; pois uma dívida de mil dólares não poderia ser cobrada três vezes, uma para cada uma da firma, se mil fosse a soma especificada. Mas a união de uma empresa nos negócios está longe de representar a unidade existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e um batismo é o requisito especificado.

3. Não é correto afirmar que as elipses da linguagem da comissão só podem ser fornecidas pela leitura: "Batizando-os em nome do Pai, e batizando-os em nome do Filho, e batizando-os em nome de o Espírito Santo." É contra os fatos da Escritura e as analogias da linguagem. O batismo separado em cada nome significa três batismos e isso não pode ser negado. Como analogia, lemos que Jesus virá em sua própria glória, na de seu Pai e na dos santos anjos. Seu método de argumento seria lido assim: "Quando ele vier (uma vez) em sua própria glória, e vier (duas vezes) na glória de seu Pai, e vier (três vezes) na glória dos santos anjos." Mas isso não é verdade. É apenas uma vinda na tríplice glória.

Há uma razão totalmente melhor para afirmar em Ex. 3: 6, que há três Deuses - "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Existe uma diferença justa entre o uso e o abuso da linguagem, e todos devem reconhecê-la.

4. Mas, novamente, sua prática não é consistente com sua teoria. Eles insistem que três imersões são necessárias para um batismo. Então, se leremos a comissão como eles fazem, e aplicarmos a definição de batismo como eles afirmam, ela ficará assim: batizando-os (três vezes imersão) em nome do Pai e batizando-os (três vezes imergindo) em nome de o Filho, e batizando-os (três vezes imergindo) em nome do Espírito Santo. E, portanto, nove imersões são necessárias para cumprir a comissão! Eles não podem evitar essa conclusão, a menos que reconheçam que eles batizam adequada e verdadeiramente em cada nome por uma imersão, o que significa que um batismo é verdadeiramente administrado por uma imersão, o que é fatal para sua teoria.

5. Heb. 6: 2, é citado por eles ("doutrina de baptisms") como prova de que existe uma pluralidade de baptisms. Mas se isso for prova ao ponto, por que eles negam que praticam três batismos? e qual é a necessidade de inventarem a expressão paradoxal de "um batismo de três imersões "? O texto citado é verdade, mas não no sentido em que o interpretam. As Escrituras falam de um batismo de água e um batismo do Espírito. Para admitir *três do mesmo tipo* certamente se contradiz Ef. 4: 5. Seja falado em Ef.4:5 do batismo da água ou do Espírito, certamente prova que há apenas um do tipo de que fala.

6. Paulo, em Rom. 6: 3, diz que somos batizados na morte de Cristo, ou sepultados na semelhança de sua morte. 1 Cor. 15: 3, 4, diz que Cristo morreu por nossos pecados, foi enterrado e ressuscitou. Esta é a ordem. E é a isso que o apóstolo se refere em Rom. 6: 1-3, é claro, pois ele dá nosso batismo ou *sepultamento* como prova que estamos *mortos*; ele faz a morte (muito apropriadamente) preceder o enterro. Nós perguntamos, então, Cristo morreu três vezes? Insistimos que ele morreu tão frequentemente quanto foi enterrado. E se formos enterrados três vezes, não somos sepultados à semelhança de sua morte; pois ele morreu e foi enterrado apenas uma vez. Isso é decisivo sobre o assunto.

Se uma pessoa deve ser enterrada com a *face para baixo*, como o batismo da tríplice imersão, pode ser, talvez, uma questão de gosto, mas pensamos que tal método de sepultamento já foi conhecido. Um autor diz que não podemos apelar com segurança para o costume neste assunto, porque os romanos cremavam ou queimavam os mortos, em vez de enterrá-los! Mas o *Salvador não foi cremado*, nem este foi um costume com os judeus. Poderia ser mostrado que Jesus foi colocado na sepultura com a face voltada para baixo, haveria alguma demonstração de razão para essa prática. Mas não achamos que tenha sido; nem pensamos que o sepultamento dessa maneira é a forma apropriada, e devemos sempre seguir o que parece ser a maneira mais adequada.

Tertuliano mencionou três imersões, pelas quais aprendemos que tal prática foi apresentada já em seus dias. Mas o Prof. Stuart o cita dizendo sobre este assunto:--

“Daí estamos três vezes imersos, *respondendo, ou seja*, cumprindo, um pouco mais do que o Senhor decretou no evangelho. ”- *De Corona Militis*, 3.

Se podemos confiar na linguagem do evangelho, Tertuliano estava certo em assim dizer. Três imersões nunca foram decretadas por nosso Senhor no evangelho. Ao ao contrário, ao especificar "uma imersão", a outra prática é positivamente proibida.

Mas mais um ponto que iremos notar, para mostrar um pouco a natureza da prova em que eles confiam. Um de seus autores proeminentes tenta encontrar a tríplice imersão no suposto fato de que a nação judaica foi batizada três vezes, uma no o Mar Vermelho, uma vez por João, e uma vez na comissão do evangelho. Fraco, de fato, é a causa que deve apresentar tais argumentos para se sustentar. Nós vamos examinar isso brevemente.

1. A afirmação que contém não é verdadeira. Os *mesmos indivíduos* não foram batizados no Mar Vermelho e por João; nem foi a *nação judaica* batizada sob a comissão do evangelho. Indivíduos dessa nação foram batizados no evangelho, mas ao fazer isso, eles renunciaram a tudo o que os separava dos gentios. Veja Rom.2 e Ef. 2

2. Se eles foram batizados três vezes, então, novamente, a reivindicação é apresentada a favor de *três batismos*. Mas isso eles negam.

3. Se não há verdadeiro batismo sem três imersões, como eles afirmam, então, visto que Paulo diz que eles foram batizados na nuvem e no mar, eles deveriam ser imersos três vezes na nuvem e no mar. Mas eles não foram; e isso prova novamente que uma imersão é o batismo, de acordo com as Escrituras.

4. Se aplicarmos a este texto a regra de linguagem que aplicam à comissão em Mat. 28, lia-se que todos foram batizados (uma vez) na nuvem e (mais uma vez) no mar; um batismo para cada um. Mas eles não foram; pois a nuvem e o mar não os cercaram de uma vez. Aqui novamente, sua regra mostra-se errônea.

5. Mais uma vez, aplicando sua regra e sua definição a esta instância, ou seja, um batismo para cada um, e três imersões para um batismo, e em seguida, batizam (três vezes imersos) na nuvem e batizam (três vezes imersos) no mar - seis imersões na passagem do Mar Vermelho. Negando qualquer um dos ramos dessa conclusão é fatal para sua teoria.

Embora rejeitemos a teoria como cercada de cada lado por seus próprios absurdos, reconhecemos alegremente nosso respeito pelos batistas alemães (Dunkers) que ensinam e praticam a tríplice imersão. Eles geralmente são encontrados como sendo um povo quieto e ordeiro. Mas isso não deve impedir que exponhamos o erro em que eles caíram. Ao contrário, nosso respeito por eles, nosso interesse por eles, aumenta nosso desejo de vê-los bem neste importante assunto.

CAPÍTULO V

NÃO-BATISMO DOS AMIGOS OU QUAKERS

Embora percebamos os erros prevalecentes no assunto do batismo, devemos brevemente observar o dos Amigos, que ignoram totalmente o rito. Este erro não é assim muito fundamentado em uma construção errônea ou exibição falsa de textos específicos, como na adoção de *um falso princípio*, que é aplicado, professamente, a tudo o que diz respeito ao Cristianismo. Dizemos *professamente*, pois *na verdade* eles estão muito aquém de uniformemente aplicar o princípio.

Eles professam acreditar que toda a verdadeira adoração é *interna*, e que o único batismo exigido é o do Espírito. Formas externas ou exteriores consideram sendo vaidosas, ou como substitutos carnais para o interno e o verdadeiro. Portanto eles descartam inteiramente o sábado, a ceia do Senhor e o batismo. Eles podem, nós pensamos, com igual propriedade, descartar assembleias públicas para adoração e oração audível. Enquanto eles rejeitam o que é claramente ordenado porque é *exterior* e *visível*, com uma estranha inconsistência, eles atribuem grande importância a uma fraseologia particular da fala, e até mesmo ao corte de um casaco ou a moda de um gorro. Eles nos repreendem (gentilmente, é verdade) por não usarmos as mesmas formas de discurso usado pelo Salvador, como *vós em vez de você*, parecendo não entender que nenhuma dessas formas foi usada pelo Salvador, porque ele não falou a Língua Inglesa.

Uma tradução correta para qualquer idioma em um determinado momento é uma tradução de acordo com o uso adequado dessa linguagem naquele momento. O presente método de falar a língua inglesa dá uma tradução tão correta do grego quanto a forma usada há dois ou três séculos. Por um povo para implorar em preferência pelo outro, enquanto descartam os preceitos explícitos dados pelo Salvador, é como o dízimo da hortelã e do cominho, e a omissão das questões mais importantes da lei.

O uso e a associação nos fizeram considerar a língua inglesa como foi falada há três séculos, como o *estilo sagrado*, apenas porque o *As sagradas escrituras* foram dadas a nós por tradução nesse estilo. Agora parece ser bastante irreverente se dirigir ao trono da graça no inglês moderno, ou na forma da linguagem comumente usada ao se dirigir a nossos companheiros mortais. Mas se nossa reverência é fomentada por tal discriminação nas formas de tratamento, é proporcionalmente diminuída ao nos dirigirmos aos nossos companheiros no estilo mais solene agora especialmente apropriado à devoção. Um não mais do que o outro dá a forma usada por nosso Salvador; mas um é por costume ou uso apenas, adaptado à devoção, enquanto o outro, sendo a forma atual da linguagem, é usada apropriadamente na vida cotidiana.

Somos levados a fazer essas observações sobre as opiniões dos Amigos, ao que parece necessário entender seu método de aplicação do princípio que eles têm adotado.

Todo *princípio* que entra em conflito com o testemunho claro da *palavra* divina é de uma garantia falsa. Aplicado ao assunto da ceia do Senhor, seu princípio deve ser reprovado. O Salvador ordenou a seus discípulos que bebessem o fruto da videira e comessem o pão em memória dele. Lucas 22: 17-20. Paulo corrigiu os abusos da ordenança e explicou

ainda mais seu uso, mostrando que deve continuar até que nosso Senhor volte. 1 Cor. 11: 23-26. Um princípio deve ser falso pelo qual um dever tão claramente prescrito é rejeitado. Não importa quanto seja reivindicado para espiritualidade na adoração, não há espiritualidade nem adoração em desobediência. Como se o homem pudesse entender melhor o que é agradável à vista de

Deus do que podemos aprender com sua palavra, que é dada como uma lâmpada aos nossos pés e uma luz para o nosso caminho. - "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade." João 17:17. Assim, nosso Salvador orou a seu pai. Quanto mais nos agarramos à palavra, mais perfeitamente caminhamos na verdade. Quanto mais perfeita nossa obediência aos seus mandamentos, maior será a nossa santidade. 1Ped. 1:22; João 14:15; 1 João 5: 3.

Quanto à ceia do Senhor, raciocinamos a respeito do batismo. Nossa Salvador ordenou e seus apóstolos ensinaram e praticaram. A afirmação que o batismo do Espírito é o batismo exigido em seus ensinamentos, não corresponde a todos os casos, pois tanto Cristo como seus apóstolos ordenaram o batismo. Mas o batismo do Espírito é *uma bênção prometida e a ser recebida*; enquanto o batismo na água é *um dever ordenado e a ser cumprido*. Esta verdade é evidente para todo leitor da Bíblia. O Espírito é chamado de "Espírito Santo da promessa", porque é puramente *uma questão de promessa*, e se distingue, não só por esse motivo, mas por provas diretas das Escrituras, do batismo na água, que é *uma questão de preceito*.

O Salvador, em sua comissão aos discípulos, ordenou o batismo. O primeiro sermão sob esta comissão, como argumentamos em outro lugar, está registrado em Atos 2. Neste sermão, o *batismo é uma condição da promessa do Espírito*. "O dom do Espírito Santo" é a *bênção prometida*; arrependimento e batismo são os *deveres ordenados* a fim de receber a bênção da promessa. Aqui está uma relação dos dois que não podem ser ignorados sem ignorar a comissão e seu cumprimento, e assim ignorando a autoridade de nosso divino Senhor.

Filipe, o evangelista, foi e se juntou à carruagem do eunuco por direção especial do Espírito de Deus. Atos 8. O que ele disse e fez foi pela inspiração do Espírito. Tendo pregado Jesus ao eunuco, o eunuco pediu o batismo. Filipe deve ter pregado o batismo na pregação de Jesus. E ambos Filipe e o eunuco desceram na água, e ele o batizou. E o Espírito, sob cuja direção Filipe batizou o eunuco o levou embora para que o eunuco não o visse mais; e o eunuco seguiu seu caminho regozijando-se.

Pedro, também por direção especial do Senhor, foi à casa de Cornélio. O anjo disse a Cornélio para mandar chamar Pedro, dizendo-lhe: "Ele te dirá o que tu deves fazer." Pedro pregou o evangelho a todos os reunidos, e eles creram, e o Espírito desceu sobre eles, assim como caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes. Então Pedro disse: "Pode algum homem proibir a água, que estes não sejam batizados, pois receberam o Espírito Santo tão bem quanto nós? E ele ordenou que eles fossem batizados em nome do Senhor." Neste caso, o mensageiro celestial referiu a Pedro que diria a ele como algo que *ele deveria fazer*. E Pedro ordenou que ele fosse batizado. O que ele deveria fazer era ser batizado na água, pois assim disse Pedro, e o batismo do Espírito eles já haviam recebido. Pedro, sob inspiração e direção do Céu, não disse a eles que o batismo do Espírito era tudo o que era necessário, mas deu o recebimento deste como prova da propriedade de serem batizados nas águas.

Paulo veio a Éfeso e encontrou certos discípulos que não tinham sido devidamente instruídos na doutrina do evangelho, que não receberam o Espírito Santo. Sob seu ensino e por seu mandamento, eles foram batizados; e depois deles serem batizados, Paulo impôs suas mãos sobre eles e o Espírito Santo veio sobre eles. Aqui este apóstolo inspirado, por cuja interposição o Espírito Santo veio sobre eles, exigia que fossem batizados antes de colocar as mãos sobre eles. A ordem, em relação ao *dever* e *ao dom*, aqui seguida, é aquela estabelecida por Pedro em Atos 2:38, 39.

Esses cinco pontos das Escrituras apresentados, cada um claro e positivo em seus ensinamentos, que mostram que os apóstolos, agindo sob a inspiração do Espírito, ensinaram e praticaram o batismo nas águas, e Jesus ordenou que assim fizessem. Aqueles que rejeitam o batismo nas águas, rejeitam o conselho de Cristo e do Espírito Santo, como mostrado nos ensinamentos e ações do Senhor e seus apóstolos. A sabedoria de tal a este respeito não está de acordo com a palavra do Senhor e, portanto, não pode ser de cima.

Desta classe, dizemos, como da última referida, *por* um sóbrio e quieto comportamento geralmente conquistaram o respeito de seus conhecidos. Mas nenhuma quantidade de atitude piedosa desculpará o afastamento dos requisitos simples das Escrituras. Nossa Salvador disse: "Em vão eles me adoram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens." Não importa quão grande seja a aparência de santidade, é perfeitamente possível tornar toda a nossa adoração vã, anulando os mandamentos de Deus pelas tradições humanas, ou andando de acordo com as doutrinas de homens contrárias aos preceitos das Escrituras.

CAPÍTULO VI

O BATISMO DE JOÃO

Tem havido muito questionamento a respeito da relação do batismo de João no evangelho – se é ou não o batismo do evangelho. Pode não ter muita importância, tendo apenas pouca relação prática com o dever presente, mas um breve aviso de que pode não estar fora do lugar. Nossa opinião é que não há tanta diferença entre o batismo de João e o dos discípulos de Jesus, como é geralmente suposto.

Falando sobre "o início do evangelho de Jesus Cristo", Marcos começa com o batismo de João, e a proclamação de João era idêntica à primeira proclamação de Jesus. João disse: "Arrependei-vos, porque o reino dos céus é chegado" Mat. 3: 2. A primeira pregação do Salvador foi esta: "O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho." Marcos 1:15. João disse que pregou o batismo de arrependimento e fé naquele que havia de vir, isto é, Cristo. O primeiro sermão após a ressurreição de Cristo foi de arrependimento e batismo no nome de Jesus. Parece que todo o período desde o início da pregação de João até o momento em que os apóstolos se voltaram para os gentios, três anos e meio após a morte de Cristo, foi um período de *transição* de uma dispensação para o pleno estabelecimento da outra. As duas dispensações eram para um tempo determinado, como a seguir mostrará.

Jesus e seus apóstolos pregaram o evangelho, e seu batismo foi certamente o batismo do evangelho. Mas Jesus, quando curou uma certa pessoa, ordenou-lhe que fosse mostrar-se aos sacerdotes e oferecesse a oferta exigida pela lei de Moisés. E assim ele reconheceu a validade dessa lei da dispensação levítica naquele tempo. E os apóstolos não tinham permissão para pregar aos gentios, mesmo depois da morte de Cristo, até que eles tivessem oferecido o evangelho aos judeus, ou até que as setenta semanas de Daniel 9 fossem cumpridas. No entanto, o Novo Testamento foi ratificado pela morte de Cristo, Heb. 9: 15-17; e os ritos da lei levítica foram retirados do caminho por sua morte, quando foi pregado na cruz. Colossenses 2:14.

Atos 19 não fornece uma prova tão clara de que aqueles que foram batizados no batismo de João foram novamente batizados pelos apóstolos, como foi suposto por muitos. Este foi um caso incomum, de acordo com o registro. Ao ser questionado por Paulo, eles disseram: "Nós nem mesmo ouvimos se há algum Espírito Santo." Eles não foram batizados por João, mas por alguns de seus seguidores, e eles não foram instruídos como João instruiu aqueles que vieram a ele para o batismo. Mat. 3:11. Assim, parece que eles nem mesmo foram bem instruídos pelos discípulos de João, e parecia justo e necessário que o apóstolo deveria começar com eles como novatos.

Mas este caso apresenta prova satisfatória de que é certo rebatizar aqueles que não cumpriram os requisitos do rito do evangelho em seu primeiro batismo. Podemos falar disso mais particularmente a seguir. Intimamente conectado com esse assunto é:

O BATISMO DE CRISTO

Não queremos dizer com isso que o batismo que foi ensinado ou administrado por Cristo, como no caso de João, mas o que ele recebeu das mãos de João no Jordão. Sobre isso também tem havido muitas conjecturas. Principalmente que foi apenas para um exemplo. Jesus realmente foi nosso exemplo; mas pensamos que o batismo dele tem um significado além do mero exemplo. E aqui novamente, se o batismo de João era tão essencialmente diferente daquele do evangelho, como a maioria das pessoas supõem, seu exemplo sob um não teria peso em favor da obediência ao outro. Nesse ponto, chamamos atenção especial.

Cristo não foi apenas nosso exemplo, mas veio ao mundo para ser nosso substituto e nosso sacrifício. Aqueles que negam (como alguns o fazem) o substitutivo ou a natureza vicária do trabalho de

Cristo, colocam de lado a eficiência de sua obra para nossa salvação. Seu sofrimento por nós não estava totalmente na cruz; toda a sua vida foi de provação, de tentação e de aflição. No jardim, sua alma estava extremamente triste, até a morte; mas um anjo o fortaleceu para que ele não afundasse sob o pesado fardo de sofrimento. Quando Paulo disse: "Ele o fez pecado por nós", ele evidentemente significava que ele foi feito para ocupar nossa posição, ou ser um participante de nossa doença. E novamente quando ele disse: "Ele estava sob a lei", ele significava que ele foi submetido à nossa condenação; o argumento do apóstolo sobre a necessidade e trabalho de justificação mostra que esta expressão - nos termos da lei – significa sob sua condenação. Ele foi feito sob a lei, para redimir aqueles que eram abaixo da lei. Não *tenho obrigação com a lei*, como alguns insistem em vão, sendo que a condição não exige redenção. Adão estava sujeito à lei antes de cair, mas não queria redenção. É uma condição pecaminosa, ou ser condenado pela lei, que exige redenção. É evidente que Cristo foi "feito sob a lei" neste sentido: como "o salário do pecado é a morte", ele foi "feito pecado por nós", para cair sob a morte por nossa causa. E esta condição deve ter sido desde a tomada sobre ele a natureza ou "semente de Abraão". E se ele morreu porque nossos pecados estavam sobre ele (Isa. 53), e sofreu tentações e tristezas em nosso nome e por nossa conta, devemos concluir que ele foi batizado pelo mesmo motivo. E isso é ainda mais evidente quando consideramos que o batismo de João foi "o batismo de arrependimento para remissão de pecados." Marcos 1: 4. Assim não poderia haver nada apropriado para este propósito em ser batizado para si mesmo; pois ele não tinha pecados a confessar e não precisava de arrependimento. Mas na medida em que o Senhor "colocou sobre ele a iniquidade de todos nós", parecia adequado que ele fosse batizado, assim como os homens pecadores, pelos quais ele representou, deveriam ser batizados.

Há um significado maravilhoso em seu batismo que parece ser inteiramente perdido se perdemos de vista esta verdade importante. "Ele carregou nossos pecados"; ele agiu e sofreu como nosso substituto - em nosso lugar. Aqueles que pervertem ou desprezam levianamente seu batismo, devem estimar levemente os sofrimentos e a cruz de Cristo, bem como o seu exemplo.

BATISMO EM NOME DE CRISTO

Porque é dito em Atos 2:38; 8:16 e 19: 5, que foram batizados no nome de Jesus, alguns inferiram que os apóstolos batizaram em nome de Cristo *somente*. Mas essa conclusão é muito fraca. Para descobrir a falácia desta ideia, só será necessário examinar os termos da comissão dada.

1. O Salvador disse-lhes para ensinar todas as nações e batizá-las em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
2. Ele ordenou-lhes que ficassem em Jerusalém até que fossem revestidos de poder do alto. Eles não deviam pregar nem batizar até o Santo Espírito vir sobre eles.
3. O poder prometido veio sobre eles no dia de Pentecostes; e nesse dia foi pregado o primeiro sermão após a grande comissão ser dada.
4. Se eles não batizaram em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eles não obedeceram ao mandamento - eles não cumpriram a comissão sob a qual agiram e pela qual somente eles tinham autoridade para batizar. Acreditamos que ninguém estará disposto a arriscar uma conclusão como esta.

Se o registro em Atos fosse a única evidência no caso, a omissão dos nomes do Pai e do Espírito Santo podem ser considerados decisivos. Mas sabendo que estavam agindo sob uma comissão, cujos termos específicos exigia o uso dos três nomes sagrados, o caso parece bastante diferente.

Quando consideramos o preconceito que existia entre os judeus contra a pessoa e o nome de Jesus, vemos um bom motivo pelo qual seu nome deveria ser apresentado com ênfase peculiar a eles, pois nenhum preconceito existia contra os nomes do Pai e do Espírito Santo. Mas concluir a partir daí que eles não obedeceram ao mandamento de seu Senhor - que eles não cumpriram sua comissão de batizar em nome do Pai, Filho e Espírito Santo - é mais do que o registro inspirado justifica.

CAPÍTULO VII

A COMISSÃO AINDA EM VIGOR

Há um grande número de pessoas que parecem zelar pelo rito do batismo, tanto no que diz respeito à sua forma quanto aos seus assuntos, que ainda, para evitar a evidência da contínua presença e direta influência do Espírito Santo, afirmam que o comissão de Mat.28: 19, 20; Marcos 16: 15-18, foi dada aos apóstolos apenas e expirou com eles. Mas essa afirmação coloca seus defensores em uma posição nada invejável e inconsistente. Essa comissão foi a autoridade pela qual os apóstolos batizaram; e se a comissão expirou, não resta autoridade para administrar o rito do batismo. Não adianta dizer, como eles dizem, que devemos seguir o exemplo dos apóstolos nisso; pois o exemplo dos apóstolos, quando eles agiam sob uma comissão especial dada apenas a eles, não dá garantia a outros, que nunca receberam a comissão, para seguir na mesma ação depois que a comissão expirou. Tal procedimento indicaria a mais ousada suposição de autoridade sob qualquer governo.

Assim, é fácil ver que, quando qualquer indivíduo declara que a comissão sob a qual os apóstolos batizaram expirou, é equivalente a admitir que eles administram o batismo sem autoridade divina. Se o Senhor permitiu expirar a comissão, uma vez que continha a única garantia já dada no evangelho para batizar, então aqueles que continuam a prática estão agindo em desafio a autoridade d'Aquele que deu e retirou a comissão. Eles são usurpadores da autoridade do governo divino. Que eles agem de *acordo com* essa comissão que eles declaram ser obsoleta, é mostrado pelo seu uso da fórmula no batismo prescrita apenas por essa comissão. Esperaríamos de bom grado que uma consideração desta importante verdade pudesse abrir seus olhos para a inconsistência de seus ensinamentos e prática. Se o seu ensino em relação à grande comissão estiver correto, então certamente seu batismo é inválido, e seu uso dos nomes sagrados de tal maneira, sem qualquer autoridade é extremamente pecaminosa - é tomar o nome da Divindade em vão. E se eles persistem em sua prática de batizar, então deixam de reconhecer a força e obrigação da comissão, e aceitam todas as consequências que o reconhecimento envolve logicamente.

BATISMO NÃO É CIRCUNCISÃO

O batismo foi, por muitos, considerado o protótipo da circuncisão, ou como ocupando o mesmo lugar no Novo Testamento que a circuncisão ocupava no Antigo. Teorias populares foram projetadas sobre esta hipótese, e o Dr. Clarke incutamente diz: Nunca foi provado que o batismo não equivale o mesmo da circuncisão. Esse não é o método correto de ver o argumento. A questão é esta: já foi provado que o batismo está no lugar da circuncisão? Nós sabemos que foi inferido, foi suposto, foi afirmado; mas não foi provado. Se o negativo não pudesse ser provado, não seria uma prova conclusiva de que a afirmativa é verdadeira. Mas neste caso é fácil provar que o batismo não é a circuncisão do Novo Testamento apenas mostrando o que é essa circuncisão.

Em Rom. 2:29, é dito que a circuncisão é a do coração; no Espírito, e não na letra. No capítulo 4:11, a circuncisão é chamada de *sinal e selo*, que, na verdade, são as mesmas

coisas. Ef. 1:13,14, diz: "Fostes selados com aquele Espírito Santo da promessa, que é o penhor da nossa herança. "Quando a circuncisão foi dada a Abraão, foi chamada de símbolo da aliança, na qual a promessa foi feita de que ele deveria herdar a terra. Gen. 17:11. Sinal é o mesmo que penhor ou garantia; equivalente também a assinar ou selar. Ef. 1:13, mas confirma Rom. 2:29; - circuncisão é do coração, do espírito. E isso é confirmado por Ef. 4:30: "E não entristeça o Espírito Santo de Deus, pelo qual sois selados para o dia da redenção. " Também por 2 Cor. 1:22: "Quem também nos selou, e deu como penhor o Espírito nos nossos corações."

O Senhor disse a Abraão que o filho homem incircunciso deveria ser circuncidado; ou ele não tinha parte na aliança, porque ele não tinha o selo ou símbolo do pacto. Mesmo assim, somos informados em Rom. 8:9, "Agora, se alguém não tem o Espírito de Cristo, este tal não é Dele." Ele não tem parte na nova aliança porque ele não tem o selo do Espírito - a circuncisão do coração, que é o selo da nova aliança. Este é um ponto de extrema importância, envolvendo nossa relação com a aliança da graça. E há essa diferença sob os arranjos das duas alianças: na primeira, a circuncisão relacionada aos filhos homens; mas sob a segunda, "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há masculino nem feminino; "isto é, tais distinções não são reconhecidas nas provisões do evangelho, mas "todos sois um em Cristo Jesus". Todas as classes, todas as nacionalidades, devem igualmente receber a circuncisão do coração, e todos são em Cristo "descendência de Abraão e herdeiros de acordo com a promessa". Gál.3:28, 29.

Há ainda mais provas sobre este ponto. Tem sido concluído das últimas declarações em Colossenses 2:11, 12, que o batismo foi dado para ser a circuncisão, mas a prova é decisivamente o contrário. "Em quem também estais circuncidados com a circuncisão feita sem mãos." Mas o batismo é administrado por mãos, tão inteiramente como era a circuncisão sob a antiga aliança.

Rom. 2:28 diz: "Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é a circuncisão que é exterior na carne." Isso corresponde exatamente às evidências já apresentadas, que a circuncisão ou o selo é aquela do Espírito - do coração. Mas o batismo é uma ordenança externa e, portanto, não pode ser essa circuncisão que não é exterior; e tal é a circuncisão do Novo Testamento.

Pensando em se livrar dessa dificuldade, os defensores dessa teoria dizem que o batismo serve agora, como a circuncisão servia então, como "um sinal externo da graça interior." Mas isso realmente não resolve nada; apenas faz o batismo cumprir o lugar da circuncisão, a própria coisa que Paulo diz que não, ele mostra que algo mais toma seu lugar. Essa afirmação é muito incauta e feita de forma imprudente.

A aliança abraâmica, idêntica ao evangelho, corria em paralelo com a primeira aliança feita com Israel. Não havia salvação na aliança com Israel, apenas quando conduziu à fé nas ofertas e promessas do convênio abraâmico. Heb. 9: 8-12; 10: 4. "Circuncisão do coração" era ensinada na lei e nos profetas, veja Deut. 10:16; Jer. 4: 4, etc., porque era seu objetivo direcionar à fé e às bênçãos da nova aliança. Disto, a circuncisão externa era o sinal. Mas Paulo mostra que não existe tal sinal externo agora; mas a circuncisão do coração, o antítipo permanece sozinho.

Ao batismo nunca é atribuído o mesmo lugar, nem é dado qualquer um dos títulos, que as Escrituras aplicam à circuncisão típica. Eles que lhe dão tal lugar e títulos cometendo

dois erros; eles atribuem ao batismo aquilo que as Escrituras nunca atribuem a ele, e destroem as distinções que existem entre as duas alianças no que diz respeito ao sinal ou selo, conforme mostrado por Paulo.

Essa teoria de que o batismo ocupa na nova aliança o lugar que a circuncisão ocupava na antiga, foi inventada para defender a doutrina do batismo infantil. É uma pena que as primeiras impressões sejam tão fortes em qualquer, que, embora renuncie ao batismo infantil, é lento em renunciar aos meios que foram concebidos para o seu apoio.

CAPÍTULO VIII

SUJEITOS DE BATISMO

O ditado é muito antigo - "Há dois lados para cada questão" e ninguém irá contradizê-lo. Mas quando examinamos os dois lados, descobrimos que eles se resolvem em *um lado certo* e *um lado errado*. Não pode haver dois lados igualmente certos em qualquer questão.

Nós dissemos, e acreditamos firmemente, que nas questões da Bíblia, o caminho da segurança reside em manter o mais estrito possível os exatos termos das Escrituras. Mas além daqueles que aderem a este princípio e descansam apenas com evidências positivas ou diretas, há, infelizmente, outra classe que coloca forte confiança naquilo que é supositivo ou inferencial. Poucas doutrinas Bíblicas são difíceis de entender se nos limitarmos ao que é revelado. Elas se tornam difíceis e o terreno confuso, quando a *inferência* toma o lugar da *declaração*.

Em relação aos *assuntos do batismo*, temos algumas claras e inegáveis declarações nas Escrituras.

1. Jesus disse: "*Quem crer e for batizado* será salvo." Crença é aqui apresentada como precedente e pré-requisito para o batismo. Sobre este texto não existe nenhuma chance para disputa.

2. Pedro disse: "*Arrependam-se e sejam batizados*" Aqui o arrependimento também precede e é um pré-requisito para o batismo. Com uma declaração tão clara, a negação é impossível.

Nenhum texto da Escritura deve ser tomado sozinho quando outros falam sobre o mesmo assunto. Os dois aqui citados, um na grande comissão e o outro em sua realização, concordam em seu testemunho, e eles nos ensinam que, -

3. Os *crentes penitentes* são sujeitos apropriados ao batismo.

Mas os textos citados são dados de uma forma autorizada e vêm com o poder de um preceito ou lei; e, portanto, aprendemos com eles que, -

4. A exigência do batismo é *um mandamento*; é apresentado como *um dever a ser executado*.

Claro, a ser executado pelas partes a quem é feita referência, - crentes penitentes.

Até agora, estamos em terreno seguro. O testemunho desafia a aprovação de cada leitor. Ninguém pode, com a menor demonstração de razão ou de reverência pelas escrituras dizer que o batismo *não* é um dever para aqueles que creem no evangelho; ou que o batismo *não* é um dever para aqueles que se arrependerem; ou que o batismo *não* é um preceito, e *não* exige obediência. Ninguém se atreve a assumir essas posições.

Mas agora vem uma classe de pessoas que dizem que não negam essas afirmações; eles apenas *vão além delas* e insistem que o batismo é apropriadamente administrado também para aqueles que não creem, que não podem se arrepender, e que não podem obedecer a um preceito. Nenhuma evidência direta ou positiva é oferecida em favor destas posições; e somos chamados a examinar se as suposições ou inferências apresentadas em seu favor são justas e necessárias, ou injustas e desnecessárias. Achamos que, na execução de uma lei, não temos maior orientação a ir além do que ficar aquém de seus requisitos. É presunção, e abre o caminho para toda usurpação de autoridade.

O primeiro na ordem de argumentos inferenciais a favor do batismo de crianças é este, que o batismo está relacionado no evangelho como a circuncisão era no primeiro pacto; e como aquela era relacionada aos bebês, também deve ser este. Mas a premissa é defeituosa, e o argumento não tem fundamento de fato. Um dever positivo do evangelho deve ter *algum* testemunho direto a seu favor. Um pequeno trabalho em nossa posse estabelece como fundamento do argumento para o batismo infantil esta proposição: "O batismo é um sinal e um selo."

Nenhuma prova das Escrituras é oferecida para estabelecer esta proposição. O argumento continua na hipótese de que, como a circuncisão, que era um sinal e selo, era aplicável às crianças para trazê-las à relação de aliança com Deus, então o batismo, que é um sinal e selo, e, portanto, responde à circuncisão, também é necessário para trazer os bebês para uma relação de aliança semelhante nesta dispensação. O sério e fatal defeito neste argumento é que o batismo *não* ocupa, na nova aliança, o lugar que a circuncisão ocupava na antiga aliança. Os defensores dessa idéia traem alguns textos das escrituras para justificar e evidências das Escrituras para apoiá-la, mas uma suposição a semelhança de um com o outro não é prova em tal caso; pois as Escrituras fornecem a refutação direta e positiva disso, declarando claramente que a circuncisão ou selo da nova aliança é outra coisa, ou seja, o Espírito de Deus no coração do crente.

Estamos bem cientes de que nessas declarações entramos em conflito com os *sentimentos* de muitos pais, cuja formação inicial e pensamento constante nessa direção, junto com a ideia de que *um benefício real* é transmitido às crianças no rito, faz com que eles se sintam profundamente sobre o assunto. Disse um velho amigo, enquanto as lágrimas brotavam de seus olhos, "Você não nos deixaria selar nossos filhos para o Senhor?" Devemos responder prontamente afirmativamente, se necessário, que as condições foram provadas ou podem ser provadas: 1. Que é *possível* para nós selar nossos filhos, e, 2. Isso é *exigido* de nós nas Escrituras. Não é suficiente mostrar que gratifica até mesmo nossos sentimentos piedosos, ou reivindicar um uso piedoso para o rito. Tudo isso foi instado a favor de cada inovação e cada erro que foi trazido para a igreja desde os dias de Tertuliano e de Constantino até o tempo presente. Quando aprendemos que o sinal, ou selo, da nova aliança *não* é *exteriormente*, mas é a circuncisão do coração pela operação do Espírito, nós percebemos que é impossível para nós afixar o selo a qualquer um. Como nós não somos obrigados a fazer o que é impossível, as Escrituras nunca insinuam que exista qualquer dever nessa direção; mas todas as observâncias religiosas, na ausência dos requisitos das Escrituras são adoração à vontade.

Paulo faz uma declaração importante a respeito da relação do selo, que está em perfeita harmonia com todas as evidências que foram apresentadas, mas fatal para a ideia de selar bebês. Ele diz: "*Depois que crestes, fostes selados*" Ef.1:13, 14. Esta é a única ordem

admissível de acordo com as Escrituras. E este texto imediatamente inverte a conclusão e destrói a premissa, daqueles que disputam o selamento batismal infantil; diz: "Depois que crestes, fostes selado com o Espírito Santo da promessa, que é o *penhor* de nossa herança, " o mesmo que o *sinal* ou *símbolo*, cuja *circuncisão externa* estava no antigo pacto. Nenhuma escritura diz: vocês receberam o *sinal*, ou *selo*, ou *símbolo*, ou *penhor*, do batismo; e nenhuma escritura diz: Fostes selados *antes de crer*. Todo esse tipo de conversa é pura suposição, e todas as suposições sobre as doutrinas bíblicas são apenas obstáculos ao progresso da verdade revelada simples.

As declarações das Escrituras a respeito dos dois ritos da circuncisão e do batismo são tão diferentes que impedem qualquer raciocínio de um para o outro. Se não houvesse nenhuma condição concernente ao batismo, - fosse deixado nas condições previamente dadas, ou houvesse qualquer razão dada para que os fatos relativos a um rito pudessem ser referidos ao outro, - o caso seria bem diferente. É afirmado claramente que a circuncisão deve ser realizada quando o sujeito tem oito anos dias de idade e, claro, arrependimento e fé não são pré-requisitos para a circuncisão. Nunca é declarado que o batismo deve ser administrado na idade de oito dias, ou qualquer número de dias ou anos, mas quando os sujeitos recebem a palavra pregada, e arrependerem-se de seus pecados. Todos os esforços para fazer cumprir o batismo, ou para definir a extensão de suas relações e aplicação por causa de sua suposta semelhança à circuncisão, não são apenas sem qualquer garantia das Escrituras, mas diretamente contra as declarações mais claras da Bíblia, onde os dois ritos são definidos.

Em segundo lugar nesta linha de inferências está a suposta referência aos bebês em certas promessas feitas a *seus filhos*, especialmente em Atos 2:38, 39: "A promessa é para nós e para nossos filhos." Mas este argumento também é defeituoso, e a conclusão sem fundamento. O termo crianças *não precisa se* referir a bebês, e neste e textos afins *não se* referem a eles, como pode ser facilmente mostrado.

"Para nós e nossos filhos" refere-se ao povo judeu então presente e a sua posteridade; enquanto "todos os que estão longe" se refere aos gentios. A primeira declaração é provada por textos como Gen. 45:21; "os filhos de Israel" se refere *apenas* para os filhos adultos de Jacó que foram ao Egito para comprar comida; e assim em numerosos casos. O mesmo ocorre no Novo Testamento. "Aqueles que são *da fé*, os tais são *os filhos de Abraão*." Gal. 3: 7. "Vós sois *os filhos* dos profetas." Atos 3:25 e outros. A segunda declaração, se refere aos gentios como "de longe", é provada por Ef. 2; o apóstolo declara aos gentios que o evangelho foi pregado "para vocês que estavam longe, e para os que estavam perto, "por meio do qual judeus e gentios são feitos um, os gentios sendo também "feito perto pelo sangue de Cristo". Nada pode ser inferido de Atos 2:39, em referência a bebês, ou crianças irresponsáveis.

A inferência não é apenas *desnecessária*, mas na verdade é *proibida* pela conexão.

A promessa está tão relacionada às *condições a serem cumpridas* que aplicá-la aos bebês está fora de questão.

1. A promessa é feita àqueles a quem o Senhor nosso Deus chamar. Mas crianças não são sujeitos de nenhuma vocação.

2. A promessa está sob condição de arrependimento. Mas as crianças não podem se arrepender.

3. A promessa está condicionada a *obedecer ao preceito* de ser batizado. Mas bebês não podem obedecer a nenhum preceito.

4. A exigência de arrependimento refere-se apenas aos pecadores, e ser batizado é para a remissão de pecados. Mas as crianças não têm pecados dos quais se arrepender. As duas últimas proposições exigem mais informações.

Ninguém pode negar que o batismo é sempre apresentado no Novo Testamento como *mandamento a ser obedecido*, e nunca como *bênção a ser recebida passivamente*. O escritor certa vez perguntou a um amigo idoso se o dever de ser batizado não é encontrado em um mandamento. A resposta foi prontamente dada na afirmativa. Próximo a pergunta: "Será que uma criança quando é batizada (se foi batizada), obedece ao mandamento? "A resposta foi: "Não; não é a obediência da criança; isto é obediência por parte do pai." Em seguida, veio a pergunta importante, "Quando a criança crescer até a idade adulta e aceitar pessoalmente o Salvador, você o batiza em sua igreja, se ele pedir para ser batizado?" "Não", foi a resposta; "pois uma vez foi batizado e é errado repeti-lo."

A conclusão é evidente; está até na resposta. Não foi obediência da parte da criança, e se ela crescer, acreditar e se arrepender, a igreja não permitirá que ele obedeça; a ação do pai a privou da obediência! Isso pode estar certo? Como pode ser defendido? Pode uma igreja legalmente adotar regras que não estão estabelecidas nas Escrituras, que *impedem a obediência* ao que é dado nas Escrituras? Mas esse é exatamente o caso com o batismo das crianças. Os deveres religiosos não podem ser cumpridos - os mandamentos não podem ser obedecidos - por procuração. "Arrepentam-se e sejam batizados, *cada um de vocês*", é o preceito autorizado que soa nos ouvidos de todo pecador; e nenhuma ação do homem, tanto o sacerdote quanto o pai podem absolver-se do dever de obedecer a este preceito. Aqui está uma acusação do batismo infantil da qual seus amigos nunca poderão resgatá-lo.

Novamente, como o batismo está relacionado ao arrependimento por parte do sujeito, e a remissão de pecados, não pode ser administrado apropriadamente a crianças; pois elas não têm capacidade nem necessidade de se arrepender. O arrependimento é pelo pecado cometido, e a remissão é apenas para aqueles que cometem pecado; e isto não se aplica a inocentes. Para aliviar a prática desta dificuldade, o fraco pretexto foi formulado de que eles são batizados por causa do pecado de Adão! Para os defensores dessa afirmação eles são batizados pelo pecado original, ou para evitar a depravação natural. Essa última ideia levou ainda a uma estimativa errada e falsa do batismo. A ideia da *regeneração batismal* está inseparavelmente ligada ao batismo infantil. Elas não estão apenas conectadas por uma sequência lógica, mas estão conectadas nos escritos dos defensores da prática. Neste ponto, devemos fazer algumas citações.

O Rev. R. Pengilly, da Irlanda, autor de um excelente tratado sobre o Batismo, diz: -

"Desde a minha infância, fui ensinado a dizer que, 'no meu baptismo, fui feito membro de Cristo, filho de Deus e herdeiro do reino do Céu.' Veja o Catecismo da Igreja da Inglaterra e o Batismo de Crianças. Meus

instrutores admitiriam prontamente, e de fato ensinavam, os seguintes sentimentos, ultimamente dados ao mundo por diferentes escritores.

"Alguém afirma: 'Com a água do nosso batismo, a graça da regeneração, a semente do Espírito Santo, o princípio de uma existência superior, está comprometido com a alma; cresce conosco como uma impressão inata de nosso ser. . . . Contanto que o crente confie em seu batismo como a fonte da vida, está tudo bem.' Sr. W. Harness, ministro da capela de St. Pancras, Londres, em um sermão sobre a regeneração batismal.

"Outro acrescenta: 'Sobre um assunto tão interessante que poderia muito bem ter ampliado, já disse que somente pelo batismo somos admitidos no rebanho de Cristo na terra; pelo batismo nós somos adotados em sua aliança, incorporados em sua igreja; . . . no batismo todos os nossos pecados são perdoados e o Espírito Santo concedido.' WB Knight, Curador Perpétuo de Margam e Capelão Examinador do Senhor Bispo de Llandaff, Carta sobre o batismo."

Esses ensinamentos não se limitam à Igreja da Inglaterra. Dr. Clarke diz substancialmente a mesma coisa, como segue: -

"O batismo traz consigo seus privilégios, é um selo da aliança, não perde o seu fim pela indisposição do receptor." - *Com., no final de Marcos.*

No serviço batismal da Igreja Metodista Episcopal as seguintes palavras são da oração por uma criança, em seu batismo: -

"Nós te imploramos, por tua infinita misericórdia, que olhes para esta criança; lava-a e santifica-a com o Espírito Santo, para que ela, sendo libertada de tua ira, possa ser recebida na arca da igreja de Cristo."

E o hino 259, dos Hinos Metodistas, diz: -

"Agora, a este filho favorecido seja dado perdão, santidade e céu."

Wesley diz; "Se os bebês são culpados do pecado original, então eles são súditos adequados do batismo; visto que, da maneira comum, eles não podem ser salvos, a menos que sejam lavados pelo batismo. Já foi provado que este pecado original se apegava a cada filho do homem; e que por isso eles são filhos da ira e passíveis de condenação eterna. "E novamente, citando a" rubrica" da igreja, ele diz: "É certo, pela palavra de Deus, que os filhos que são batizados, morrendo antes de cometerem pecados reais, são salvos."

Estes são suficientes para mostrar, e mostrar de forma conclusiva, que a salvação é baseada inteiramente após o batismo - "regeneração batismal." A observação do Dr. Clarke é singular, - a indisposição do receptor não impede o recebimento do benefício da ordenança. Deve então permanecer a questão, o que é necessário, por parte do receptor, para invalidar o batismo ou perder seus benefícios? Quem deve determinar isso? E é evidente, também, que, se esses ensinamentos são verdadeiros, as crianças não batizadas estão certamente perdidas! Se, pelo batismo, os pecados são perdoados, o Espírito Santo recebido, o princípio de uma existência superior está comprometido com a alma, uma criança é feita um membro de Cristo e herdeira do reino dos céus, segue-se que sem o batismo nenhum desses benefícios pode ser recebido. Pois como deve uma criança receber *perdão* se não é assim "favorecida"? De que outra forma é um bebê inconsciente

libertado da ira de Deus e trazido para a igreja? Os arminianos são acostumados a falar duramente contra os calvinistas por causa de sua crença na repreação infantil, mas as partes não estão tão distantes quanto a "condenação infantil". Na verdade, ambas as partes ensinam isso.

Mas todo o sistema está errado, em todos os detalhes. Errado em princípio, e errado em seus métodos de prova. A salvação das crianças depende de uma base diferente. A criança de poucos dias não cometeu nenhum pecado, não pode se arrepender ou acreditar, e não precisa de remissão. Ou então, de que será perdoada? Como não tem pecado próprio, deve ser perdoada do pecado de outro. Claro, então, sem tal perdão, seria condenado, e finalmente se perder, pelo pecado de seu antepassado! Mas o Senhor diz: "A alma que pecar, essa morrerá. O filho não levará a iniquidade do pai." Ezequiel 18:20. Cada indivíduo da raça deve carregar seu próprio pecado e o pecado de nenhum outro. Quanto os defensores dessa teoria encontrarão essa verdade das Escrituras?

Vamos agora apresentar um argumento que, pensamos, é justificado pela razão das Escrituras.

Como nenhuma pessoa é responsável pelos pecados de outra, nenhuma pessoa pode se arrepender dos pecados de outro. Podemos, de fato, *lamentar* que outros tenham pecado, eu posso lamentar que Adão pecou; lamento que meus pais tenham pecado; sim, lamento que *voce*, leitor, pecou; mas não sou obrigado a me arrepender dos pecados deles ou dos seus. Eu não posso fazer isto. Só posso me arrepender de meus próprios pecados. E como o batismo está tão intimamente conectado com arrependimento, fui batizado por meus próprios pecados e por nenhum outro. Contanto que Adão tenha pecado, eu não deveria ter sido obrigado a ser batizado se eu não tivesse pecado. É tão antibíblico e irracional ser batizado pelos pecados de outro, como é impossível arrepender-se dos pecados de outro.

A Escritura diz: "Em Adão todos morrem". Adão, por causa de seu pecado, foi privado longe da árvore da vida, para que não coma e viva para sempre; Gen. 3: 22,23; e assim, a mortalidade foi fixada sobre ele por causa do pecado; pois "o salário do pecado é a morte." É claro que seus filhos, e assim toda a sua posteridade, receberam dele uma natureza não mais elevada que a sua; com ele todos foram excluídos da árvore da vida, todos ficaram sujeitos a morte, tudo voltou ao pó. Essa morte, que chamamos de morte natural ou morte temporal, e a *primeira morte* em distinção da morte eterna, ou "a segunda morte", foi *uma penalidade* infligida a Adão por seu pecado; e foi a penalidade desse pecado apenas. Como ele era apenas o transgressor, ele só poderia suportar a pena; pois "o filho não levará a iniquidade do pai". Para sua posteridade, é *uma consequência* de sua relação com ele, e não uma penalidade. A "segunda morte" é a penalidade pelos pecados pessoais da posteridade de Adão. Quando a sentença foi pronunciada sobre Adão, *uma nova provação* foi dada ao homem através da "semente da mulher." Por meio de uma promessa do Filho de Deus, que se tornaria filho do homem, o esquema do evangelho foi aberto para a raça; e como a raça já estava envolvida pela queda de Adão, excluída da árvore da vida e condenada a retornar ao pó, ou a morrer, *outra morte* foi colocada diante da raça de Adão como a penalidade pelo pecado pessoal; pois é verdade, sob todas as condições e dispensações, que "o salário do pecado é a morte".

Que a morte sob a qual a raça caiu desde a queda de Adão não é a penalidade de nossos pecados pessoais, é provado pelas seguintes considerações; Aqueles que aceitam o evangelho de Cristo são justificados pela fé nele, e recebem o perdão de seus

pecados; ainda assim, eles morrem "em Adão", como fazem os injustificados. Mas não pode-se acreditar que o pecado também é *perdoado e punido*. A remissão de pecados é a remissão de sua pena. O indivíduo que é perdoado pelo evangelho escapa da pena do pecado pessoal; "sob tal a segunda morte não tem nenhum poder." Ap. 20: 6. Mas aqueles que não são perdoados - não são justificados pela fé em Cristo – esses cairão sob a segunda morte. Isso é prova suficiente de que a segunda morte é a pena do pecado pessoal.

Arrependimento, fé, remissão, tudo combinado, não removerá as *consequências* da transgressão de Adão. Ainda morremos "em Adão", tanto santos como pecadores; e portanto, essa morte *não é a penalidade do pecado pessoal*. O evangelho pode *trazer* isso, como um benefício; mas não *salva* por meio da remissão. Isto não é remetido a ninguém.

Como no caso dos santos - os justificados - assim no caso das crianças. Eles não tem nenhum pecado pelo qual responder. Eles não podem cair em uma penalidade, porque eles são inocentes. No entanto, eles morrem; claro que não como pecadores condenados, mas como criaturas mortais privadas da árvore da vida pela ação de Adão. Seu pecado trouxe condenação a si mesmo, e isso foi merecido; mas não traz nenhuma condenação para esses inocentes; eles não merecem, e "o filho não dará à luz a iniquidade do pai."

O que, então, pode-se perguntar, o evangelho realmente oferece no caso dos bebês? Nós respondemos, *vida*; oferece a eles uma ressurreição dos mortos. "Como em Adão todos morrem, mesmo assim em Cristo todos serão vivificados." Os bebês morrem por causa de sua conexão com Adão, não por causa de qualquer pecado próprio; e eles são feitos vivos em Cristo, não por causa de sua obediência, mas como membros da raça pela qual Ele morreu. O que eles perderam no primeiro Adão é restaurado a eles pelo segundo Adão. Veja uma promessa de uma ressurreição aos filhos, em Jer. 31: 15–17. Isso é positivo, tangível; isto não se baseia em nenhuma inferência incerta.

Haverá três classes na ressurreição. Uma, dos pecadores condenados, que nunca aceitaram o evangelho nem receberam perdão por meio de Cristo. A segunda morte os reivindica como seus. Outra, os santos; aqueles que tiveram seus pecados lavados pelo sangue do Redentor. Sendo justificados, a lei não tem direito a suas vidas. "Sobre esses a segunda morte não tem poder." Terceiro, bebês, que nunca pecaram. É claro que eles não estão condenados; eles não fizeram nada de errado; por nenhum princípio de justiça eles podem ser condenados. Através de Cristo, eles ressuscitaram da morte, é claro para não morrer mais. Eles estão relacionados com a lei como os santos estão; não como os santos perdoados, mas como inocentes, contra quem nenhuma acusação pode ser feita. Não tendo pecado sobre eles, eles não morrerão mais. Essa vida eles obtêm por meio de Cristo tão verdadeiramente quanto os santos. Daí eles podem se juntar ao cântico eterno dos remidos, com todos os santos na glória. Se não fosse por Cristo, eles teriam permanecido mortos. Pela vida eterna, suas alegrias e suas glórias, eles estão verdadeiramente em dívida com o amor e favor divino no evangelho como Davi, ou Pedro ou Paulo. Assim, é fácil ver que as crianças são salvas pelo evangelho, mas não por meio de fé, arrependimento e batismo. Estes são para pecadores, não para inocentes.

CAPÍTULO IX

SUJEITOS DE BATISMO – CONTINUAÇÃO

Quando homens fortes se esforçam para manter suas teorias por meio de suposições fracas ou argumentos frágeis, muitas vezes se torna uma forte evidência do erro de suas teorias. Eles farão o melhor que puderem em suas circunstâncias. Somos levados a essas reflexões ao ler comentários sobre o batismo, pelo Dr. Lightfoot, copiados e aprovado pelo Dr. Clarke. Ele diz:--

"À objeção, não é ordenado batizar crianças, portanto, elas não devem ser batizadas, eu respondo, Não é proibido batizar crianças, portanto elas devem ser batizadas."

Este é um dos argumentos mais estranhos já apresentados por alguém. É tanto quanto dizer, qualquer coisa que não seja expressamente proibida pode ser apropriadamente mantida como parte do evangelho! Que os doutores pensem que *a ausência de uma proibição* é igual em peso à *presença de um mandamento*, não argumenta bem por sua perspicácia em questões de dever. Sob tal regra, os mais selvagens caprichos e inovações mais grosseiras podem ser mantidos como autoridade na Igreja de Cristo.

Nem o motivo atribui ajuda o caso. Eles presumem que o rito foi bem conhecido e praticado pelos judeus nos dias de João e antes dele, e foi transferido para o evangelho sem a necessidade de um preceito. Por que então, o batismo de adultos era tão especificamente exigido e tão frequentemente mencionado? Isso poderia estar exatamente no mesmo terreno. Mas há duas dificuldades no caminho: 1. Se o batismo de prosélito existia entre os Judeus naquela época, não há nenhuma evidência, nem uma sugestão, de que a ordenança cristã do evangelho foi a continuação dele. Certamente não, de acordo com o Dr. Clarke, pois ele argumenta que o batismo toma o lugar da circuncisão, que foi sempre distinta do batismo de prosélito. 2. Não há prova de que o batismo de prosélito existia entre os judeus naquela época. Muitos autores pensam que sim, mas a prova está longe de ser clara. O Prof. Stuart fez um exame completo do caso, tanto da Escritura e história, e ele resume o seguinte: -

"É uma questão de não pouco interesse, no que diz respeito à nossa indagação se o batismo cristão teve sua origem no batismo de prosélito dos Judeus. Agora fizemos isso, e chegamos a este resultado, a saber, que não há certeza de que era esse o caso, mas que a probabilidade com base nas evidências é forte contra isso."

A razão para esta conclusão é encontrada em comentários como o seguinte: -

"Somos destituídos de qualquer testemunho inicial da prática do batismo de prosélito antes da era cristã. A instituição original de admissão de judeus à aliança, e estranho à mesma, não prescreveu outro rito além da circuncisão. Nenhum relato de qualquer outro é encontrado no Antigo Testamento; nenhum nos Apócrifos, Novo Testamento, Targums de Onkelos, Jonathan, Joseph the Blind, ou no trabalho de qualquer outro targumista, exceto Pseudo Jonathan, cujo trabalho pertence ao século sétimo ou oitavo. Nenhuma evidência foi encontrada em Philo, Josephus ou qualquer um dos primeiros escritores cristãos. Como poderia uma alusão a tal rito ter escapado deles se fosse tão comum e tão exigido pelo uso quanto a circuncisão?"

Ele pensa, e não sem razão, que os judeus com o tempo adotaram o batismo de prosélitos em imitação do batismo de João; e que a ideia de que João pegou emprestado seu batismo pelos judeus é uma mera suposição sem fundamento em quaisquer fatos de prova. Ele admite, também, que o batismo de prosélito dos judeus proporciona um argumento a favor da imersão, pois ninguém contesta que seu batismo foi por imersão.

Alexander Campbell, do qual poucos, se houver, eram mais bem qualificados para julgar um fato da história sobre este assunto, diz do batismo prosélito judeu, "nasceu na Mishna, ou melhor, nos Talmuds, desde a era cristã. "- *Debate with Rice*, p. 288.

Outro fundamento assumido pelo Dr. Lightfoot, endossado pelo Dr. Clarke, é igualmente defeituoso. Ele diz:--

"Nosso Senhor diz aos seus discípulos, Mateus 28:19, 'Ide, portanto, e ensinai todas as nações, batizando-os, 'etc .; xxx (palavra grega), isto é, *faça discípulos*; traga-os para o batismo, para que sejam ensinados. Eles estão muito longe de quem, a partir dessas palavras, clama pelo batismo infantil, mas afirma que é necessário para aqueles que devem ser batizados que sejam *ensinados antes de serem batizados*. 1. Observe as palavras aqui, *faça discípulos*, e depois, *ensinando*, no versículo 20. 2. Entre os judeus, e também conosco, e em todas as nações, esses são feitos discípulos para que possam ser ensinados. Um certo pagão veio ao grande Hilel e disse: Faça-me um prosélito para que me ensine. Ele foi o primeiro a fazer proselitismo e depois ensinou. Assim, primeiro, faça deles discípulos, pelo batismo; e então, 'ensine a observar todas as coisas, 'etc. "

Quando os homens instruídos e capazes recorrem a tais súplicas para manter suas teorias, pode muito bem despertar nossa pena. O fato é totalmente esquecido de que eles foram "pregar o evangelho a toda criatura". Marcos 16:15, 16. Em seguida, seguiu-se a promessa: "Aquele que crer" - a pregação - "é for batizado, será salvo". O argumento dos sábios doutores está na suposição de que *toda* a instrução dada é *após o batismo*. Se assim for, Pedro certamente se enganou em relação à sua comissão. Atos 2. Ele deveria primeiro tê-los batizado e então pregado o evangelho para eles! E o registro diz: "Aqueles que de bom grado receberam a palavra foram batizados." Isso estava tudo fora de ordem, se os doutores estão certos, eles deveriam primeiro ter sido batizados e depois receber a palavra.

Notamos que os doutores não restringem essas observações aos bebês. Regra deles aplica-se a adultos; eles próprios aplicam. Um certo homem desejou ser proselito (batizado) para que pudesse ser instruído; que, como eles veem, supõe que não houve nenhuma instrução anterior ao batismo! Foi assim na casa de Cornélio? na casa do carcereiro? ou no caso do eunuco? ou em qualquer caso registrado nas Escrituras? É exatamente o oposto em todos os casos. Nós quase não sabemos o que nos traz mais surpresa, a loucura ou a presunção de homens eruditos em definir assim tão diretamente contra as verdades do registro divino.

No extrato anterior, parece manifestar-se toda uma má compreensão do significado e uso correto do termo *discípulo*. Webster diz: Discipular (verbo) é converter-se a doutrinas ou princípios; e um discípulo é

"aquele que recebe instrução" ou "aquele que aceita a instrução de outro". Greenfield dá o significado de "um seguidor". Essas definições estão em harmonia com todos os fatos

da Escritura. Eles se tornaram discípulos ao aceitar as doutrinas da cruz; eles "receberam a palavra de bom grado". Então eles foram batizados. É claro que a instrução não cessou com seu batismo; eles deveriam ser ensinados - eles deveriam aprender - as verdades de Deus e da vida cristã enquanto seu discipulado continuava, que foi enquanto eles viveram. *Cada instância* nas escrituras está de acordo com esta ordem.

Os registros da entrega da comissão, em Mateus e Marcos, suficientemente refutem o erro em que os Doutores caíram sobre este assunto. Mateus registra as palavras do Salvador assim: "Ide, portanto, e *discipulem* todas as nações, batizando-os ", etc. Marcos registra os assim: " Ide por todo o mundo e *pregue o evangelho* a toda criatura. Aquele que crê e for batizado ", etc. Discipular todas as nações, em um registro, é exatamente equivalente a pregar o evangelho a cada criatura, no outro; e em ambos os registros, o batismo segue o discipulado, ou pregação, e deve ser administrado àqueles que se tornam discípulos, ou que acreditam na pregação. Com franqueza, devemos confessar nossa crença, que, fossem os homens tão cuidadosos em seguir estritamente a ordem das injunções divinas quanto eles são extenuantes para manter teorias preconcebidas, não haveria tropeço em um registro tão claro como é dado a nós na comissão de nosso Senhor para seus ministros.

Para testar ainda mais a exatidão da posição assumida na precedente citação, tomemos o caso de uma criança que é batizada, mas que, à medida que cresce, persistentemente rejeita as ofertas do evangelho; nunca se torna um seguidor de Cristo; nunca acredita em suas doutrinas. E esses casos não são raros. Em que sentido ele é *um discípulo de Cristo*? Em nenhum sentido. Chamar alguém que nunca acreditou em Cristo, que nunca aceitou o evangelho ou seguiu o Salvador, um discípulo de Cristo, é abusar do termo, e rebaixar o padrão de discipulado a um nível com o mundo.

O Antigo Testamento está em harmonia com o Novo nesta visão do assunto. A palavra *discípulo*, Isa. 8:16, é derivado do verbo *lahmad*, ensinar ou treinar; disciplinar. Nem nas Escrituras nem nos léxicos pode ser encontrada uma garantia para tal uso do termo *discípulo* como é encontrado na citação anterior.

Mais uma vez, o Dr. Clarke dá a opinião de outro homem eminente, cujo nome (não dado), diz ele, faria honra ao seu trabalho. Seu ponto forte, e um que ele considera suficiente por si mesmo para provar sua posição, é baseado em Ef. 6: 1, como segue: - "Que o discurso de São Paulo aos filhos de Éfeso seja especialmente notado. Filhos, diz ele, obedeçam a seus pais *xxxxx* (*palavra grega*). Como eles poderiam obedecer *en Kurio*, se eles próprios não eram *en Kurio*? Em todos os casos, esta expressão marca a incorporação ao corpo cristão." "Respeitando a idade das pessoas designada (Ef. 6: 1) pelo termo *xxx* (*palavra grega*) não pode haver dúvida; como os versos subsequentes afirmam distintamente que eles são crianças que foram sujeitos à disciplina e instrução mental."

Pensamos em deixar de lado as questões de crítica do texto, mas somos constrangidos a copiar o seguinte do comentário de Clarke sobre Eph. 6: 1: -

"*No Senhor* - Esta cláusula está faltando em vários MSS respeitáveis. E em algumas versões. *No Senhor* pode significar por conta do mandamento do Senhor, ou tanto quanto os mandamentos dos pais estão de acordo com a vontade e palavra de Deus."

Este comentário rouba do argumento toda a força e mostra que a reivindicação de seu autor não é justa, embora diga: "Esta única passagem, mesmo que estivesse sozinha, deve criar a controvérsia tediosa e problemática a respeito do batismo infantil para sempre."

Mas o que ele *provou* com respeito a este texto? Dois pontos importantes são apresentados: 1. As crianças, xxx (palavra grega), são *ordenadas a obedecer aos* seus pais; 2 Este autor diz "respeitando as idades das pessoas designadas", elas eram "crianças que eram disciplinares e mentais em instrução. "Em uma palavra, eles eram" os filhos "que eram capazes de obedecer a um mandamento, e de estar sob disciplina e receber instrução mental. Mas o que tudo isso tem a ver com o *batismo infantil*? Bebês não *obedecem* nem recebem

"instrução mental" antes ou no momento do batismo. Acreditamos plenamente no batismo "dos filhos" que obedecem conscientemente às instruções dadas em Ef. 6. Mas isso nada argumenta sobre o batismo infantil. Podemos apenas expressar nossa surpresa que *qualquer homem*, ainda mais um "altamente inteligente e culto", deve escolher este texto para resolver a controvérsia *em favor* do batismo infantil; mas esses são os argumentos, se eles podem ser chamados assim, pelos quais esta doutrina é mantida.

Resta notar mais uma linha de argumentação sobre este assunto. É do batismo de *famílias*. Os textos referentes a tais casos são poucos, e requerem apenas pouco tempo ou espaço neste exame.

1. A casa de Lydia. Atos 16: 13-15. Neste caso, existe tal consentimento dos autores batistas de que não havia crianças na casa, que é desnecessário adicionar palavras às suas admissões. Assim, Dr. Clarke: -

"Ela cuidou das coisas; ela creu nelas e as recebeu como doutrinas de Deus; e nesta fé ela foi unida por toda sua família; e nela todos foram batizados."

Lydia estava fazendo negócios em Filipos, a quase quinhentos quilômetros de Tiatira, por mar e terra. Que havia crianças em sua casa, ou que ela tinha marido, não consta do texto. Certo é que ela e toda família eram crentes, e o versículo 40 sugere fortemente que eles eram "irmãos;" pois não há relato de quaisquer outros crentes lá naquele tempo, exceto os da casa do carcereiro, de cuja casa Paulo e Silas deixaram para ir para a de Lídia, onde viram os irmãos antes de partirem da cidade.

2. A casa do carcereiro. Atos 16: 31-34. Neste texto há muito pequena chance de controvérsia. Eles pregaram para ele e *para todos os que estavam em sua casa*; e todos foram batizados. E ele "se alegrou, acreditando em Deus *com toda a sua casa*". Isto é claro e positivo. Dr. Clarke diz: -

"Parece que ele e toda a sua família, que foram capazes de receber instruções, abraçaram esta doutrina e mostraram a sinceridade de sua fé por receber o batismo imediatamente."

Mas a escritura diz que aqueles que assim foram instruídos e creram, eram "toda sua casa"; mas, em face desta declaração, o Doutor pensa que a inferência permite que "todos os seus" incluísse seu filho também! Que inferência!

3. A família de Estéfanas. 1 Cor. 1:16. Paulo diz: "Eu batizei também a família de Estéfanas." No capítulo 16:15, ele fala novamente deles assim: "Vós conhecéis a casa de Estéfanas, . . . que eles se uniram no ministério dos santos."

Sendo esse o caso, ninguém irá contestar que todos foram sujeitos adequados ao batismo. Todos manifestaram interesse pessoal na obra do evangelho.

Outro texto pode muito bem ser notado a este respeito, que, embora não fale de batismo, fornece mais evidências sobre o uso do termo casa. Atos 18: 8, diz: "Crispo, o chefe da sinagoga creu no Senhor com toda a sua casa." Paulo diz que batizou Crispo, mas não fala em batizar sua família; mas sem dúvida foram todos batizados, pois suas palavras provam que eram todos sujeitos adequados ao batismo, todos sendo crentes.

No caso do carcereiro, afirma-se expressamente que ele falou a palavra do Senhor "a todos os que estavam em sua casa", e ele creu naquilo, "com toda a sua casa". Dr. Clarke, neste texto, citado acima, diz: "Todos os que eram capazes de receber instruções, abraçaram esta doutrina." Admitindo o que o Doutor infere, embora não seja como prova de que havia alguns em casa muito jovens para receber instruções nas doutrinas do evangelho, segue-se que as expressões "toda a sua casa" e "todos os que estavam em sua casa", não incluem estes pequeninos. Mas o que, então, fazer para que eles recebam o batismo infantil, inferindo a presença de membros infantis da família? A comissão e seu cumprimento em Atos 2, etc., confinam o batismo àqueles que acreditam no evangelho e se arrependerem de seus pecados. Se (como afirma o Dr. Clarke, e com ele todos os que inferem a filiação infantil nas famílias), a crença de *uma família* não inclui os membros mais jovens que não podem receber instrução, não faz o batismo de uma família, sob a comissão, excluir os membros mais jovens que são incapazes de exercer a fé exigida na Comissão? Ou, em resumo, se pode haver crianças descrentes em uma família crente, não pode haver também bebês não batizados em uma família batizada? E se não, por que não? Nós não pedimos que tal exceção seja feita. Estamos dispostos a aceitar a declaração, conforme consta do registro sagrado, que *toda* a família ouviu, *todos* creram e *todos* foram batizados. Aqueles que afirmam que houve bebês de dias nas famílias, encontram a necessidade de exceções às declarações gerais de que as famílias inteiras acreditaram. Se as exceções existem, então afirmamos, na autoridade da comissão, que elas se estendem ao batismo bem como à fé; pois os incrédulos nunca foram obrigados a ser batizados.

Notaremos mais um texto, só porque tem sido utilizado a favor do batismo de criança - não que tenha qualquer relação com o assunto. Este é 1 Coríntios. 7:13, 14: "E a mulher que tem marido descrente, se ele ficar contente para morar com ela, que ela não o deixe. Pois o marido incrédulo é santificado pela esposa, e a esposa descrente é santificada pelo marido; suas crianças eram impuras; mas agora eles são santos."

Em Heb. 9:13, Paulo fala de uma aspersão que "santifica para a purificação da carne", isto é, do que foi chamado de "impureza ceremonial". Não era lícito tocar uma pessoa assim contaminada. E parece que alguns estavam inclinados a aplicar esta lei levítica no evangelho de modo a afetar a relação matrimonial. Se o marido estava unido a Cristo, e a esposa não era, supunha-se que ela sendo considerada uma pessoa impura, não era lícito ao marido viver com ela e *vice-versa*. Mas Paulo argumenta que, se for ilegal viver assim juntos, então, seus filhos são fruto de uma conexão ilegal e, portanto, impuros, e não pode

ser legal para você tocá-los. Na verdade, tal ideia foi calculada para afetar a legitimidade dos filhos.

Ninguém pode deixar de ver que os termos "santificar", "limpar" e "santo" são usados no mesmo sentido modificado (cerimonial) em que "santificar" é usado em Hebr. 9:13; não no sentido moral. Pois as crianças não são *moralmente sagradas* por causa de sua relação com um pai crente, assim como um marido incrédulo não é *moralmente santificado* por estar ligado a uma esposa crente. Se a linguagem deste texto for instada como uma garantia para batizar as crianças porque elas são consideradas *santas*, também garantirá o batismo do marido que é *santificado* - embora seja um incrédulo! Pois, pode-se perguntar, nem todas as pessoas santificadas são súditos adequados ao batismo?

A verdade é que este texto não tem relação com o assunto do batismo, e é apenas pervertido quando é assim aplicado a ele.

Faremos um breve resumo dos pontos em evidência sobre este assunto.

1. O batismo não substitui a circuncisão; e, portanto não é permitido argumentar desde a circuncisão no Antigo Testamento até o batismo no Novo, como é feito com frequência.
2. A pregação da palavra vem antes do batismo; um candidato para a ordenança deve primeiro entender sua relação com o governo divino, como um pecador.
3. A fé vem antes do batismo, de acordo com os termos da grande comissão. Devemos ter fé no nome de Cristo antes de sermos batizados em seu nome.
4. O arrependimento vem antes do batismo. Isso também está na ordem estabelecida pela Inspiração.
Como o batismo é para a remissão de pecados, e é o penhor de uma nova vida, o arrependimento é necessário; pois sem isso não pode haver garantia de obediência futura.
5. O mesmo é mostrado mais adiante que o batismo é um sepultamento; e a morte precede enterro. Essa morte é uma morte para o pecado; mas não há morte para o pecado sem convicção pela lei de Deus e arrependimento. Sem eles, não há como entrar em "novidade de vida."
6. O batismo é ordenado, e o mandamento requer obediência por parte de todos os que podem compreender um preceito. Nenhum outro pode obedecê-lo.
7. O batismo não é uma bênção que pode ser recebida sem vontade ou obediência. Considerá-lo apenas um *privilégio*, e não um *preceito*, estabelece o fundamento para erros graves relativos à regeneração batismal, e sua necessária contrapartida, a destruição de todas as crianças não batizadas.
8. O batismo está relacionado à remissão de pecados; pertence a um sistema corretivo, e deve ser obedecido por todos aqueles que têm pecados para serem remidos. Não se aplica a outros.
9. O batismo não é para o "pecado original". O pecado de Adão não traz nenhuma condenação para seus filhos, e o batismo não está relacionado a isso. O evangelho não

salva qualquer pessoa daquela morte que herdamos de Adão. Exceções não destroem a verdade que “em Adão todos morrem”. Todos nós herdamos a mortalidade dele, mas não a sua condenação. Mas o evangelho salva da segunda morte, a pena para o pecado pessoal.

10. O batismo não remove a depravação natural, em qualquer caso. A este respeito, bebês batizados não são melhores do que outros. Não tem poder de transmitir "uma vida superior para a alma"; não é "uma ordenança salvadora" em qualquer sentido. Os adultos não são libertados de suas naturezas no batismo, mas tem que *vencer*, até o fim. A vida cristã é *uma guerra consigo mesmo*.

11. Os bebês são trazidos dos mortos pelo grande Doador da Vida e não morrem mais porque eles não têm nenhum pecado pelo qual responder. Eles não são salvos por arrependimento, fé e remissão de pecados. Os dois primeiros eles não podiam exercer; o último que eles não precisaram.

12. Em todos os casos registrados no Novo Testamento, a pregação da palavra precedeu o batismo, e aqueles que a receberam de bom grado foram batizados.

13. O termo "crianças" não se refere necessariamente a bebês, nem mesmo a Jovens; e nunca se refere a bebês onde o dever é prescrito, como em Atos 2:38,39 e Ef. 6: 1.

14. O batismo de famílias não oferece nenhuma evidência a favor do batismo infantil. Embora não haja nada nas declarações de que uma inferência possa ser justamente tirada a favor do batismo infantil, uma conclusão contra ele é justamente tirada das declarações a respeito da fé e do trabalho das famílias.

Uma inferência, para ser admissível, deve ter as probabilidades a seu favor; mas neste caso, as probabilidades são decididamente contra qualquer inferência justa para o batismo de criança. Os termos da comissão, os registros de seu cumprimento, as relações e as condições do batismo - todos levam a uma conclusão contra ele; e os registros dos batismos domésticos são de molde a excluir tal inferência. Uma inferência é necessária apenas quando nada mais pode ser razoavelmente extraído do texto; o que não é o caso em nenhuma das inferências em favor do batismo infantil. E uma inferência desnecessária é inútil, e não deve nem por um momento se inserir onde questões de dever estão envolvidas.

O poder da verdade em sua simplicidade, imaculado pelas teorias da sabedoria do mundo, é mostrado no seguinte incidente, que copiamos da Biografia do Dr. Carson: -

"No ano de 1807, James Haldane, após ter aspergido uma criança, foi abordado por seu filho pequeno, uma criança de seis anos de idade, com a pergunta pertinente, 'Pai, aquela criança creu?' 'Não', disse o pai, 'por que você me pergunta tal questão?' 'Porque, pai, eu li todo o Novo Testamento, e eu descobri que todos os que foram batizados creram. A criança creu?' Foi o suficiente. A simples verdade de Deus, que havia sido escondida dos sábios e prudentes, era revelada ao pequeno. A estranha pergunta: 'A criança creu?' assombrou a mente daquele pai, até que, após um exame aprofundado, ele renunciou aos seus antigos erros, e foi publicamente imerso. Seu irmão Robert logo seguiu seu exemplo. Igrejas inteiras viram a luz dessa ordenança brilhando sobre elas; e

milhares dos homens mais devotados da Escócia, que tomaram a Bíblia como seu único diretório, fizeram sua 'Reforma do Tabernáculo' e seguiram o Senhor totalmente."

Se deixado livre das glosas da "teologia" e das obscuridades da tradição, todos podem encontrar o que aquela criança encontrou no Novo Testamento; que aqueles que creram - que "de bom grado receberam a palavra" - foram batizados. As condições da ordenança, os termos em que o dever é estabelecido, excluem tudo além penitentes e crentes. Embora nosso exame deste ramo do assunto foi um tanto breve, acreditamos que tais evidências foram apresentadas como conduza a mente, inevitavelmente, à conclusão verdadeira.

CAPÍTULO X

A ORDEM DE BATISMO

Se houver uma parte da doutrina do batismo de importância mais vital do que outra, temos essa parte agora apresentada diante de nós. Dizemos sim, pois não queremos discriminar onde cada parte é importante e onde tudo é de autoridade divina. Mas esse ponto está intimamente relacionado às partes mais vitais da vida cristã.

O batismo tem sua *forma*. Disto nenhum serviço ativo pode ser destituído. Paulo agradeceu a Deus que seus irmãos "obedeceram de coração aquela *forma* de doutrina" que foi entregue a eles; e isso foi falado em conexão com uma discussão relativa ao batismo. Mudar a forma é mudar a própria coisa. Não é estritamente correto falar do "modo de batismo", embora frequentemente usemos a expressão para se conformar com as formas comuns de pensamento sobre este assunto. Batismo não é nem mais nem menos do que imersão; e o "modo de imersão" é uma expressão estranha.

O batismo tem seus sujeitos. Destruir a distinção de caráter dos sujeitos, e administrá-lo a todos sem discriminação, destruiria inteiramente a ordenança como uma instituição para os seguidores de Cristo. Portanto, é necessário manter estritamente dentro dos limites dos ensinos das Escrituras quanto aos assuntos do batismo, para que não pervertamos a ordenança e a tornemos meramente um meio para ministrar aos nossos próprios sentimentos. Se a pervertermos para tais usos, faremos dela nossa própria instituição, e daí em diante não é mais a instituição de nosso Senhor.

O batismo tem sua ordem. Há um momento na experiência de um indivíduo em que pode ser administrado de maneira adequada; fora dessa ordem, não é a instituição do evangelho.

Uma vez, ouvimos uma pessoa comentar que sua caridade era do maior tipo: ele poderia ter comunhão com cada um que foi batizado em nome de Cristo. Agora essa expressão é muito passível de ser mal compreendida. Nem todo aquele que foi imerso em água, mesmo após a fórmula dada pelo Salvador, é batizado em nome de Cristo de acordo com o significado da frase nas Escrituras. Um hipócrita, destituído de fé e piedade podem ser imerso; e ainda ele não foi batizado dentro da intenção da ordenança. As condições necessárias para o rito não foram cumpridas em tal caso. Não podemos subscrever o sentimento de eruditos defensores do batismo de não crentes, que o benefício do batismo não está perdido por causa da indisposição do receptor.

Há outra expressão que não é tão passível de ser mal interpretada quanto a de ser batizado em nome de Cristo; isto é, sendo *batizado na morte de Cristo*. Isso é necessário para o batismo Cristão. Se isso for cumprido, a ordenança é administrada de acordo com sua verdadeira intenção.

Estamos muito longe de permitir que haja a sombra de um conflito entre essas duas expressões. Insistimos que a verdade é encontrada na harmonia do Testemunho das Escrituras. Quando temos tudo o que as Escrituras dizem sobre um determinado ponto, então temos toda a verdade sobre esse ponto. E somos livres para expressar nossa opinião

que se o original fosse mais uniformemente traduzido e processado *em* seu nome, como é traduzido *em* sua morte, o significado seria mais aparente para o leitor geral.

Paulo aborda este assunto em sua carta aos Romanos, e o leva a cabo muito completamente. Suas premissas e conclusões são tão claramente estabelecidas que o expositor tem pouco a fazer mais do que traçar a linha de seu argumento.

Houve alguns nos dias do apóstolo que tinham opiniões errôneas sobre o evangelho ao ponto de pensar que é permitido fazer o mal se o resultado for bom! Essa ideia nunca foi erradicada da professsa igreja de Cristo. Isso levou a uma multidão de falsas doutrinas e práticas erradas introduzidas na igreja, o que é comumente conhecido como "fraudes piedosas". De acordo com esta visão, as tradições, e doutrinas não encontradas na Bíblia, podem ser seguidas com segurança se tiverem um "uso piedoso", e erros de longa data devem ser deixados em paz, por medo de enfraquecimento da fé de alguém no Cristianismo. Mas o Cristianismo nunca é beneficiado por se comprometer com o erro, sob qualquer pretexto.

Disse Paulo: "A lei entrou para que a ofensa abundasse". Rom. 5:20. Não que o pecado é aumentado pela lei; mas, como ele disse no cap.7:13, "para que o pecado pelo mandamento se torne excessivamente pecaminoso." A pecaminosidade do pecado é aumentada pelo aumento da luz. Este efeito foi produzido na promulgação da lei; pois "pela lei vem o conhecimento do pecado". Rom. 3:20.

Novamente o apóstolo diz: "Porque até a lei, o pecado estava no mundo". Isso significa até que a lei fosse entregue no Monte Sinai, como é mostrado por esta referência, "A Morte reinou desde Adão até Moisés". Rom. 5:13, 14. Não faz referência à *origem* da lei naquele tempo, como alguns presumem, pois ele acrescenta: "Mas o pecado não é imputado quando não há lei. "Como pela lei vem o conhecimento do pecado, ninguém pode ser provado culpado na ausência de lei. E se o conhecimento do homem da lei é imperfeito, suas ideias de pecado serão imperfeitas. Assim, é mostrado o significado da expressão, "Para que o pecado pelo mandamento se torne excessivamente pecaminoso." A lei realmente não aumenta o pecado, mais do que o espelho aumenta a contaminação da pessoa. Ele apenas torna manifesta a contaminação. É neste sentido que a lei entrou para que a ofensa abundasse; ou, como é expresso novamente no cap. 7:13, "Mas o pecado, para que pareça pecado, operando a morte em mim por aquilo que é bom", ou seja, pela lei. Na mesma conexão, o apóstolo diz que a lei não é morte; isto não cria pecado. Isso prova a natureza pecaminosa do pecado; traz morte onde o pecado realmente existe, e em nenhum outro lugar.

Como não há culpa ou imputação de pecado, onde não há lei, então nenhuma lei vai provar que uma pessoa é culpada, mas aquela lei que ela transgrediu. Nós não levaríamos aquela lei que proíbe a blasfêmia para provar que um homem é culpado de roubo. Consequentemente, aquela lei que estabeleceu que a ofensa pode abundar, ou aparecer pecado, foi a lei que foi transgredida. Não foi a *fabricação*, mas a *renovação*, da lei, que então ocorria.

Mas onde o pecado abundou, a graça abundou muito mais. O pecado exigia uma manifestação especial da graça, e isso veio por meio do Filho de Deus. E como Deus é glorificado em seu Filho, surge a pergunta: "Continuaremos no pecado para que a graça possa abundar?" Alguns dizem: "Sim, frustramos a graça se guardarmos a lei; nós

restringimos a plenitude do evangelho e, assim, desonramos a Cristo. "Muitos até hoje pensam assim. Mas Paulo dá à questão uma negativa decidida; ele diz: "Deus proíba. Como nós, que morremos para o pecado, ainda viveremos nele?" Vida e morte são opostos. Se vivemos *em pecado*, certamente não estamos mortos para *ele*; é impossível estar morto para o pecado e viver em pecado ao mesmo tempo. E ele dá uma demonstração desta morte para o pecado: "Não sabeis que tantos de nós como éramos batizados em Jesus Cristo foram batizados em sua morte? Portanto estamos enterrados com ele pelo batismo na morte."

Isso deve ser conclusivo para todos. Se não estivéssemos mortos para o pecado, por que fomos enterrados? A hora certa para o enterro é depois da morte, não antes da morte. O tempo adequado para o sepultamento no batismo é quando morremos para o pecado - para a transgressão da lei; pois "o pecado é a transgressão da lei". Mas aqueles que ainda vivem violando a lei não poderiam ter sido enterrados nesta ordem. Eles foram *enterrados vivos*; "o corpo do pecado" não foi destruído; o "velho homem" ainda vive. Isso é o que é claramente ensinado em Rom. 6.

Tendo agora bastante introduzida esta relação, iremos verificar a instrução previamente dada por Cristo e seus apóstolos.

No sermão de nosso Senhor no monte, ele anunciou totalmente a natureza e o objetivo de sua missão: "Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas." A *lei* a que ele se referia não era uma lei nova; nenhuma que ainda seria introduzida. Era uma lei então existente; que era conhecida por seus ouvintes, e que estava relacionada com os ensinamentos dos profetas. Ele também disse que quem quer que cumpra e ensine os mandamentos desta lei será grande no reino dos céus.

A "regra de ouro" foi aplicada com base na autoridade da lei. "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós; *pois esta é a lei* e os profetas." A lei protege todos os nossos direitos e todas as nossas relações em respeito, à vida, castidade, propriedade, reputação, etc. Tudo o que temos, junto com nós mesmos, é protegido pela lei; e como desejamos que nossos direitos sejam respeitados, portanto, devemos respeitar os direitos dos outros. Esta é a lei, e esta é a regra áurea. A lei que proíbe que façamos qualquer dano ao nosso próximo, protege a nossos direitos com igual cuidado.

Aquele que quebra a autoridade da lei, quebra a salvaguarda de seus próprios direitos, e destrói seus próprios privilégios. Dar um mandado para a ilegalidade é abrir as portas para uma inundação que com certeza nos subjugará. Lá não há moralidade mais elevada do que a contida na lei de Deus. A própria essência do Evangelho - glória a Deus e paz e boa vontade ao homem - é o objeto e o espírito da lei.

Não nos referimos aqui à lei dos tipos; daquelas sombras que encontram seu antítipo em Cristo. Sabemos que estas foram pregadas em sua cruz e eliminadas nela. Estamos falando em defesa da lei dos dez mandamentos, que Deus falou com sua própria voz e escreveu com seu próprio dedo sobre tábuas de pedra; que foi depositado na arca, sobre a qual o sumo sacerdote aspergiu o sangue da expiação. Esta é preeminente "a vontade de Deus". É identificada como tal em Rom.2: 17--23, como segue: -

"Eis que tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; E sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; E confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, Instruidor dos nescios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei; Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?"

Esta é uma vindicação decisiva dos dez mandamentos como *a vontade de Deus*, quebrando isso, Deus é desonrado. E isso lança luz sobre outros textos. Jesus disse: "Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser *fazer a sua vontade*, ele deve saber da doutrina, se é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." João 7:16, 17. Aqui há uma distinção feita entre a *vontade do Pai* e as *doutrinas do Filho*; o mesmo que entre "os mandamentos de Deus e a fé de Jesus"; Apoc. 14:12; ou a distinção entre *a lei* e *o evangelho*. Como Jesus foi enviado por Deus, ele não poderia cumprir nem ensinar nada contrário à vontade revelada de Deus. Se algum homem ensina um evangelho contrário à vontade ou lei de Deus, podemos ter certeza de que não é do Céu; é de baixo. Não é a doutrina ou o evangelho de Cristo; porque ele veio para fazer a vontade de seu Pai e levar os homens a cessar sua luta contra a vontade e autoridade de seu pai. E então ele disse: "Nem todo aquele que me diz, Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas aquele que *faz a vontade* de meu Pai que está nos céus."

O primeiro sermão pregado sob a grande comissão do Senhor, naquele dia do Pentecostes, nos leva à mesma conclusão. Depois de apresentar aos seus ouvintes *os fatos* do sistema do evangelho, e convencendo-os de sua culpa, Pedro passou a declarar *os deveres* do pecador condenado. O primeiro é *se arrepender*; o segundo, *ser batizado* para a remissão de pecados. Em nossos dias, a visão antinomiana é amplamente crida, que *toda lei*, os dez mandamentos, bem como a lei ceremonial, foram abolidos na morte de Cristo. Mas era verdade, como é agora, que "pela lei vem o conhecimento do pecado", e "o pecado não é imputado quando não há lei." Se toda a lei tinha então o benefício abolido, não poderia haver convicção de culpa, pois não haveria nenhuma imputação de pecado; como, então, poderia recair sobre eles o dever de se arrepender e ser batizado para a remissão de pecados?

É fácil ver que a visão antinomiana envolve um absurdo; estamos surpresos que homens de aparente inteligência e juízo sejam encontrados defendendo isto.

Onde existem relações morais, a lei deve existir. Destruir um é destruir o outro. A declaração não é mais bíblica do que razoável, que "o pecado não é imputado onde não há lei; "pois" onde não há lei, não há transgressão." Rom. 4:15. Mas o pecado foi imputado no dia de Pentecostes, e sem isso, o batismo teria sido uma nulidade. Portanto, a lei então existia; por isso eles eram condenados como transgressores.

Se, então, "pela lei vem o conhecimento do pecado", como diz o apóstolo, provamos ser pecadores enquanto continuarmos a transgredir a lei. Aquele que falha em fazer a vontade do Pai, não tem interesse no reino dos céus, não importa quão sinceramente ele chama Jesus de Senhor. O caráter é determinado *pela lei*, e *não por profissão*. O transgressor da lei é um pecador, esteja ele dentro ou fora de uma igreja. E isso nos leva ao assunto introduzido em Rom. 6. Aquele que é um transgressor da lei, não importa qual seja sua

profissão, está *vivendo em pecado*, e ele não tem motivo para mostrar por que deve ser *enterrado no batismo*.

A condição ou relação aqui apresentada é indispensável para a vida cristã; pois ninguém pode se levantar para andar em *novidade de vida* se a *velha vida de pecado* ainda continua. "Se fomos plantados juntos à semelhança de sua morte, nós devemos ser ressuscitados também à Sua semelhança." Sendo plantados à sua semelhança a morte pode respeitar apenas a *forma e ordem* de nosso enterro com ele, ou nosso batismo em sua morte. "Cristo morreu pelos nossos pecados, de acordo com as Escrituras; . . . ele foi enterrado e ressuscitou no terceiro dia, de acordo com as Escrituras. "1 Cor. 15: 3, 4. Estes são os fatos conforme ocorreram, e eles apresentam o *padrão do dever* no evangelho: 1. Morrer para o pecado; 2. Ser enterrado no batismo; 3 - Levantar-se para caminhar em novidade de vida. Esta é "a semelhança de sua ressurreição"; pois "ele morreu para o pecado uma vez; mas naquilo que vive, ele vive para Deus. Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor". Rom. 6:10, 11.

A mesma ideia perpassa a ilustração e sua aplicação em Rom. 7. A mulher está submetida pela lei a seu marido enquanto este viver. "Assim então se, enquanto seu marido viver, ela se casar com outro homem, ela será chamada de adúltera." Sua relação com a lei deve ser mudada para que ela possa casar com outro; e essa mudança é efetuada pela morte. Mas a morte não muda a lei: muda sua *relação com a lei*. A lei continua a convencer do pecado, o mesmo de antes. A aplicação que ele faz assim: "Portanto, meus irmãos, vós também morreram para a lei pelo corpo de Cristo; que você deveria ser casado para outro, sim, para Aquele que foi ressuscitado dentre os mortos, que devemos trazer fruto para Deus."

Toda a conexão mostra que ficar "morto para a lei" é se tornar morto para a transgressão da lei; o mesmo que "morto para o pecado". A lei nos mantém sob condenação como pecadores, e o salário do pecado é a morte. Onde o pecado for encontrado, a morte deve seguir. E a lei na justiça insiste sua demanda até que a penalidade seja infligida. Cristo honrou tanto as reivindicações da lei em relação à sua pena de que agora temos permissão para *morrer com ele, ser enterrado com ele, e ser ressuscitado com ele*, Rom. 6: 8, 4; Colossenses 2:12, e assim evitar a pena no futuro - a segunda morte. Uma opção nos é dada, portanto, de *morrer para o pecado ou morrer pelo pecado*. Ao morrer para o pecado, nossa relação com a lei é tão mudada, através Cristo, para que escapemos da maldição que a lei inflige ao pecador. Pois "Cristo nos redimiu da maldição da lei." Gal. 3:13. Ele não resgata-nos da *obrigação*, mas da maldição. Nesse sentido, nós "estamos entregues à lei; "libertado de sua condenação ou maldição.

Foi injustamente inferido da conjunção das duas expressões, "morto para o pecado" e "morto para a lei", que o *pecado e a lei* são equivalentes. Nenhuma desculpa pode ser admitida para esta inferência, pois ninguém que se dá ao trabalho de ler o capítulo pode aceitar essa conclusão; pois o apóstolo a nega expressamente. "O que devemos dizer então? A lei é pecado? Deus nos livre." A lei não é pecado: até agora ela que condena o pecado; proíbe e torna conhecido o pecado. "Eu não conhecia o pecado se não pela lei; pois eu não tinha conhecido a luxúria, a não ser que a lei dissesse: Não cobiçarás." Isto é, ele não conhecia a natureza de suas propensões ou desejos se a lei não o iluminasse. "Pela lei vem o conhecimento do pecado".

É o pecado que traz a maldição da lei sobre nós. Não devemos culpar a lei se nós nos encontramos sob sua condenação. Nossa reclamação deve recair sobre nós mesmos. Se não tivéssemos nos armado contra a lei em transgressão, não estaria contra nós a condenação. *O pecado* é a causa do nosso problema, e *não a lei*. "Para o pecado", disse o apóstolo, "aproveitando o mandamento, me enganou, e por ela me matou." É verdade que a lei - e somente ela - convence do pecado. "Pois eu estava vivo sem a lei uma vez; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu e eu morri." Este é um registro de uma parte importante de sua experiência; estar vivo sem a lei refere-se à parte de sua vida em que ele pensava que estava prestando serviço a Deus perseguindo a igreja de Cristo. João 16: 2. Sua consciência não foi despertada porque sua mente estava nas trevas; ele fez isso ignorantemente na incredulidade. 1 Tim. 1:13. "Quando o mandamento veio" - quando ele foi iluminado pela lei de Deus - "o pecado foi reavivado"; ele descobriu que era um assassino em vez de servo de Deus; ele estava condenado, e como a única alternativa, "eu morri" - morri para o pecado; deixou de lutar contra Deus e encontrou um refúgio e um remédio no sangue da cruz de Cristo. O mandamento nunca foi dado para condenar e matar pessoas; foi "ordenado para a vida"; foi dado em amor, para formar nossos caracteres corretamente, e, assim, nos preparar para desfrutar do favor e presença de Deus. Somente quando o pecado entra, ele "é condenado a morrer".

Paulo, usando a primeira pessoa, se considera entre aqueles que foram enterrados com Cristo. E quando ele foi enterrado? Claro, quando o mandamento veio e *ele morreu*. Quando mais ele deveria ter sido enterrado? E quando devemos *nós* ser enterrados? Torna-se uma questão muito importante para nós determinar se estamos mortos para o pecado; se fomos sepultados à semelhança da morte do Salvador.

Dissemos que não há moralidade mais elevada do que a contida na lei de Deus. O apóstolo confirma isso, dizendo: "Porque sabemos que a lei é espiritual." Rom.. 7:14. E se a lei é espiritual, então a obediência à lei é adoração espiritual. Alguns fingem pensar que é evidente falta de espiritualidade guardar a lei; que é mera carnalidade; ou, como notado antes, eles dizem que frustra a graça e desonra Cristo e seu evangelho. Vimos que Paulo negou decididamente a ideia de que podemos transgredir a lei a fim de que a graça possa abundar; e novamente o encontramos declarando que a lei é espiritual. Isso deve silenciar cada voz contra uma lei que é santa, justa e boa. Mas Paulo vai além: ele não apenas vinda a lei da acusação de carnalidade, mas, ele vira a acusação claramente contra seus originadores. Ele diz: "A mente carnal é inimizade contra Deus; pois não está sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode estar." Rom. 8: 7. A mente carnal - literalmente, a mente da carne, ou andar segundo a carne - é o oposto de obediência à lei, e assim deve ser, pois "a lei é espiritual"; espiritualidade e carnalidade não podem concordar. E a alta moralidade da lei é mostrada por Paulo ao declarar o objetivo do evangelho: "Que a justiça da lei se cumpra em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito." Rom.8: 4.

O evangelho é corretivo. É uma cura para o pecado ou para a transgressão da lei. Se não houvesse pecado, não haveria evangelho; não teria sido necessário. Então, a justiça da lei teria sido cumprida em cada alma humana, pois todos teriam vivido em obediência perfeita. Foi para "eliminar o pecado" que Jesus veio; para restaurar o homem caído à obediência ao Pai Celestial. Isso é realizado apenas no crente obediente em Jesus; que o aceita como seu sacrifício "para a remissão dos pecados que já passaram", e é "reconciliado com Deus pela morte de seu Filho ; "guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus". Rom. 5:10; Apoc.

14:12. Em tal, e somente em tal, a justiça da lei é cumprida e a mente carnal subjugada.

Um ponto no argumento do apóstolo em Rom. 7 ainda precisa ser notado. A relação da mulher com a lei deve ser mudada pela morte antes que ela possa ser casada com outro sem ser chamada de adúltera. "Meus irmãos, vocês também tornam-se mortos para a lei pelo corpo de Cristo; *você deveria ser casado com outro*, mesmo para Aquele que ressuscitou dos mortos." Esta é uma declaração clara de que aquele que busca tal união com Cristo antes da morte mudou sua relação com a lei - antes que ele morresse para o pecado - é culpado de *adultério espiritual*. E como o batismo é o rito pelo qual expressamos nossa união com Cristo ("todos vocês quantos foram batizados em Cristo, também sejam revestidos de Cristo"). Gal. 3:27), este rito é *executado ilegalmente* se existe tal impedimento para o casamento como é falado em Rom. 7: 1-4. E assim encontramos nesta ilustração uma forte prova da visão apresentada no capítulo. Que a morte pela transgressão da lei deve preceder o sepultamento no batismo. A morte para a lei - para sua condenação pelo pecado - deve ocorrer antes que possamos estar unidos a Cristo; pois Cristo não pode ser unido ao "corpo do pecado".

Achamos que não ultrapassamos nada ao afirmar que não é batismo cristão aquele em que as condições do evangelho não são conhecidas. Falaríamos com modéstia, deixando a cargo da consciência de cada um quanto a quão ampla divergência do plano divino deve haver para justificar uma imitação do curso seguido por Paulo e os crentes, registrado em Atos 19: 1-5. Mas nós falamos decididamente a favor de que o candidato e o administrador olhem bem aos ensinamentos do evangelho sobre este assunto. Não é coisa simples brincar com ordenanças divinas. Aquele que os administra indevidamente o faz por sua conta e risco. Paulo elogiou seus irmãos, visto que eles guardaram as ordenanças como foram entregues a eles; e quando eles perverteram uma, ele os culpou profundamente por não preservar puro de acordo com sua intenção. 1 Cor. 11. A importância da ordenança do batismo, conforme apresentada pelo Salvador em Marcos 16:16, e pelo apóstolo Paulo em Rom. 6 e 7, não pode ser superestimada; e a necessidade do cuidado em sua observância está de acordo com sua importância.

Paulo aos Colossenses fala em termos igualmente diretos e decisivos neste assunto: "Sepultados com ele no batismo, no *qual também sois ressuscitados com ele* pela fé da operação de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos." Colossenses 2:12. Isso adiciona um novo brilho à ordenança. Morto para o pecado; sepultado com Cristo pelo batismo na morte; e *ressuscitado com ele* na mesma ordenança. Não pode ser possível que aqueles que falam depreciativamente do batismo, como alguns infelizmente fazem, sempre examinam com cuidado esta passagem impressionante. Aqui é mostrado que "a semelhança de sua ressurreição" não está totalmente reservada para uma vida futura. "Ressuscitado com ele." Ele morreu para o pecado e vive para Deus, então devemos morrer para o pecado, ser enterrados com ele, e levantar-se com ele para uma nova vida - para uma vida de obediência à vontade do Pai Celestial.

"Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que estão acima, onde Cristo está assentado à destra de Deus." Colossenses 3: 1. Vida cristã, - uma vida de consagração a Deus em imitação do amor e zelo de nosso Salvador. No presente argumento, não é necessário prosseguir com isso, tendo cumprido plenamente o nosso desígnio, - em mostrar o lugar importante que o batismo ocupa no plano divino para a remissão de pecados e união com Cristo.

Não apresentamos esses pontos de vista com espírito capcioso, ou com qualquer desejo de apontar culpados, mas com um profundo senso de responsabilidade pela honra da causa de Cristo, que tantas vezes é envergonhado pela vida daqueles que se consideram Cristãos porque foram batizados e aceitos como membros de uma Igreja. Reprovamos a prática de batizar pessoas com evidências muito leves de propósito de coração, - com uma conversão totalmente superficial, ou nenhuma conversão em absoluto. Temos motivos para acreditar, e nos dói registrá-lo, que existem ministros não são poucos nesta terra de privilégios do evangelho, que pensam muito mais nos números que eles podem ligar e batizar em um determinado momento, do que na caminhada cristã, estabilidade e integridade de seus convertidos após serem batizados. Reunindo uma massa de almas instáveis, que são enganadas na crença de que são cristãos porque concordaram com certas verdades e foram batizados, e que mostram que suas convicções de pecado não eram profundas, e que seus corações nunca foram tocados pela iluminação e conversão do poder do Espírito Santo, não é esta a maneira de encontrar aceitação por Deus como um trabalhador, ou honrar a causa cristã e o ministério cristão.

Esses trabalhadores fariam bem em lembrar que seu trabalho ainda está para ser provado, e se não permanecer, sofrerão perdas. Ouro, prata e pedras preciosas são o único material que será aceito e trará uma recompensa para o construtor no templo do nosso Mestre. O "fundamento" é extremamente precioso e valioso, e o conselho é digno de ser mantido em constante lembrança, - "Que todo homem veja como ele edifica. "1 Cor. 3: 9-18. Muitas vezes vimos o registro estabelecendo que tantas pontuações foram batizadas durante uma determinada reunião, enquanto em um ano a partir dessa época a força da igreja sob cujos auspícios o trabalho foi realizado, não foi nem um pouco aumentada pelo esforço. Madeira, feno e o restolho não é aceito para a construção e não traz recompensa aos construtores.

É verdade que as Escrituras não dão nenhuma garantia de adiar o batismo do penitente. Mas devemos ter alguma evidência de sinceridade e propósito de coração; evidência de que as reivindicações da santa lei de Deus e os requisitos das escrituras para uma vida santa são um tanto apreciadas. A "verdade presente" para qualquer idade deve receber nossa mais sincera atenção, ainda assim os erros prevalecentes de qualquer idade devem ser especialmente evitados. Se houver perigo de errar, é melhor até mesmo errar no lado do cuidado onde uma falta de cautela, por causa de falsos ensinamentos prevalecentes, provavelmente faça com que o crente professo se estabeleça em um estado de falsa confiança e autoengano.

Ao falar assim, não é nosso propósito diminuir um jota da necessidade e importância de que o penitente seja batizado. É porque o dever é importante - a instituição é sagrada demais para ser menosprezada - que tão sinceramente imploramos para que seja guardade em sua pureza e administrada apenas de acordo com a vontade e intenção reveladas do divino Instituidor.

A unidade da verdade é bem ilustrada neste assunto. Estragar em uma parte é prejudicar o todo. Nenhum erro está sozinho; quando ele entra, ele se multiplica, e contamina todo o sistema. Muito poucos nos dias atuais comprehendem o quão longe a verdade sobre o assunto do batismo foi obscurecida por uma mudança na ordenança. Acostumados a vê-lo apenas à luz da tradição ou da opinião popular, os pensamentos da maioria raramente se elevam acima destes para a intenção plena das simples mas grandes verdades da

revelação divina. Parece apropriado encerrarmos nossas observações sobre as relações do batismo, com algumas citações que têm em vista a mesma coisa que tentamos expor.

Em "Life and Epistles of Paul" de Conybeare e Howson, vol. 1, pág. 439, estão as seguintes observações:

"É desnecessário acrescentar que o batismo foi (a menos que em casos excepcionais) administrado por imersão, o convertido sendo mergulhado na água para representar sua morte para a vida do pecado, e então ressuscitado deste sepultamento momentâneo, representando sua ressurreição para a vida de justiça. Deve ser um assunto lamentável que a descontinuação geral desta forma de batismo (embora talvez seja necessária em nosso clima do norte) tornou obscuro para a apreensão popular algumas passagens importantes da Escritura."

Esses autores, da Igreja da Inglaterra, mostram a poderosa influência do erro popular por se desculparem o erro que deploram, a tendência do mal do qual eles parecem entender. Deixamos para o leitor reverente que um erro não é leve nem desculpável, o que "obscurece a apreensão popular algumas passagens muito importantes das Escrituras."

Chancellor Est, da Universidade de Douay, (católico) em Rom. 6: 3, diz: -

"Pois a imersão representa para nós o sepultamento de Cristo; e assim também a sua morte na tumba é um símbolo de morte, uma vez que ninguém, exceto os mortos são enterrados. Além disso, a emersão que segue a imersão, tem uma semelhança com uma ressurreição. Nós somos, portanto, no batismo, conformados não apenas com a morte de Cristo, como ele acabou de dizer, mas também para o seu sepultamento e ressurreição."

Dr. Conant, em seu trabalho intitulado "*Baptizein*", publicado pela American Bible Union, diz: -

"A palavra '*batizar*' é uma forma latinizada do grego *baptizein*. Nesta conta, parece a alguns que deve necessariamente expressar o mesmo significado. Foi dito que nenhuma outra palavra pode transmitir tão perfeitamente o pensamento do Espírito Santo como aquele escolhido por ele mesmo para expressá-lo originalmente nas Escrituras; e que estamos, portanto, pelo menos certos e seguros em retê-lo na versão em inglês. Uma comparação do significado de *baptizein*, conforme exibido nas seções 1-3 deste tratado, com as definições de '*batizar*' como dadas em todos os dicionários da língua inglesa, e com seu uso reconhecido na literatura inglesa e na fraseologia coloquial atual, mostrará que isso está longe de ser o caso. A palavra '*batizar*' é estritamente um termo eclesiástico; amplamente distinto por essa característica da classe de palavras seculares comuns às quais *baptizein* pertencia. É um termo metafísico, indicando uma relação mística estabelecida com a igreja, em virtude da aplicação sacramental de água. Em ambos os aspectos, representa erroneamente a maneira e intenção do Salvador. Escondendo a forma do rito cristão sob um termo vago, que significa qualquer coisa que o leitor queira, obscurece a ideia assim simbolizada, e a pertinência dos apelos inspirados e admoestações fundadas neles. A essência do rito cristão é, portanto, feita para consistir nesta relação mística da igreja, para a qual traz o destinatário. Com esta visão associa-se, natural e quase necessariamente, à ideia de uma certa eficácia misteriosa no próprio rito; e, portanto, encontramos a crença prevalecente na maioria das comunhões

cristãs que, por meio do batismo, o destinatário não está sozinho externamente, mas misticamente unido ao corpo de Cristo. Assim o rito deixa de ser o símbolo de grandes verdades do Cristianismo, e se torna um sacramento eficaz. A tenacidade com que este erro fatal é cometido, mesmo nas comunhões não ligadas ao Estado, deve-se em grande parte à substituição, de nossas Bíblias inglesas, deste termo estrangeiro vago de significado indefinido, para o significado simples e inteligível em inglês da palavra grega."

Tomamos a liberdade de colocar em itálico uma frase acima. E a isto devemos adicionar, que é muito lamentável que muitos veem a necessidade de restaurar a ordenança, quanto à forma, mas perdem de vista as "grandes verdades do Cristianismo" que são simbolizados por ele. Ignorando a verdade de que "o pecado é a transgressão da lei", e esse arrependimento diz respeito tanto à lei de Deus como a fé no Filho de Deus, Atos 20:21, eles excluem a ideia de que a morte deve preceder o sepultamento e introduzir o próprio erro tão claramente apontado pelo Dr. Conant. E, assim, pensamos que justificamos totalmente nossa afirmação de que a *forma*, sem *relação* com a *ordem*, não constitui o baptismo do evangelho. Uma pessoa pode estar imersa e, ainda assim, guardar ou destruir o rito em sua fé e em sua vida, na medida em que é um símbolo da morte e ressurreição do Senhor, e de nossa morte para o pecado e ressurreição para uma nova vida de justiça ou obediência.

CAPÍTULO XI

REMISSÃO DO PECADO - QUANDO OUTORGADO

É um ponto que tem suscitado muita discussão, se o pecado é remido ou não no ato do batismo. Alguns - sim, muitos - têm insistido vigorosamente que somos justificados neste rito; e nem antes nem de qualquer outra forma. Ou a remissão de pecados é concedida nesta ação, e não de outra forma. Embora nós demos ao rito toda a importância que as Escrituras atribuem a ele, e isso não é pouco, não podemos endossar essa visão. Descobrimos que essa ideia foi introduzida muito cedo na idade da igreja; e com ela foi sustentada a ideia de "regeneração batismal"; a ideia de que dons e graças, mesmo uma vida divina, foram conferidos no batismo; e que sem o batismo ninguém poderia ser salvo; e por esta razão as crianças eram batizadas. Até Cipriano, um dos melhores dos primeiros bispos africanos, ensinou que os bebês devem ser batizados logo após o nascimento, para que assim possam evitar o perigo de perda de uma alma! Infelizmente, essas falsas visões do batismo, muito enxertadas em algumas partes da igreja, não foram totalmente colocadas de lado. A mesma falsa aplicação ainda é feita, sempre para a mesma classe, ou seja, às crianças.

Neste assunto, como em outros assuntos, a injustiça é feita às Escrituras por tirar conclusões de um único texto, sem se preocupar em examinar outros textos, e assim assegurar uma harmonia das evidências. A mesma virtude e poder podem ser atribuídos à fé, mais uma vez, é dito que nada está sozinho. No início, um penitente é sem dúvida aceito somente por sua fé; mas conforme os deveres são cumpridos, eles devem ser desenvolvidos, ou nossa fé é neutralizada e perdemos o favor que tínhamos desfrutado. A fé é a fonte da ação e a ação é a vida da fé.

A relação de verdades deve ser considerada. Por mais importante que seja uma verdade ou um dever possa ser, se for removido de seu lugar e sua relação, é pervertido. E uma verdade pervertida muitas vezes equivale a erro.

A palavra traduzida por "para", nas palavras de Pedro, "para a remissão de pecados" (*eis*) é mais frequentemente processado *no*, para ou *em*; o último é geralmente o preferido. Isto é, traduzido "*em*" mais de cento e vinte vezes apenas em Mateus; e é traduzido quase vinte maneiras diferentes. Greenfield dá as seguintes definições e na seguinte ordem: "On, into, upon"; *em*, entre; para, para, perto de, por; *em*, *em*, *em* direção a *uma pessoa*; para, contra; para, mesmo para, até; para, para; que, para que, para que, para a finalidade que; para, sobre, sobre, como para, em relação a, por conta de; *em*, *em*, entre; antes, na presença de; de acordo com, em concordância com.

Não queremos de forma alguma transmitir a ideia de que qualquer uma dessas definições pode ser aplicada com igual propriedade em qualquer caso. Nós apenas desejamos mostrar a latitude que o uso dá à palavra, e que uma definição pode não ser selecionada e aplicada arbitrariamente ao texto em questão. "Para" é de nenhum significado na primeira definição, e se for apropriado aqui, uma razão deve ser dada fora da própria definição. Nem negamos a importância de aceitar a definição adequada das palavras como meio de resolver controvérsias; mas quando diferentes definições são dadas para a mesma palavra, precisamos ter cuidado de distinguir entre eles em qualquer caso. Neste caso, devemos ser orientados em certa medida, pela *doutrina da remissão* conforme

apresentada nas Escrituras. Como este é um grande assunto, seremos obrigados a apresentar algumas reflexões sobre as escrituras da remissão o mais brevemente possível.

Corrigiríamos a ideia, que é muito prevalecente e ainda está crescendo, que *a justificação pela fé* e a *salvação* são idênticas. Paulo foi certamente justificado pela fé, ainda assim ele achou necessário o esforço zeloso para não ser um naufrago. 1Cor. 9:27. Ele ensinou claramente que somos justificados pela fé sem obras. Rom. 3:27. E com igual clareza ele exortou seus irmãos a desenvolverem sua salvação. Fil. 2:12.

É fácil ver o motivo disso. Em Rom. 3 ele está falando de "remissão de pecados passados", sobre os quais obras, ou obediência futura, não podem ter influência. Destes devemos ser "justificados gratuitamente por sua graça." Rom. 3:24. Mas o evangelho abrange tanto a *prevenção* quanto a *cura*. Obediência futura não pode remir pecado, mas irá prevenir o pecado; e, praticamente, um não traz nenhum benefício sem o outro.

A expressão banal, "Uma vez na graça, sempre na graça", não encontra a menor garantia nas Escrituras, e sem dúvida foi usada para a destruição de multidões de almas. Era para ser a base certa de *confiança*, mas

é a porta aberta para a *presunção*. O Senhor disse por Ezequiel: "Quando disser ao justo, que certamente viverá; se ele confia em sua própria justiça, e cometer iniquidade, todas as suas justiças não serão lembradas; mas a iniquidade que cometeu, e por ele morrerá." Ezequiel 33:13. Tudo das relações de Deus com o homem foram baseadas neste mesmo princípio. A visão oposta - a visão do ditada acima - faz com que a provação de um homem termine com sua conversão, o que não é verdade. "Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo." Mateus 24:13.

A *remissão de pecados* é precisamente equivalente à *remissão da pena*. Mas, de acordo com as escrituras citadas, a remissão absoluta da pena depende de perseverar até o fim ou da fidelidade contínua até o fim; Como Paulo também diz: Deus remirá "àqueles que, pela paciente perseverança em fazer o bem, buscam glória e honra e imortalidade, vida eterna." Rom. 2: 7. Portanto, "justificação pela fé" não coloca ninguém além da provação, mas leva-o a tal relação com Deus que ele é capacitado pela graça divina para *trabalhar sua salvação*; Fil. 2:12; e, com diligência, *para cumprir sua chamada e eleição*. 2 Ped. 1:10. Claro, tudo isso tem referência às decisões do Julgamento, - "Julgamento por vir."

A diferença entre a justificação pela fé e a salvação final é totalmente mostrada pelos textos citados. Um muda as relações do homem durante sua provação; o outro é por determinação da Sentença, que encerra seu tempo de graça. Então a questão surgirá em muitas mentes, qual é a relação de uma pessoa justificada pela fé? Ou, em que sentido a remissão é concedida antes do Juízo? O salvador deixa claro esse assunto em seus ensinamentos. Mas antes de citar sua linguagem, desejamos apresentar a seguinte ilustração: -

A. deve a B. uma quantia que ele não pode pagar e C. compromete-se a ser responsável pela dívida em certas condições. Para ter certeza, C. deposita para B. muito mais do que cobre o montante da dívida. Agora é estipulado que se A. cumpri as condições prescritas, B. pode cancelar a dívida pelo depósito feito por C. Enquanto A. continuar fiel as condições, desde que B. esteja satisfeita em relação à dívida, é claro que ele não incomoda A. por isso, porque ele sabe que A. não tem, por si mesmo um depósito. Assim, A. é

considerado justo (ou justificado) aos olhos de B., e ainda assim não apenas *consigo mesmo*, porque deixa de pagar uma dívida justa. Ele é justificado através de sua garantia. Se ele continuar fiel "até o fim", até que o prazo das condições termine, então B. sacará do depósito e cancelará a dívida. Agora ele está de *fato* livre, como era antes *pela fé*; a dívida não é maisposta contra ele. Mas se, ao contrário, A. se recusar ou negligenciar o cumprimento das condições, o depósito de C. não valerá para ele; sua dívida não será cancelada; ele *cairá do favor* que tinha desfrutado por meio de sua fiança, e a dívida fica contra ele será tão grande como se nenhum depósito tivesse já sido feito. E mais do que isso, ele é considerado mais culpado do que antes, na medida em que o meio de remover sua dívida foi gentilmente colocado ao seu alcance, e ele recusou.

Essa é a condição do crente em Cristo. Ele recebeu *perdão condicional*, sendo ainda um probacionista para a vida eterna, que foi *colocado em seu alcance* por Cristo, sua garantia. Para prova, considere o seguinte: -

Nosso Salvador, em Mat. 18: 23-35, apresenta o caso de um servo que devia a seu senhor dez mil talentos. Mas não tendo nada com que pagar e manifestando honestidade de propósito, "o senhor daquele servo foi movido de compaixão, e libertou-o e *perdoou-lhe a dívida*." Mas este servo encontrou o seu conserval que lhe devia a soma insignificante de duzentas moedas, e que implorou por misericórdia nos mesmos termos em que ele havia suplicado com tanto sucesso diante de seu senhor. Mas este servo não mostrou misericórdia. Ele jogou seu companheiro na prisão até que pudesse pagar a dívida. Ouvindo isso, seu senhor o chamou e disse-lhe: "Ó Servo mau, *perdoei-te toda aquela dívida*, porque me pediste. Não devias tu também ter compaixão do teu conserval, assim como eu tive pena de ti? E seu senhor ficou irado, e o entregou aos algozes, *até que ele pagasse tudo o que lhe era devido*." Esta é a visão do nosso Salvador sobre o perdão segundo o evangelho, ou justificação pela fé, enquanto esperamos pelas decisões da Sentença. E para colocar isso além de qualquer possibilidade de dúvida, o Salvador fez a aplicação, assim: "*Da mesma forma meu Pai Celestial fará também a vós*, se de coração não perdoardes, cada um as ofensas de seu irmão."

O ensino do Salvador nesta escritura está em perfeito acordo com a palavra do Senhor em Eze. 33:13, - se o homem justo se afastar da justiça e cometer iniquidade", nenhuma de suas justiças serão lembradas", isto é, ele será tratado como se nunca tivesse sido justo.

Que o batismo é *um meio* de nos trazer para perto de Deus e nos colocar onde seu a graça do evangelho é estendida a nós, ninguém pode negar. Que é *o meio* - significa apenas, como alguns têm ensinado - não está de acordo com os ensinamentos das Escrituras. Muitos tiveram a experiência de Cornélio e sua família; se não na mesma medida, ainda pelo testemunho do "mesmo Espírito", transmitindo uma bendita segurança de que o Pai graciosamente os aceitou para o bem de seu querido Filho, antes do batismo. Sua alegria pode ser aumentada em obedecer a este rito, e assim pode ser tomada qualquer cruz por amor de Jesus.

Estamos cientes da objeção que aqui se interpõe, a saber, que temos nenhum direito justo de reivindicar que recebemos o favor de Deus, fomos justificados ou recebemos o Espírito de Deus como o Consolador, antes de nosso batismo; e que é o batismo que assegura a bênção e por meio da qual recebemos o Consolador; que nós sabemos que temos o Espírito, não por nossa experiência ou consciência, mas porque fomos batizados em seu nome.

Esta objeção não é sustentada pelas Escrituras. Isso torna o *batismo a evidência*, o que não é, e exclui completamente o *testemunho do Espírito*. Pois é o Espírito - não o batismo - que testifica que somos filhos de Deus. Rom. 8: 11-16. E esta visão não é apenas antibíblica em sua declaração, mas, como só poderia ser esperado, desastrosa em seus resultados. Encheu igrejas com formalistas, destituídos do verdadeiro poder da piedade, que estão fortemente enraizados em vãs esperanças, que confiam em seu batismo como a evidência de sua adoção na família do Senhor.

Mas, em resposta, Ananias disse a Paulo: "Levante-se, seja batizado e lavados os teus pecados, invocando o nome do Senhor." Atos 22:16. E também dizemos que Pedro, relatando o caso de Cornélio e seus amigos, disse que o Senhor *purificou seus corações pela fé*; Atos 15: 6--9; e pela fé eles receberam o testemunho do Espírito antes de seu batismo. Negar que Deus pode trabalhar da mesma maneira agora é negar a experiência de multidões, em todas as épocas da igreja cristã, cuja conversão à Deus e cuja genuína piedade estava além de qualquer dúvida.

Em Atos 22:16, Alexander Campbell, em seu debate com McCalla, fez o seguinte observação: "Os pecados de Paulo foram realmente perdoados quando ele creu; no entanto, ele não tinha nenhuma promessa solene do fato, nenhuma absolvição formal, nenhuma purgação formal de seus pecados, até que ele os lavou na água do batismo. "Nenhuma falha pode ser encontrada com isto; ninguém pode se opor a ter, nas palavras do Sr. Rice, "o emblema conectado com a graça. "

Se for insistido que devemos nos limitar à ordem estabelecida em Atos 2:38, 39, então respondemos que de acordo com esta escritura a posição que chamamos pergunta ainda está com defeito. Essa posição deixa o penitente professo *tomar como garantia* sua recepção do Espírito, porque é prometido sob a condição do batismo. Mas nem uma única instância pode ser encontrada no Novo Testamento onde tal visão é obtida. Veja Atos 8: 15-17: "Quem, quando eles desceram, orou por eles para que pudessem receber o Espírito Santo (pois ainda ele não tinha descido sobre nenhum deles; apenas eles foram batizados em nome do Senhor Jesus). Então impuseram as mãos sobre eles, e eles receberam o Espírito Santo."

Aqui, a recepção do Espírito Santo era uma questão de *consciência ou experiência* com eles. Se eles tivessem dado como certo que o haviam recebido porque foram batizados, fazendo do batismo sua evidência, como muitos agora fazem, eles teriam descansado sob uma ilusão. As mesmas observações se aplicam a Atos 19.

Isso é suficiente para mostrar que muito foi atribuído ao batismo, por aqueles que fazem dele o único meio e a evidência de justificação, ou remissão do pecado. Que está relacionado à remissão - que é até *uma parte essencial* desse sistema pelo qual recebemos a remissão - não pode ser negado. É um dever do evangelho, e todas as partes do evangelho são essenciais. Todos confessam que o próprio evangelho é absolutamente essencial; e não podemos supor que um todo essencial é feito de partes não essenciais. Embora rejeitemos o abuso e a perversão da ordenança, não podemos encontrar desculpa para menosprezá-lo e depreciá-lo, ou para negligenciá-lo. "Cada palavra do Senhor é pura."

Outro exemplo do uso da palavra grega *eis* merece destaque. É encontrado em Mat. 3:11: "Eu realmente te batizo *com* [en, em] água *para* [eis] arrependimento. "Dificilmente se pode supor que este texto terá a construção colocada sobre Atos 2: 38 - batizar *para* arrependimento - para fazer o arrependimento completo no futuro. Na verdade, não poderíamos imaginar que João teria batizado qualquer um se soubesse que a obra de arrependimento ainda não havia sido então iniciada. Assim, em Atos 2:38, e em todos os casos onde o batismo é verdadeiro e administrado adequadamente de acordo com o plano do evangelho. A fé que se apodera da graça, já opera no coração, do qual o batismo é o emblema significativo.

CAPÍTULO XII

"UMA ORDENANÇA DE SALVAÇÃO"

É apropriado notarmos uma objeção que é apresentada na forma de uma pergunta a respeito do batismo como uma ordenança de salvação.

Pode haver quem já tenha ouvido a pergunta: "O batismo é uma ordenança de salvação?" feita por aqueles em quem eles têm confiança, que eles passaram a considerá-lo admissível e adequado. Para tal, desejamos exercer a maior instituição de caridade; no entanto, devemos expressar nossa convicção de que a questão se originou em um espírito de rebelião e obstinação. Sua intenção evidente é esta: Se está salvando, se nós não podemos ser salvos sem ele, então o observaremos; mas se pudermos ser salvos sem ele, então iremos desconsiderá-lo. Ou, em outras palavras, sabemos que o Senhor ordenou e é nosso dever obedecer; mas se pudermos ser salvos de alguma outra forma, optamos por desconsiderar seu mandamento. Se esta não é a questão equivale a ela, devemos confessar que não podemos compreender a linguagem. Um coração assim dispostos iria perguntar: "Senhor, o que eu posso fazer?" e não "Senhor, o que *queres* que eu faça? "

Além disso, essa pergunta quase sempre é feita por aqueles que repudiam a imersão e defender o "batismo infantil". Esta é uma estranha inconsistência de sua parte. Se seus pontos de vista sobre o "batismo infantil" estiverem corretos, então o batismo é para crianças "a ordenança salvadora" em todo o decorrer do tempo. É feito o meio, *o único meio, da graça* para eles. Sem fé, sem arrependimento, sem qualquer ato de aceitar no evangelho ou de seguir a Cristo, eles são, *pelo batismo, apenas*, feitos herdeiros de Deus, participantes do Dom Celestial, e herdeiros da vida eterna. Muitos, mesmo em nossos dias, e em nossa própria terra, entendem o batismo nesta mesma luz. No entanto, eles são muitas vezes os primeiros a nos culpar por nossa tenacidade em apegar-nos ao batismo, em sua forma e modo, como o encontramos revelado na Palavra de Deus.

Não é nossa competência indagar se isso é necessário para nossa salvação ou não. Devemos cuidar dos *deveres* e deixar os *resultados* com Deus. Não é parte de um fiel servo perguntar: "Por que sou obrigado a fazer isso?" É o suficiente saber que é necessário para fazê-lo. Tiago, o apóstolo do Senhor, deu uma severa reprevação a este espírito de questionamentos, ao condenar aqueles que presumem ser *juízes* da lei, ao invés de seus *executores*.

Nossa resposta à pergunta é Sim e Não. *Tudo* que o Senhor requer é salvífico; no entanto, *nenhum* *dever* tem salvação em si mesmo. Se a pergunta significa o seguinte: O batismo me salvará se eu negligenciar outras obrigações? então respondemos: Não; não há nada na Bíblia que seja salvador neste sentido. A salvação nunca foi feita para descansar em qualquer desses fundamentos. Mas se isso significar: Devo me submeter a tudo que Deus ordena para ser salvo? então respondemos: Sim: não há outro caminho de salvação, a não ser conformidade com a vontade divina. O homem viverá "por cada palavra que sai da boca de Deus."

O espírito que leva a tal pergunta é apenas egoísta, e afirmamos que esse egoísmo não tem lugar no evangelho. O dever do cristão é seguir a Cristo; e nenhuma sombra de egoísmo foi mostrada em toda a sua vida. Ele disse que veio não para fazer sua própria

vontade; e se ele, o Senhor da vida e da glória, renunciou à sua própria vontade, é demais renunciarmos à nossa? Podemos realmente seguir a Cristo e ser indulgentes com nosso egoísmo e obstinação? Nesse caso, seu exemplo não tem valor.

Se podemos ser salvos de uma forma de nossa própria escolha, então Deus revelou sua vontade em vão, e Cristo morreu em vão. Poderíamos seguir nossos próprios caminhos e satisfazer nossos sentimentos egoístas sem a Bíblia e sem a morte do Filho de Deus. Mas o indagador pode dizer: "Era necessário para nós que Cristo morresse, e abrisse o caminho de salvação; mas já que ele morreu por nós, não é necessário que sejamos assim estritos na conformidade com as regras estabelecidas nas Escrituras. Antes de Cristo morrer, na dispensação da lei, os homens estavam sujeitos aos termos expressos da revelação; mas não é assim nesta dispensação da graça, na qual uma liberdade maior é permitida." Essa declaração não é mera suposição ou "esboço de fantasia". Foi realmente instado, não apenas neste assunto, mas também em outros assuntos. É equivalente a dizer que sem a morte de Cristo, a obediência à vontade revelada de Deus era necessária; mas desde que ele morreu, podemos ser salvos sem nos conformar com as regras que ele nos deixou. Mas o que é isso senão fazer de "Cristo o ministro do pecado"? Considerando que as escrituras declaram que ele é o ministro da justiça. Ainda temos que aprender, nesta nossa era, que ele veio para cumprir a vontade de seu Pai; para "salvar seu povo de seus pecados"; "para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo"?

Essa posição antinomiana está tão longe de ser verdade, que o próprio Jesus mostra que o pecado teria sido mais desculpável (se fosse permitido usar a palavra em tal caso), se ele não tivesse vindo ao mundo; "mas agora eles não têm como cobrir seu pecado." Se Deus sofresse e suportasse aqueles tempos de ignorância, ele o faria, mas não mais, "mas agora ordena a todos os homens em todos os lugares que se arrependam" ou se afastem do pecado. Oxalá os homens deixassem de lado sua ilegalidade e aprendessem a se submeter a todos os requisitos divinos. É o mesmo espírito que rejeita a lei de Deus e as ordenanças do evangelho, pois o evangelho é o meio designado pelo Céu para pôr de lado a transgressão e levar o homem pecador à obediência a Deus. E é o mesmo espírito de submissão à autoridade divina que leva a guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Apoc. 14:12. Jesus disse: "Eu e meu Pai somos um"; e os homens agora devem honrar o Filho, *assim como* honram o Pai, - nem mais nem menos. Aqueles que não encontram no evangelho o meio de glorificar a Deus Pai, estudaram em vão.

Leitor, você tem seguido o Salvador nesta ordenança de sua autoria e nomeação, que ele honrou com seu próprio exemplo? Você morreu para a transgressão e foi enterrado com o seu Senhor moribundo no batismo? Se não, então nós perguntamos: "Por que você demora?" Alguns dizem que tremem e hesitam, porque é uma coisa muito solene obedecer a esta ordenança. Verdade; mas não é uma coisa muito solene desconsiderar e negligenciar isso?

Se tremermos ao pensar na obediência aos requisitos divinos, muito mais devemos tremer ao pensar em desobediência.

Convidamos os *jovens*. Acreditamos no batismo das crianças quando elas se voltam para Jesus, o amigo amoroso das crianças. Personificado pela Sabedoria, ele diz: "Aqueles que cedo me procuram, me encontrarão." Provérbios 8:17. Esta é uma promessa preciosa; mas se você o negligenciar, logo crescerá fora dela. Aos poucos podemos ouvi-lo falando assim: "Aquele que, sendo muitas vezes reprovado, endurece a cerviz, de repente será

destruído, e isso sem remédio." Prov. 29: 1. Não pense que é uma dificuldade servir ao Senhor; Os "caminhos da sabedoria são caminhos agradáveis, e todos os seus caminhos são paz." Provérbios 3:17. Não há paz no pecado. Não há visão mais bonita do que ver os jovens entregando seus corações a Deus, e seguindo seu Salvador no batismo. Os anjos no céu, bem como os santos na terra, regozijam-se com essa cena. Não diga que vai esperar até ficar mais velho; se você tem idade suficiente para pecar, você tem idade suficiente para se arrepender. E lembre-se também, *você sempre tem idade suficiente para morrer*. Não há tempo para atrasos. "Você não sabe o que um dia pode trazer." Muitos, muitos, lamentaram profundamente por terem adiado a obra de obedecer a Deus. Mas ninguém, não, nenhum de todas as multidões que serviram a Deus durante toda a vida, já se soube que proferiu uma palavra de pesar por ter começado cedo a seguir seu amado Senhor. Venha agora. "Agora é a hora."

Convidamos os de *meia-idade*. Quantas vezes aqueles no auge da vida dizem: "Quando eu ficar mais estável na vida, e chegar a velhice, então vou servir ao Senhor." Pense bem no que isto significa. Você percebe como isso é um insulto ao seu Criador? que desprezo pelas reivindicações do Salvador? Isso significa que você tem prazer em pisar na lei do grande Deus; embora ele seja o autor de todas as bênçãos que você desfruta, e tenha um justo direito ao afeto do seu coração e ao serviço da sua vida, você escolhe desprezar sua autoridade e roubar-lhe o que é dele, contanto que você possa ter sucesso, ou encontrar prazer. Mas quando você gastar a força de sua masculinidade ou feminilidade; quando você insultar o amor de Deus e desafiar suas ameaças enquanto você puder, - então, quando suas energias estiverem falhando, e seu poder de trabalhar em sua causa se for, você virá a ele e lhe oferecerá o *privilegio* de levar você, um naufrágio moral, para salvá-lo das consequências de sua indizível loucura e maldade. Você não admira que Deus, o infinitamente único Deus poupe você de seguir tal curso? Não é surpreendente a graça que ele salvou um pecador idoso? Tem *certeza de* que viverá para realizar seus planos; que você não será cortado em sua obstinação? É o querido Filho de Deus, que morreu para abrir um caminho de salvação para você, e agora implora seu precioso sangue em seu nome - ele é menos digno de seus melhores esforços, da força de sua masculinidade, do que Satanás, quem está sempre procurando enlaçar você e levá-lo à ruína? Rapaz, moça, o que está fazendo? Para onde você está indo? Reflita. Pare! seu próximo passo pode levá-lo além dos limites da misericórdia. Volte-se agora do pecado; morrer, sim, morrer para a transgressão dos santos mandamentos de Deus, ser enterrado com seu precioso Salvador, e levantar-se para viver para Deus: para desfrutar a paz - sua paz – uma paz que excede todo o entendimento, mesmo nesta vida, na vida eterna e glória de seu reino. Pense nesta alegria e glória. E você pode ter isso? Sim, você pode; mas não demore, pois o futuro não tem certezas para você.

Convidamos os *idosos*. Que desculpa o idoso pode oferecer para persistir em desobedecer a Deus? Que esperança nesta vida - que alegria da terra - pode estar entre eles e seu dever para com seu Salvador? Eles vão responder que é difícil se arrepender de toda uma vida de pecado; difícil de superar hábitos de vida há tanto estabelecidos; difícil de mudar toda a corrente de pensamento, sentimento e ação, quando tudo foi tão longamente estabelecido. Eles dizem: "Se eu fosse jovem, seria fácil dar o meu coração a Deus. Se meus pecados não fossem tantos, se meu coração não tivesse endurecido por tantos anos de minha tolice. Oh, que eu tivesse me arrependido na minha juventude! Mas agora eu temo que seja tarde demais. "Que os jovens ouçam isto e tomem o aviso. Tarde demais! É muito tarde para você se demorar, para brincar à beira da eternidade. Tarde demais para desperdiçar mais tempo precioso; você não tem nenhum sobrando. Jesus ainda

chama. Lance-se sobre ele agora, e prove a profundidade do seu amor. De fato, pode ser tarde demais amanhã. Sua misericórdia o seguiu por toda a sua vida. Ainda perdura para você. Você não pode pagar por acrescentar à ingratidão de sua vida passada rejeitando o último chamado de misericórdia.

“Deixe a juventude em seu frescor e florescer, venha!
Deixe o homem no orgulho de seu meio-dia, venha!
Deixe a idade à beira do túmulo, venha! ”
“E quem quiser, tome de graça da água da vida”.

CAPÍTULO XIII

HISTÓRIA E TRÍPLICE IMERSÃO

INTRODUÇÃO: THEODORET – SOZOMEN

Fomos solicitados a observar o argumento histórico a favor da tríplice imersão. É um fato bem conhecido que a história é a principal dependência dos defensores da tríplice imersão. O grego do Novo Testamento é decididamente contra eles. As analogias da linguagem da Escritura são contra eles. E os fatos das Escrituras são contra eles. Mas, fortalecendo-se com afirmações históricas, traçando a prática, como afirmam, quase até o tempo dos apóstolos, eles não acham muito difícil construir inferências das Escrituras em seu favor. As inferências em si são muito fracas, como mostramos antes. Eles acham que essas inferências são justificadas pelas evidências tiradas da história. E assim de todas as maneiras, parece que a história é sua principal dependência.

Essas pessoas publicaram um jornal em Illinois, no topo do qual está o Pr. JH Moore. Ele escreveu um panfleto de 64 p., Com o seguinte título pretensioso: "Tríplice Imersão rastreada até os apóstolos; sendo uma coleção de Citações históricas de autores modernos e antigos, provando que a tríplice imersão era o único método de Batismo já praticado pelos apóstolos e seus mediatos sucessores. "Pensamos que nem o conteúdo do livro nem os fatos justificam este título flamejante.

Pr. Moore frequentemente cita James Quinter. Quinter escreveu um tratado intitulado "A Origem da Imersão Única". Esses dois trabalhos foram encaminhados a nós com a solicitação de que sejam notados. Agora vamos cumprir com esse pedido. Queremos fazer aqui algumas declarações que esperamos que o leitor considere.

1. Nada pode ser justamente inferido da *prática inicial* ou da *menção precoce* de uma prática entre os sucessores dos apóstolos, visto que os erros mais selvagens e as inovações mais ousadas são encontradas entre os *sucessores imediatos* dos apóstolos. Dr. Miller, de Princeton, citado por Campbell em Debate with Rice, diz: -

"Estamos acostumados a olhar para trás, para os primeiros tempos da igreja com uma veneração quase beirando a superstição. Correspondeu ao propósito do papado referir todas as suas corrupções aos tempos primitivos e representar esses tempos como exibidores de modelos de toda a excelência. Mas toda representação desse tipo deve ser recebida com desconfiança. A igreja cristã, acompanhando a era apostólica, e por meio século, apresentou de fato um aspecto venerável. Perseguida pelo mundo por todos os lados, ela foi favorecida em uma medida incomum com a presença do Espírito de sua divina Cabeça, e exibiu um grau de simplicidade e pureza que, talvez, nunca mais foi igualado. Mas antes do final do século II, o cenário começou a mudar; e antes do início do quarto período, uma deplorável corrupção da doutrina, disciplina e moral havia se infiltrado na igreja e desfigurado o corpo de Cristo. Hegesippas, uma historiadora eclesiástica, declara que 'a pureza virgem da igreja estava confinada aos dias dos apóstolos'."

Milner certamente não poderia ser acusado de preconceito indevido contra as primeiras tradições e costumes da igreja, mas ele diz: -

"A superstição fez, ao que parece, profundas incursões na África. Era uma região bastante pouco polida, certamente muito inferior à Itália em termos de civilização. As tentações de Satanás são adequadas a temperamentos e situações; mas certamente não foi por práticas supersticiosas que as boas novas de salvação haviam sido introduzidas na África. Deve ter havido um declínio profundo. Uma das provas mais fortes de que o valor comparativo da religião cristã em diferentes países não deve ser estimado por sua distância da era apostólica, é dedutível dos tempos de Tertuliano."

Muitas das inovações que finalmente ganharam espaço na igreja são rastreadas até Tertuliano. Ele primeiro menciona a *aspersão* em conexão com o batismo. Em seu trabalho "Sobre o batismo", cap. 2, ele diz: -

"Sem despesas, um homem é mergulhado na água e, em meio à expressão de algumas poucas palavras, é aspergido e depois se levanta novamente, nem muito ou nem um pouco mais limpo, a consequente obtenção da eternidade é considerada mais incrível." - *Edition of Clark*, Edimburgo; também no cap. 12. Ele é o primeiro a mencionar *padrinhos* em batismo, e outros apêndices do rito, e mostraremos que ele é o primeiro a mencionar a tríplice imersão.

2. Não devemos inferir que uma prática primitiva foi derivada dos apóstolos porque encontramos menção da prática, mas não encontramos menção de sua origem. Dificilmente uma única inovação ou dogma peculiar à Igreja Romana pode ser rastreado até sua origem. Os católicos baseiam seu argumento neste fato, que você não pode rastrear sua origem; sendo praticada tão cedo, a prática deve ter derivado dos apóstolos. Mas o arcebispo Whately apresenta um argumento *contra eles* deste mesmo fato; visto que as Escrituras fornecem plenitude ao homem de Deus para todas as boas obras, se esses dogmas tivessem sido promulgados pelos apóstolos, poderíamos facilmente rastreá-los até essa fonte. O seguinte irá ilustrar este ponto. Bingham, em Antiguidades da Igreja Cristã, falando do "Batismo de Sinos", diz: -

"A primeira menção que temos disso é nas capitulares de Carlos, o Grande, onde só é mencionado para ser censurado." - *Livro 11, cap. 4, 2.*

Foi então na prática. Os bispos batizaram os sinos, mas quando e onde isso se originou, como passou a fazer parte do *Cristianismo*, não temos meios de averiguar. Devemos, portanto, concluir que foi derivado dos apóstolos?

3. Como não será seguro inferir nada de uma prática porque era *cedo* mencionada, portanto, não podemos inferir sua autenticidade, por ser *geralmente* recebida. Pois (1) o espírito partidário era grande; a oposição dos partidos foi mais amarga, e os partidos mais fracos foram logo esmagados pelo poder, com mais frequência do que eram subjugados pelo argumento. (2) Como foi julgado pelo império que "a primazia deve permanecer com a Roma mais velha", de modo que a autoridade do império era chamada para derrubar tudo que se opusesse às doutrinas do bispo de Roma. E por esse meio as *heresias* foram extirpadas; e a os escritos dos hereges, sendo condenados, foram destruídos. Então agora temos apenas os escritos do partido *ortodoxo*, que então significavam, como agora significa, o partido *mais forte*, e todos os escritos dessa época de superstição e erro passaram pelas mãos daqueles que eram inescrupulosos em moldar tudo para se adequar ao seu propósito.

Para mostrar que não podemos seguir implicitamente o que a história afirma tão cedo e assim geralmente guardado, referimo-nos ao fato de que o testemunho histórico em favor do batismo infantil faz com que tenha sido precoce e geral. A evidência a seu favor é muito maior do que a favor da tríplice imersão. Então como foi introduzida *a comunhão infantil*. Assim, Dr. Schaff: -

"Nas igrejas orientais e norte-africanas prevalecia o sistema incongruente da comunhão infantil, que parecia decorrer do batismo infantil, e foi defendido por Agostinho e Inocêncio I., na autoridade de João 6:53. Na Igreja grega este costume continua até hoje, mas na latina, após o nono século, foi contestado e proibido. "- *History of the Christian Church*, vol. 2,

Bingham diz que a comunhão infantil existia nos dias de Cipriano, um bispo africano no século III. A Igreja Grega, a que se referem os tríplices imersionistas com tal ar de triunfo, afirmam que a tríplice imersão, batismo infantil e comunhão infantil, todos vieram desde os dias dos apóstolos, e todos podem ser deduzidos das Escrituras. Nós em outros lugares mostráramos o absurdo de reivindicar autoridade escriturística para a tríplice imersão. Na história, não é tão fortemente embasada quanto o batismo infantil. Dos três ritos antibíblicos acima referidos, agora mantidos pela Igreja Grega, a tríplice imersão tem o argumento menos plausível a seu favor.

E, 4. Devemos ter o devido cuidado ao receber as declarações de historiadores da Idade Média; pois, (1) Eles não sabiam mais dos fatos do primeiro século, pessoalmente, do que sabemos. Eles derivaram seu conhecimento daqueles quem escreveram antes de si. (2) Eles viveram em uma época em que quase ilimitada confiança foi colocada na tradição; quando quase qualquer escrito que foi recebido e endossado pela *igreja* foi aceito como autoridade sem maiores questionamentos. Isso será visto quando apresentarmos nosso argumento.

Notaremos agora duas declarações de Quinter em seu tratado. Ele diz:--

"Chrystal, em seu livro intitulado 'História dos modos de batismo', cita Teodoreto, Bispo de Chipre, autor de História Eclesiástica e várias outras obras, e quem viveu na última parte do quarto e no início do quinto

século, como segue: 'Ele (Eunomius) subverteu a lei do santo batismo, que tinha sido transmitido desde o início do Senhor e dos apóstolos, e fez uma lei contrária, afirmando que não era necessário imergir o candidato ao batismo três vezes, nem a mencionar os nomes da Trindade, mas mergulhar apenas uma vez na morte de Cristo.'"

Não podemos dizer que Teodoreto nunca escreveu essas palavras, mas a citação vem até nós com uma postura suspeita. 1. Não há a menor evidência de que foi transmitido pelos apóstolos. Esse era um método muito comum de impor toda e qualquer prática, mesmo antes da época de Teodoreto. 2. O próprio Teodoreto era um partidário zeloso do lado ortodoxo, que se opunha amargamente aos dissidentes, e ele viveu quando a controvérsia sobre a Trindade era muito grande, e devemos mostrar que o respeito pela doutrina da Trindade era uma base para defender a tríplice imersão. Devemos nos referir a esta declaração atribuída a Teodoreto novamente.

A próxima citação é oferecida por Sozomen. Citamos novamente o Tratado de Quinter:

-

"O que segue é a linguagem de Sozomen no que diz respeito à origem da única imersão. Ocorre em História Eclesiástica. Ele viveu, de acordo com Cave, por volta do ano 440 DC 'Alguns dizem que Eunônio foi o primeiro que ousou apresentar a noção de que o batismo divino deve ser administrado por uma imersão única; e para corromper a tradição que foi transmitida dos apóstolos, e que ainda é preservada por todos (ou entre todos). . . . Mas se foi Eunônio ou qualquer outra pessoa que apresentou opiniões heréticas em relação ao batismo, parece-me que tais inovadores, sejam eles quem forem, estiveram sozinhos em perigo, de acordo com sua própria representação, de sair desta vida sem ter recebido o santo rito do batismo; para se, depois de ter recebido o batismo de acordo com o modo antigo da igreja (*ou seja*, por tríplice imersão), eles o apontaram ser impossível reconfigurá-lo sobre si mesmos, deve-se admitir que eles introduziram uma prática à qual eles próprios não se submeteram, e assim comprometeram-se a administrar a outros o que nunca foi administrado a eles (*ou seja*, a única imersão até a morte de Cristo). O absurdo dessa suposição é manifesto de sua própria confissão; pois eles admitem que aqueles que não receberam o rito do batismo não tem o poder de administrá-lo. Agora, de acordo com sua opinião, aqueles que não receberam o rito do batismo em conformidade com seu modo de administração (*ou seja*, imersão única) não são batizado; e eles confirmam esta opinião por sua prática, na medida em que eles rebatizam (*ou seja*, por imersão única) todos aqueles que se juntam à sua seita, embora previamente batizados (*ou seja*, por tríplice imersão) pela Igreja Católica.'-- *Chrystal's História dos Modos de Batismo*, p. 78. "

Estas são as palavras atribuídas a Sozomen pelos tríplices imersionistas. A seguir estão as palavras exatas de Sozomen copiadas de sua História: -

"Alguns afirmam que Eunomius foi o primeiro a sustentar que o batismo deveria ser realizado por imersão, e para corromper, desta forma, a tradição apostólica, que foi cuidadosamente transmitida até os dias atuais. . . . Mas se foi Eunomius, ou qualquer outra pessoa, que primeiro apresentou opiniões heréticas em relação ao batismo, parece-me que tais inovadores, quem quer que tenham sido, estavam sozinhos em perigo, de acordo com suas próprias representações, de sair desta vida sem ter recebido o rito do sagrado do batismo; pois se, após ter recebido o batismo de acordo com o antigo modo da igreja, eles acharam impossível reconfigurá-lo em si mesmos, deve ser admitido que eles introduziram uma prática à qual eles próprios não tinham sido submetidos, e assim se comprometeram a administrar aos outros o que nunca tinha sido administrado a si próprios. Assim, depois de estabelecer certos princípios, de acordo com sua própria fantasia, sem quaisquer dados, eles passam a conceder a outros, o que eles próprios não receberam. O absurdo dessa suposição é manifesto de sua própria confissão; pois eles admitem que aqueles que não receberam o rito do batismo não tem o poder de administrá-lo. Agora, de acordo com sua opinião, aqueles que não receberam o rito do batismo em conformidade com seu modo de administração, não são batizados; e eles confirmam esta opinião por sua prática, à medida em que rebatizam todos aqueles que se unem a sua seita, embora previamente batizados pela Igreja Católica."

Uma feroz controvérsia grassou por muito tempo na igreja sobre se o *batismo de hereges*, ou aqueles que não se conformavam com o partido dominante, deveria ser aceito como válido. Será visto acima que *toda referência à imersão única e tríplice foi inserida neste extrato*, não por Sozomen, mas pelo homem que o citou a favor da tríplice imersão. Eles podem de fato dizer que é isso que Sozomen quis dizer, mas se Sozomen

não conseguiu dizer o que queria dizer e precisa ser corrigido neste dia, ele não é competente para testemunhar neste ou em qualquer outro caso. Nenhuma palavra nossa é necessária para rotular o curso de Chrystal como desonroso em espalhar a seus leitores esta citação das palavras de Sozomen.

Não contestamos que a tríplice imersão prevaleceu em uma extensão considerável nos dias de Sozomen; mas nos opomos fortemente a qualquer controversista que o faça muitas vezes dizer o que ele nunca disse. Mas nossos opositores podem perguntar: como seria, se a tríplice imersão então existisse? Nós respondemos: 1. Se não pudéssemos descobrir outro sentido, ainda denunciamos o curso como indigno, de tecer em uma citação histórica, aquilo que *pensamos que significa*, embora não seja dito. A Igreja Católica, em todas as suas *fraudes piedosas*, nunca foi além disso. 2. Encontramos referência histórica para *aspersão* na igreja cerca de dois séculos e meio antes de Sozomen escrever. Agora, na medida em que Sozomen falou depreciativamente da *imersão* (não de imersão *única*), ele pode ter se referido naquele momento à *aspersão* como modo preferível. Mas, 3. Qualquer modo que Sozomen pretendia endossar, é condenado por suas próprias palavras, pois fala a favor de uma "*tradição* transmitida pelos apóstolos." Ele sabe muito pouco sobre a história da igreja para quem não sabe que a tradição obteve uma posição padrão no século V. E prometemos mostrar, também, que a primeira autoridade para a tríplice imersão se baseou apenas na tradição.

CAPÍTULO XIV

JUSTIN MARTYR - CLEMENT - TERTULLIAN – SR. REEVES - CANONES APOSTÓLICOS – MUNNULUS

Sr. Moore apoia fortemente os esforços de Quinter em favor de seu sistema, mas seu próprio panfleto é muito mais amplo em referências históricas. Ele *diz* que rastreou isso diretamente aos apóstolos. Os três escritores mais próximos dos apóstolos dados por ele são Tertuliano, 160-220 dC; Clemente de Alexandria, 150-220 dC; e Justin Martyr, 100-165 dC. Estas são as mais importantes de todas as testemunhas, porque eles viviam mais perto dos apóstolos, e aqueles que os seguiram deveriam depender deles mais ou menos para qualquer "tradição transmitida dos apóstolos." Devemos tomá-los na ordem inversa e observar primeiro

JUSTIN MARTYR,

Porque ele era o mais próximo dos apóstolos. O Sr. Moore cita e comenta como segue: -

"Justin escreveu 'Uma Apologia aos Cristãos, endereçada ao Imperador, ao Senado e ao Povo de Roma.' Neste trabalho ele descreve as doutrinas e ordenanças da igreja de Cristo; e no batismo tem a seguinte passagem: 'Então nós os trazemos para algum lugar onde há água, e eles são batizados pela mesma forma de batismo pelo qual fomos batizados; pois eles são lavados na água em nome de Deus o Pai, Senhor de todas as coisas e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo. '

"As obras de Justin foram escritas na língua grega e foram traduzidas pelo Sr. Reeves, que, ao falar da confissão habitualmente feita naquelas primeiros vezes, diz sobre a passagem acima: 'Os candidatos foram *três vezes* mergulhados na água na nomeação das Três Pessoas na abençoada Trindade. '

"Esta é a opinião sincera do tradutor erudito, que quando Justin escreve sobre os cristãos sendo lavados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ele significa nada menos que a tríplice imersão. Damos ao Sr. Reeves 'convicções e opinião sincera como um argumento justo em apoio ao fato de que a passagem acima se refere ao tríplice imersão."

O Sr. Moore faz suas citações acima de Pengilly sobre o Batismo. E aqui, leitor, temos a primeira pedra, a própria pedra angular do edifício da tríplice imersão; a primeira testemunha - aquela mais próxima dos apóstolos - para provar que a tríplice imersão existia nos dias dos apóstolos. Aqui temos vários pontos de interesse.

1. Justin *não diz absolutamente nada* sobre a trígono imersão! Somos lembrados do caso do advogado que disse ter cinco razões para apresentar porque sua testemunha não foi na corte. Primeiro, ela estava morta. O juiz aqui o dispensou de dar ao outro quatro. Podemos parar aqui com um caso claro, mas examinaremos um pouco mais distante.

2. É a *opinião* sincera do Sr. Reeves que Justin *significava* tríplice imersão, embora ele não diz nada sobre isso. Em que se baseia esta opinião e em que vale a pena, veremos em breve.

3. A *opinião* do Sr. Reeves é oferecida como um *argumento justo* a favor do *fato de que* a passagem refere-se à tríplice imersão.

Deve ser lembrado que nenhum outro autor da época de Justin é citado para provar a existência do *fato* presumido. Todo o ônus da evidência está na opinião do Sr. Reeves.

Na "Biblioteca Ante-Nicene", publicada por Clark, Edimburgo, as obras de Justin são traduzidas pelo Dr. Dods. Do cap. 61 de sua primeira Apologia copiamos como segue: -

"Também vou relatar a maneira como nos dedicamos a Deus, quando fomos feitos novos por meio de Cristo; para que, se omitirmos isso, parecemos ser injustos na explicação que estamos fazendo. Tantos quantos estão persuadidos e acreditam que o que dizemos e ensinamos é verdade, e nos comprometemos a ser capazes de viver de acordo, são instruídos a orar e suplicar a Deus com jejum, pela remissão dos pecados que já passaram, estamos orando e jejuando com eles. Então eles são trazidos por nós onde há água, e são regenerados da mesma maneira que nós mesmos fomos regenerados. Pois em nome de Deus, o Pai e Senhor do Universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo, e do Espírito Santo, eles então recebem a lavagem com água. Porque Cristo também disse: "A não ser que nasças de novo, não entrarás no reino dos céus."

Se a tradução do Dr. Dods estiver correta, e o Dr. Schaff fornecer da mesma forma, então o termo *batismo* é usado pelo Sr. Reeves apenas por implicação. No entanto, a ideia de *regeneração batismal* é fortemente favorecida pela linguagem de Justin; tão cedo começaram as visões errôneas do batismo a encontrar o caminho para a igreja. Mas por nenhuma construção possível pode a tríplice imersão ser inferida de sua linguagem.

A próxima testemunha citada mais perto da época dos apóstolos é

CLEMENTO DE ALEXANDRIA

O Sr. Moore cita e comenta o seguinte: -

"Clemente está se dirigindo às igrejas plantadas pelos apóstolos - igrejas compostas por membros, muitos dos quais foram batizados pelos sucessores dos apóstolos - quando ele usa as seguintes palavras: 'Vocês foram levados à água assim como Cristo foi levado ao túmulo, e foram três vezes imersos, para significar os três dias de seu enterro.' - Wiberg on *Baptism*, p. 228."

Não podemos dizer positivamente que Clemente nunca escreveu essas palavras, mas estamos mostrando fortemente a dúvida. Nenhuma referência é feita a qualquer trabalho onde ele possa ser encontrado. Achamos que tivemos acesso e examinamos todos os escritos que são geralmente atribuídos a Clemente, mas essas palavras não estão neles. Nós vimos liberdade que foi tomada com Sozomen para fazê-lo testemunhar de seu propósito, e que argumento forte é feito do *nada* no caso de Justin; e porque, se esta citação é genuína, não nos foi dito de onde foi tirada? O que é oferecido como prova deve ser mostrado como prova. Temos o direito de questionar tais citações avulsas.

Não consideramos isso, entretanto, como o testemunho citado de Justin. E se isto deve provar ser genuíno, o que temos boas razões para duvidar, devemos lembrar daquela

tríplice imersão que foi reconhecido na África mais cedo do que em qualquer outro lugar; e que a África era, naquele tempo, o berço das inovações supersticiosas na fé cristã. Veja Milner, como citado antes.

TERTULIANO

Não há dúvida de que Tertuliano mencionou a tríplice imersão; mas ele se referiu apenas à *tradição*. Isso é negado pelos tríplices imersionistas, mas a prova é decididamente contra eles. Sr. Moore publica um apêndice de *Advertencia* sobre este ponto. Ele diz:--

"Nos escritos de Campbell, Hinton, Fuller e Wiberg, Tertuliano é acusado de afirmar que, 'somos imersos três vezes, *cumprindo* um pouco mais do que nosso Senhor decretou no evangelho.' Isso, no entanto, é simplesmente uma tradução incorreta do texto latino, cuja tradução em Oxford é a seguinte: 'Então somos nós mergulhados três vezes, *empenhando* [não cumprindo] algo mais do que o Senhor prescreveu no evangelho.' Antes dos candidatos serem batizados, eles juraram algumas coisas não mencionadas no evangelho, e a estas Tertuliano se refere."

Estas palavras de Sr. Moore não justificam os fatos. Tertuliano não fala do que foi feito *antes do batismo*, mas *no batismo*. E a versão de Campbell, Hinton, Fuller e Wiberg são mais precisas em seguir o original, do que é seguido e fornecido por Stuart, que citamos em outro lugar. As palavras de Stuart na íntegra nesta passagem são as seguintes:

"O próprio Tertuliano, no entanto, parece ter considerado esta *tríplice* imersão como algo acrescentado aos preceitos do evangelho; pois assim ele fala em seu livro, 'De Corona Militis': 'Daí somos três vezes imersos (*ter mergitamur*), *respondendo*, ou seja, cumprindo, *um pouco mais* (*amplius aliquid respondentes*) do que o Senhor decretou no evangelho.'"

Stuart é certamente tão literal quanto pode ser ao traduzir *respondendo*, responder; e ninguém pode fazer objeção à ele e torná-lo equivalente a cumprir, neste caso; enquanto a frase inteira em Tertuliano aponta inequivocamente para a ação da tríplice imersão, e não para nada antes do batismo.

Mas há um teste decisivo para o qual agora levaremos esse assunto. Bingham, "Antiguidades da Igreja Cristã", é uma das testemunhas citadas pelo Sr. Moore, em suas evidências históricas. Bingham tratou de todo o assunto longamente, embora ele não dê diretamente sua própria opinião sobre a correção do método. Da derivação da tríplice imersão, ele diz: -

"Alguns derivam da tradição apostólica; outros, da primeira instituição do batismo por nosso Salvador; enquanto outros consideram isso apenas uma circunstância indiferente ou cerimônia, que pode ser usada ou omitida sem qualquer prejuízo para o sacramento em si, ou violação de qualquer indicação divina. Tertuliano, São Basílio e São Jerônimo colocam-no entre os ritos da igreja que eles consideram ser transmitidos da tradição apostólica." - *Livro 11, cap. 11.*

Aqui aprendemos que os primeiros defensores da tríplice imersão não tinham concordância quanto à sua origem. Alguns atribuíram isso à instituição do Salvador, mas

estes não foram seus primeiros defensores. Outros atribuíram-no à tradição; e ainda outros o consideraram *um assunto indiferente*. Ali não estava entre eles um acordo sobre o assunto como os tríplices imersionistas querem que acreditemos.

Será notado que a "tradição apostólica" se distingue daquela que foi nomeada pelo Salvador. Tertuliano, a primeira testemunha da tríplice imersão, e o príncipe dos inovadores tradicionais ", coloca-o entre os ritos da igreja que eles consideram ser herdados da *tradição apostólica* ." Isto mostra que o "Cuidado" do Sr. Moore é totalmente fútil, e que sua construção das palavras de Tertuliano está errada.

O primeiro nome dado por Bingham entre aqueles que afirmam que essa tríplice imersão veio da nomeação do Salvador, é o de Crisóstomo; mas Crisóstomo viveu dois séculos após Tertuliano, em uma época em que as tradições foram mais firmemente estabelecidas como autoridade na igreja. Em uma revisão de toda base, devemos nos referir a Tertuliano e Crisóstomo novamente. Faremos brevemente menção

SR. REEVES

Este é um testemunho de grande importância para os tríplices imersionistas. É a *opinião* dele que faz o "argumento justo" de que Justin Martyr acreditava na tríplice imersão! Achamos, no entanto, que injustiça é feita ao Sr. Reeves pelo Sr. Moore. Ele pode falar na verdade da "confissão daqueles primeiros tempos ", que é bastante indefinida, e de tríplice imersão nos primeiros tempos, sem atribuir essa ideia a Justin. O Sr. Reeves declarou o forte argumento, em sua própria mente, para essa prática, nas seguintes palavras: -

"Os antigos observaram cuidadosamente a tríplice imersão, tanto que, pelos 'Cânones Apostólicos', o bispo ou presbítero que batizava sem isso era deposto do ministério. "

Que *alguém* acreditou e praticou a tríplice imersão desde cedo na igreja cristã, não negamos. Mas desejamos que o leitor tenha em mente que agora estamos procurando a *autoridade* para a prática. Sr. Reeves foi citado com grande confiança, e ele se refere à *sua autoridade*. Esta mesma autoridade é em outro lugar fornecida por Eld. Moore, então vamos notar

"OS CANÕES APOSTÓLICOS."

Destes, Sr. Moore diz: "Estes 'Cânones, que consistem em oitenta e cinco leis eclesiásticas, contêm uma visão do governo da igreja entre os gregos e cristãos orientais nos primeiros séculos da religião cristã '(*Mosheim*, vol. 4, pág. 44), e pode ser invocado para traçar o batismo cristão até uma data anterior. Alguns eruditos, que fizeram pesquisas profundas a respeito da origem desses Cânones, atribuíram a alguns deles uma data muito anterior do que 200 d.C.

"O quinquagésimo dos Cânones Apostólicos diz o seguinte: 'Se algum Bispo ou Presbítero não realiza três imersões de uma iniciação, mas uma imersão que é dada na morte de Cristo, que ele seja deposto; pois Senhor não disse: "Batizeis na minha morte", mas "Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." Portanto, ó Bispos, mergulhem três vezes - em um só Pai, e Filho e

Espírito Santo, de acordo com a vontade de Cristo pelo Espírito. '- *Quinter e O Debate de McConnel*, p. 114. "

É a isso que o Sr. Reeves se refere; mas ele não diz uma palavra quanto à sua data, origem e autenticidade. É claro que foi escrito por *alguém*, e que alguém acreditou em três imersões. Mas *quem* era, e *quando* ele escreveu, ninguém sabe. Era uma prática muito comum naqueles dias de *falsificações piedosas* rotular seus escritos como *apostólicos*, ou atribuí-los a algum cristão digno, para dar-lhes peso entre aqueles que não pararam para discriminar entre o verdadeiro e o falso.

Esses cânones são de fontes desconhecidas. Nem todos perceberam de uma vez. Observe que o Sr. Moore diz: "Alguns homens eruditos ... designaram *alguns deles*, de uma data muito anterior a 200 d.C." Mas, do que *está em questão*, o quinquagésimo, ele não diz nada. Ele deve ter conhecido alguns dos fatos a respeito, e se esforçado para dar autoridade a isso, falando uma boa palavra para "alguns deles", saboreia muito do mesmo espírito que os originou. Dos Cânones, Dr. Schaff diz: -

"São evidentemente de crescimento gradual, e foram coletados após meados do século IV, ou não até a última parte do quinto, por alguma mão desconhecida, provavelmente também na Síria."

Nesses Cânones são encontrados, com notas, em uma "História dos Concílios Cristãos", pelo Bispo Hefele, da Alemanha. Anexado ao Canon 50, o citado acima, está esta observação: -

"Este Cânon está entre os mais recentes da coleção. Não é conhecido de que fonte é derivada."

Por enquanto, dispensamos os Cânones Apostólicos, de bom grado, de acordo com os tríplices imersionistas, pois toda a honra é adquirida pelo uso que fazem deles.

Precedendo esses Cânones, em termos de cronologia, vem o testemunho de

MUNNULUS, BISPO DE GIRBA

Suas palavras, reivindicadas em favor de três imersões, foram proferidas no sétimo Conselho de Cartago, realizado sob Cipriano, em 256 d.C. Houve 85 bispos presentes. O único objetivo deste conselho era resolver a questão da validade do batismo administrado por hereges; e o testemunho unânime foi que aqueles que foram batizados por hereges devem ser batizados novamente, para que entrassem na igreja católica ou ortodoxa. Nenhuma palavra foi falada contra seu modo ou forma de administrá-lo; apenas que era inválido, ou não havia batismo algum, porque foi pelas mãos de um herege. Cipriano preservou em registro a decisão de cada membro do conselho. Damos espécimes, que o *animus* do conselho pode aparecer. Januário de Muzzuli disse: -

"Estou surpreso, pois todos confessam que há um só batismo, mas nem todos percebem a unidade do mesmo batismo. Pois a igreja e a heresia são duas coisas, e coisas diferentes. Se os hereges têm batismo, nós não; mas se tivermos, os hereges não podem ter. Mas não há dúvida de que somente a igreja possui o batismo de Cristo, visto que somente ela possui a graça e a verdade de Cristo."

Ahymus de Ausvaga disse: "Recebemos um batismo, e esse mesmo nós guardamos e praticamos. Mas aquele que diz que os hereges também podem batizar legalmente, tem dois batismos. "

O seguinte nós copiamos do livro do Sr. Moore: -

"256 d.C., enquanto no famoso Conselho de Cartago, Munnulus fez uso da seguinte linguagem em um de seus discursos, preservado por Cipriano: 'A verdadeira doutrina de nossa santa mãe, a Igreja Católica, sempre, meus irmãos, foi conosco, e ainda permanece conosco, especialmente no artigo do batismo, e na tríplice imersão com a qual é celebrado; nosso Senhor disse: 'Ide e batizai os gentios, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.'-- *Works of Ciprian*, parte 1, p. 240."

O seguinte, como palavras de Munnulus, copiamos dos registros de Cipriano deste conselho, em suas Obras, vol. 2, pág. 204: -

"A verdade de nossa Mãe, a Igreja Católica, irmãos, sempre permaneceu e ainda permanece conosco, e mesmo especialmente na Trindade do batismo, como nosso Senhor diz: 'Ide e batizai as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.' Desde então, sabemos claramente que os hereges não têm Pai, Filho ou Espírito Santo, eles deveriam, quando vierem para nossa igreja Mãe, verdadeiramente nascer novamente, e ser batizado; para que o câncer que eles tinham, e a raiva da condenação e a feitiçaria do erro podem ser santificadas pela pia sagrada e celestial. "

Tememos que a mesma liberdade foi tomada com as palavras de Munnulus que foi levado com a história de Sozomen. Aquilo que foi chamado por ele de "a Trindade do batismo", é usado como testemunho para defender uma tradição, chamada "batismo e a tríplice imersão", etc. A diferença é material, há uma reduplicação do termo batismo, ou imersão, e a duplicata torna-se *uma palavra de explicação*, tal como encontramos inserida nas palavras de Sozomen.

Mas pode surgir a pergunta: O que ele quis dizer com "a Trindade do batismo"? Ele mesmo explica; nós, diz ele, batizamos em nome do Pai, do Filho, e do Espírito, enquanto os hereges não têm Pai, Filho, nem Espírito Santo. Portanto, em vez de *três imersões*, ele se refere às *três pessoas* invocadas no ato do batismo. E a mesma ideia é ainda mais claramente expressa por outros autores antigos. Assim, em "Reconhecimentos" de Clemente, livro 3, cap. 67, da seguinte forma: -

"Mas cada um de vocês será batizado nas águas que sempre correm, com nome da Bendita Trindade sendo invocado sobre ele. "

E novamente duas vezes em suas "Homilias", assim: -

"Lavando-se em um rio que flui, ou em uma fonte, ou mesmo no mar, com a invocação três vezes abençoada, você será capaz não apenas de afastar os espíritos que se escondem em você", etc. - Hom. 9, cap. 19

"Pois há algo que é misericordioso no nascimento sobre as águas, e resgata do castigo futuro aqueles que são batizados com a invocação três vezes abençoada." - Hom. 11, cap. 26

Estamos bem cientes de que a "tríplice bem-aventurança", ou "invocação três vezes abençoada", extraída diretamente das palavras das Escrituras, logo foi feito o fundamento do batismo triplo, nem um pouco baseado nas Escrituras, mas baseado apenas na tradição. Assim, os fatos da história destroem completamente a reivindicação da *prática inicial* da tríplice imersão, ou seu rastreamento aos dias dos apóstolos. Nós admitimos que cedo o suficiente foi encontrado entre as superstições que surgiram até mesmo nos dias de Tertuliano. Somos cuidadosos em seguir o testemunho histórico mais adiante, porque volumes de tradição não têm peso para nós, e está provado que isso não possui nenhuma outra origem.

As palavras do Dr. Miller, do Princeton College, são dignas de constante lembrança: "Suponha que você tenha encontrado tais declarações em alguns ou todos dos primeiros pais. Então? *O fato histórico não é uma instituição divina.*"

CAPÍTULO XV

EUNOMIUS

PESO DAS COTAÇÕES HISTÓRICAS

A IGREJA GREGA

Os defensores das três imersões afirmam que Eunomius, bispo de Cyzicum, foi o originador da imersão única. Não existe evidência suficiente para este efeito. Eles professam provar isso por Sozomen e Theodoreto. Mas Sozomen *não diz* o que eles atribuem a ele. Teodoreto, em sua história, dá um relato bastante completo de Eunônio, de ser condenado como amigo de Ário, ao tomar o bispado, mas nenhuma palavra daquilo que lhe é atribuída. Ele também tem registrada uma carta sinódica de um concílio realizado em Constantinopla, 381 dC, nas quais estão as seguintes palavras: -

"Rejeitamos a hipótese de Sabelleus, que confunde as três pessoas ao negar suas características; nem recebemos a blasfêmia dos Eunomianos, dos Arianos ou dos Espíritas, que dividem a substância, a natureza e a divindade da Divindade, e que, negando a Trindade incendiada e consubstancial e co-eterna, falam de uma Trindade que eles representam como tendo sido criada, ou consistindo de diversas naturezas."

O que essas pessoas realmente acreditavam nunca será conhecido. Um breve aviso do tratamento dos hereges naquela época pode não estar fora do lugar. Bower diz: -

"Encontraremos muito poucos, se é que há algum, que, em suas doutrinas de ensino, não aprovadas pelos pais, não foram imediatamente transformados por eles, fora seu grande zelo pela pureza da fé, em monstros de maldade, embora eles próprios talvez os tenham proposto antes aos padrões de cada Virtude cristã. Cabe-nos, portanto, ser muito cautelosos ao dar crédito ao que dizem daqueles a quem chamam de hereges." - *History of the Popes*, vol. 1, p.

Ao ler a história daqueles tempos, muitas vezes ficamos impressionados com a ideia de que a ambição, ao invés do cristianismo, levou ao partido dominante, e que o zelo dos ortodoxos não foi tão fortemente despertado contra as *vidas*, ou mesmo contra as *doutrinas*, daqueles chamados hereges, como contra suas *pessoas*. O espírito e temperamento da época parece bem expresso por Gibbon: "A religião era a pretensão; mas no julgamento de um santo contemporâneo, a ambição era o genuíno motivo da guerra episcopal."

Eunomius foi ordenado bispo, provavelmente por volta de 360 d.C. O Sr. Moore não diz, de fato, que o 50º Cânon era anterior a 200 d.C., mas ele evidentemente deseja fazer com que seja assim. Por que mais pleitear por sua data inicial, dizendo que alguns homens eruditos atribuíram a alguns deles uma data muito antes de 200 d.C.? Mas se o 50º Cânon foi quase tão cedo quanto isso, eles querem que pensemos, como então parece, que Eunomius originou imersão única quase dois séculos depois? Aqui está um *Cânon Apostólico*, se não vindo da própria idade dos apóstolos, mas de seus imediatos sucessores, perto o suficiente deles para serem justamente chamados de "Apostólicos", que fortemente condena uma prática que não foi introduzida até perto do final do quarto século! Chrystal estima tanto este Cânon que constantemente o chama de "Cânon 50 dos apóstolos", e ainda assim ele afirma que Eunônio, perto do século V, foi o originador da

imersão única, que este "Cânon dos Apóstolos" assim condena veementemente! O erro também se apoia em uma "cerca oscilante".

PESO DAS COTAÇÕES HISTÓRICAS

Aqueles que favorecem a tríplice imersão parecem pensar que seu argumento é forte se eles puderem citar muitos autores que concordam que a tríplice imersão prevaleceu entre os primeiros cristãos. Admitimos que sim, e dez mil testemunhas desse efeito não aumentam em absoluto a veracidade, nem ainda a importância do fato. Mas, embora saibamos que muitos erros escandalosos, mantidos até hoje por alguns, mas pelos mais repudiados, prevaleceram ao mesmo tempo e foram introduzidos tão integralmente como cedo, o simples fato de que a prática existia em uma idade precoce não prova nada a seu favor. A questão não é: isso existia? mas, por que autoridade existia? Satanás existiu desde muito cedo e assumiu que tomaria seu lugar entre os filhos de Deus; mas nem sua idade nem tal associação dão qualquer santidade ao seu caráter.

Se pudesse ser mostrado que a igreja era extremamente pura na era de seu primeiro reconhecimento pelos "pais", e que nenhum outro erro ainda havia obtido um fundamento entre os bispos e presbíteros, isso seria uma presunção a seu favor. No entanto, apenas uma *presunção*, se não puder ser claramente encontrada nas Escrituras. A *história não tem autoridade*. Por este motivo não perseguimos o primeiro argumento histórico, porque ele não tem peso em nossas mentes. Não deveríamos ter nos desviado do curso inicialmente traçado, para observar o argumento histórico em tudo, se não fosse pelo pedido dos irmãos a quem respeitamos muito e cujo julgamento honramos. Dissemos e repetimos que não nos importamos com o que as pessoas *fizeram*; nossa única investigação é respeitar o que eles *deveriam ter feito*. A história pode nos informar o que eles fizeram, mas olhamos à Bíblia apenas por dever - pelo que devemos fazer. Mas além dessa declaração, devemos registrar nossa convicção mais solene de que a história – cedo na história - não foi nada a favor da tríplice imersão. Nós a rastreamos diretamente na África por seus primeiros adeptos, e descobrimos que eles reconheciam a tradição como sua base.

Existem três pontos que devemos examinar: o peso do testemunho da Igreja Grega; a luz em que o batismo era realizado entre os antigos Cristãos; e as razões que foram sugeridas em favor da tríplice imersão. E primeiro

A IGREJA GREGA

Embora seja uma questão de menor importância, ainda Sr. Moore não é estritamente correto em datar a era da Igreja Grega antes de sua separação da comunhão de Roma na última parte do século IX. Antes disso, eles eram considerados um corpo; depois disso, a grega e as igrejas romanas tornaram-se distintas. Até agora, no entanto, como sua prática é em causa, provavelmente não é afetada por esta circunstância. A Igreja Grega é frequentemente referida como um exemplo sobre o assunto do batismo. É dito que eles deveriam entender melhor sua própria língua original: portanto, é seguro segui-los em sua definição de batismo.

Já dissemos: Nós os seguimos com segurança *na definição da palavra*; mas ousamos não segui-los *em sua construção da ordenança*. Para isso podemos mostrar uma razão. Ao dar para batizar a definição, *como imergir*, eles seguem o uso da linguagem em que o

Novo Testamento foi escrito. Mas, tendo estabelecido a identidade do *batismo* e *imersão*, se seguirem a tradição e praticarem três imersões, que na verdade são *três batismos*, eles então partem do texto grego do Novo Testamento, que diz claramente *um batismo*. E aqui a verdade nos obriga a deixá-los. Sr. Moore cita Alexander de Stourdza como declarando que a Igreja Grega "administra o batismo à semelhança daquele de Cristo", e ao praticarem a tríplice imersão, ele infere que é depois dessa semelhança. Aqui repetimos outras palavras deste autor da seguinte forma: -

"A igreja do Ocidente, então, se afastou do exemplo de Jesus Cristo; ela obliterou toda a sublimidade do símbolo exterior; enfim ela comete um abuso de palavras e de ideias, ao praticar o *batismo* por *aspersão*, este próprio termo sendo, em si mesmo, uma contradição irrisória. O verbo *baptizo*, *immergo*, tem na verdade, apenas uma única aceitação. Significa literalmente e sempre *mergulhar*. Batismo e imersão, portanto, são idênticos; e dizer, *batismo* por *aspersão*, é como se alguém dissesse, *imersão* por *aspersão*, ou qualquer outro absurdo dessa natureza. "

Esta é certamente uma apresentação forte do caso; mas se for verdade, que todos nós admitimos, que a *imersão* e o *batismo* são idênticos, será necessário um mais sábio do que Alex. De Stourdza para mostrar que *três imersões* e *três batismos* não são idênticos! E, na medida em que o *batismo* e a *imersão* são iguais, se *três batismos* e *três imersões* não são iguais, é porque *três não são iguais a três!* Permanece sem disputa sobre a igualdade de *batismo* e *imersão*; e toda a matéria gira em torno da questão: o número três é *igual a si mesmo*? Aqui está o absurdo da teoria da tríplice imersão reduzida a uma demonstração matemática. Pois é um axioma que, se iguais forem adicionados a iguais, os resultados serão iguais. Então, como *três* são iguais a *três*, se eles forem adicionados, respectivamente, à *imersão* e ao *batismo*, que também são iguais, os resultados são iguais. Daí *três imersões* igual a *três batismos*. Ficaríamos satisfeitos em ver alguém tentar estabelecer o inverso desta proposição. Mas três batismos são contrários às Escrituras; portanto, três imersões são contrárias às Escrituras.

O Sr. Moore cita o Dr. Carson para confirmar a visão de que as *três imersões* (devidamente designadas três batismos pelo Dr. Carson) respeitam a ação, enquanto um batismo (propriamente uma imersão) tem a ver com o rito. Dr. Carson disse:--

"As três imersões são, *na avaliação de quem as utilizou*, são apenas um rito. "

Dr. Carson era um homem muito consciencioso. Ele sacrificou tudo que um homem da mais alta cultura e melhores perspectivas mundanas poderia sacrificar para apresentar a imersão na prática da igreja. Mas ele nunca pronunciou uma palavra a favor de três imersões, como esperaríamos que ele fizesse se acreditasse que esse é o sentido da injunção das Escrituras.

Além disso, há um erro em distinguir entre a *ação* e o *rito*. Um rito é necessariamente uma ação; o sentido de um determina o sentido do outro. A distinção assumida, "na estimativa de quem os utilizou", como Dr. Carson disse, afirmamos que é injusto. Sr. Moore diz sobre Alexander Campbell's em defesa de um batismo: -

"O único batismo, ou uma imersão, visto por Campbell, não foi a ação pela qual o rito foi realizado, mas o próprio rito. . . As três imersões vistas através de seus óculos históricos eram a mesma coisa, só que sob uma aparência."

E é apenas pelo poder mágico dos "óculos históricos" que qualquer pessoa pode ver três imersões. O valor real da visão que tentamos colocar diante de nossos leitores. Temos notado há algum tempo que os *espetáculos históricos* são uma panaceia com uma certa classe dada ao *estrabismo teológico*. Nós o consideramos dispositivos empíricos, prejudiciais à *visão moral*, às vezes resultando no *obscurecimento total da Bíblia*.

Constantinopla era a cidade central da Igreja Grega, assim como Roma era e é da latina. O atual chefe da Igreja Grega, assim chamada, é o Czar da Rússia. Eles eram de uma comunhão até o século IX; mas foi decidido pelo Papa Gregório o Grande que uma diversidade de práticas em relação ao batismo não invalidava a ordenança. Nós vimos que a Igreja Grega não age de forma consistente com o Novo Testamento na prática de três batismos; temos quaisquer outras razões para desconfiar de seu testemunho e seu exemplo? Nós temos.

1. Eles praticam o *batismo infantil*, que é claramente uma corrupção da ordenança. Eles professam fundar isso também diretamente nos ensinos de Cristo; afirmando que o batismo é o nascimento mencionado em João 3: 5, que só pode garantir sua entrada para o reino de Deus. Assim, vemos que não podemos confiar com segurança em seu exemplo, nem à sua afirmação derivada das Escrituras.

2. Eles praticam a *comunhão infantil*, que também é uma corrupção do evangelho. Mas eles professam tirar isso também das próprias palavras de Cristo em João 6:53, 54. Eles afirmam que na comunhão está a carne e o sangue de Cristo, que também crianças devem comer e beber, ou perder a vida eterna. Esta, outra perversão das Escrituras, prova que eles não são guias seguros na fé e na prática.

3. Eles reconhecem a autoridade da *tradição*, mantendo-a igual às Escrituras. É bem sabido que a autoridade da tradição foi colocada além da questão *em toda a Igreja Católica*, muito antes da separação dos gregos e das partes latinas. Mas não precisamos discutir o ponto nesta ocasião, Sr. Moore mesmo diz: "Na verdade, a autoridade escriturística e tradicional está com os gregos igualmente vinculativo." Isso decide a questão quanto ao valor de sua prática como exemplo para nós. As Escrituras são nossa *única* regra. Podemos harmonizar com outros, na medida em que se harmonizam com esta regra; quando eles a deixam, ou corrompem-na, ou exaltam a tradição a uma igualdade com ela, alegremente tomamos outra direção, separados de sua companhia.

CAPÍTULO XVI

BATISMO NOS PRIMEIROS SÉCULOS

Se o exemplo da igreja nos primeiros séculos tem algum peso ou importância como indicação de nosso dever em relação ao batismo, só pode ser porque eles o preservaram em pureza. Pois se eles não o preservassem puro - se eles pervertessem e o corrompessem - então seu exemplo deveria ser *evitado* e *não seguido*. Nós vamos agora dar razões abundantes para não apenas desconfiar dos reconhecidos professores e líderes dos primeiros séculos, mas se afastando deles com sentimentos de pena por sua cegueira e loucura, se, de fato, não somos levados a ceder sentimentos mais fortes do que os de piedade.

Bingham dá os vários títulos que foram dados ao batismo, voltando como já em Tertuliano. Foi chamado de "absolvição", por uma razão evidente; "regeneração da alma; "" iluminação ", porque era para transmitir um conhecimento das coisas divinas para o entendimento; "salvação", porque era necessário para a salvação e para assegurá-la; "o sinal de Deus", "caráter Dominicus," porque o caráter do Senhor deveria ser comunicado ao assunto!" Era dito que o batismo lava todos os pecados. "Foi por esta razão que Constantino, por treze anos após ter professado o cristianismo, recusou-se a ser batizado, apenas solicitando-o em seu leito de morte, para assim certificar-se de que seus pecados podem todos ir juntos, como se para "compor seus crimes" com o céu! isso foi considerado útil para distúrbios físicos e espirituais, como uma cura para doenças. Bingham relata que aqueles que não tinham interesse no Cristianismo eles próprios costumavam levar seus filhos aos bispos para o batismo, a fim de preservá-los de doenças. Diz-se de Novatus: "De uma esperança de recuperação da sua saúde, ele professava o cristianismo." "Ele foi batizado em sua cama quando aparentemente prestes a morrer." Essas eram as opiniões sobre o batismo no segundo, terceiro, e quarto séculos.

Conectado com ele, e conforme necessário para a plena realização do batismo como "tríplice imersão" estava "a renúncia". E Bingham diz: "A antiguidade desta renúncia é evidenciada por todos os escritores que disseram algo sobre o batismo." Se a antiguidade confere autoridade ou a torna *apostólica*, então esta cerimônia deve ser aceita! Bingham dá Dionísio como sua autoridade, assim: -

"Em outro lugar, ele descreve assim toda a cerimônia: O padre faz que a pessoa a ser batizada fique com as mãos estendidas para o oeste, e golpeá-los juntos (o original denota colisão, ou golpeá-los juntos por meio de aversão); em seguida, ele o convida três vezes a exalar, ou cuspir, em desafio de Satanás; depois, repetindo três vezes as palavras solenes de renúncia, ele lhe ordena que renuncie três vezes nessa forma; então ele o muda para a direção leste, e com suas mãos e olhos erguidos para o céu, pede-lhe para entrar em aliança com Cristo. Vicecomes acha que essa tripla renúncia foi feita, seja porque havia três coisas que os homens renunciaram em seu o batismo, o diabo, suas pompas e o mundo; ou para significar as três pessoas da Trindade; por quem foram adotados como filhos sobre a sua renúncia a Satanás. "- *Livro 11, cap. 7, seção 4* diz: "Era acompanhado de algumas outras cerimônias."

Em seguida, tinha a unção, sinal com a cruz e a consagração da água.

"O bispo começa a unção fazendo três vezes o sinal da cruz, e então o entrega aos sacerdotes para ser ungido em todo o corpo, enquanto ele vai e consagra a água na fonte.
"- *Id.*

--A unção de confirmação, então normalmente era a conclusão do batismo, tanto em pessoas adultas como em crianças; e muitas das passagens que falar do sinal da cruz no batismo relacionam-se claramente com isso como um apêndice do batismo, e intimamente ligado a ele, como a última cerimônia e consumação dela.
"- *Livro 11, cap. 7, 4.* diz:

"A água do batismo foi marcada com o sinal da cruz."

Não há dúvida de que a cerimônia de consagração e travessia das águas teve muito a ver na construção da ideia dos efeitos maravilhosos da água do batismo, tanto física quanto espiritualmente. Assim, Crisóstomo disse: -

"Aqueles que se aproximam da pia batismal não são purificados apenas de toda maldade, mas santificados e também justificados. Embora um homem deva ser sujo com todos os vícios humanos, o mais negro que pode ser nomeado, ao cair na pia batismal, ele sobe da mais puras águas batismais do que as vigas de meio-dia." *Ver Coleman, Antigo Chris. Exemplificado*, pp. 368, 369.

Havia um poder regenerador e salvador atribuído às consagrados águas. Neander diz: -

"Crisóstomo especifica dez diferentes efeitos da graça operada no batismo; e então ele reclama daqueles que fazem a graça do batismo consistir simplesmente no perdão dos pecados." - *Vol. 2, p. 665.*

Essa superstição de consagrando e cruzar as águas, data já na idade de Tertuliano. De sua eficácia ele fala assim: -

"Todas as águas, portanto, em virtude do privilégio primitivo de sua origem, o fazem, depois da invocação de Deus, alcançar o poder sacramental da santificação; o espírito imediatamente sobrevém dos céus e repousa sobre as águas, santificando eles de si mesmo; e sendo assim santificados, eles absorvem ao mesmo tempo o poder de santificação." - *Tertuliano sobre o batismo*, cap. 6.

Esta massa de zombarias sem sentido remonta ao segundo século, quase ao próprio tempo dos apóstolos!

Tertuliano menciona, também, *padrinhos* no batismo e *penitência* pelos pecados após o batismo. Ele é o primeiro escritor que os menciona, e também alguns outros erros; mas sua menção prova que tais *costumes* existiam na África em seus dias.

Dissemos que Tertuliano foi o primeiro a mencionar aspersão para o batismo, e citamos dele, onde ele relata que o candidato estava *imerso e aspergido*.

Parece não haver dúvida de que a aspersão foi introduzida pela primeira vez, com muitas outras coisas aqui relacionadas, como *uma adição* ao batismo, e não totalmente como *um substituto* para ele. Isso é confirmado pelo ritual dos armênios que exigia que o candidato fosse borrifado e imerso. Mas tais adições ou apêndices logo suplantam o original, como

o homem, no orgulho de seu coração, sempre tenta apresentar suas próprias instituições como uma melhoria do plano do Senhor. As seguintes palavras de Tertuliano mostram claramente que, em sua época, a aspersão era considerada suficiente para cumprir o ato do batismo. Eles estão preocupados com uma controvérsia sobre se os apóstolos foram batizados por outro batismo que não o de João. Ele diz:--

"Outros fazem a sugestão - bastante forçada, claro - de que os apóstolos serviram então a vez do batismo quando, em seu pequeno navio, foram aspergidos e cobertos pelas ondas; que o próprio Pedro também estava suficientemente imerso quando ele andou o mar.' No entanto, a meu ver, uma coisa é ser aspergado ou interceptado pela violência do mar; outra coisa é ser batizado em obediência à disciplina da religião ... Agora, eles foram batizados de qualquer maneira, ou permaneceram sem batismo até o fim ", etc.-- Tertuliano sobre o Batismo, cap. 2

Lendo essas observações, devemos ter em mente que Tertuliano não fala contra a aspersão, mas contra a ocasião referida, como não estando "na disciplina da religião." Pois ele em outro lugar mostra que a aspersão era então praticada no batismo, e suas palavras, "batizado de qualquer maneira", mostram que determinada maneira não foi então considerada essencial.

Também em seu livro sobre arrependimento, cap. 6, pedindo um arrependimento genuíno, ele diz: -

"Pois quem é gigante para você, um homem de arrependimento tão infiel, uma única aspersão de qualquer água?"

A prevalência do *batismo infantil* nestes primeiros dias não pode ser questionada de forma justa. A evidência histórica sobre este ponto é muito completa e explícita. O próprio Tertuliano não favorece o batismo de crianças, não porque ele não considerou a ordenança na mesma luz em que era considerada por outros, mas ele tinha a mesma opinião que posteriormente influenciou Constantino. No entanto, onde a morte deveria estar apreendida, ele pensou que eles deveriam ser batizados. Bingham desenha uma justa conclusão da oposição de Tertuliano, assim: -

"De sua opinião particular, ele era a favor de adiar o batismo de crianças, especialmente onde não havia perigo de morte, até que chegassem aos anos de critério; mas ele argumentou a favor disso, a fim de nos mostrar que a prática da igreja era diferente.
"- Livro 11, cap. 4, 10.

Não devemos ignorar este fato importante, bem aqui, que, embora as palavras de Tertuliano provam a *prática* do batismo infantil, elas igualmente provam que não o considerava de autoridade superior à tradição. Ele acreditava que estava de acordo com um mandamento das Escrituras, ou ele certamente não teria argumentado contra isso.

Achamos que não há lugar para duvidar de que "a prática da igreja" no século segundo, especialmente na África, a casa de Tertuliano, foi o batismo de bebês.

Cipriano argumenta em seu nome assim, em sua carta a Tito: -

"Quem vem por esse motivo mais facilmente para receber o perdão dos pecados, porque não são seus, mas os pecados de outros homens, que lhe são perdoados. "- *Id.*,12.

Esta ideia antibíblica, bem digna das trevas e superstições da época em que se originou, é mantida até hoje por igrejas protestantes que praticam o batismo infantil.

Orígenes também usa esse costume como argumento para a pecaminosidade das crianças! UMA das evidências mais fortes de que o costume prevaleceu não poderiam ser exigidas. Bingham cita os pontos de vista de Orígenes sobre este ponto e observa o seguinte: -

"Pode-se perguntar: Qual é a razão pela qual o batismo da igreja, que é dado para a remissão dos pecados, é, pelo costume da igreja, dado também às crianças? Considerando que, se não houvesse nada nas crianças que exigisse remissão e indulgência, a graça do batismo pode parecer desnecessária para eles ... Os bebês são batizados para o perdão dos pecados '. (...) Ele afirma que a igreja recebeu dos apóstolos a ordem de batizar crianças." - Livro 11, cap. 4, § 11.

Cipriano e seus colegas no conselho decidiram que crianças poderiam ser batizadas logo que nascem, para que não morram sem batismo. As próprias palavras de Cipriano em defesa disso são estas: -

"Na medida do possível, devemos nos empenhar para que, se possível, nenhuma alma se perca." - *Cipriano*, vol. 1, pág. 198.

Isso mostra que existia a crença de que os bebês em tenra idade não batizados estavam perdidos. E tudo isso eles professavam derivar dos ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos!

Com o batismo *infantil* veio a *comunhão infantil*. A Igreja Grega, esse padrão da fé e prática cristã aos olhos dos trígonos imersionistas, mantém ambos esses ritos herdados dos primeiros pais. Santo Agostinho, e outros cujas evidências são utilizadas para provar a validade de três imersões, defendendo a comunhão infantil. Dr. Schaff chama de "o sistema incongruente de comunhão de bebês, que parecia seguir a partir do batismo infantil." É *naturalmente* seguido a partir do batismo infantil, e o acompanhou na prática de *toda a igreja* por cerca de seiscentos ou setecentos anos. Por toda a igreja, queremos dizer todos abraçado na comunhão de Roma. Mas não é mais incongruente, não mais antibíblico, do que o batismo infantil. E isso era *antigo* e também *geral*. Citando Cipriano, Bingham diz: -

"Aqui podemos observar que as crianças se tornaram participantes da eucaristia (que Cipriano chama de carne e bebida do Senhor); e isso é evidente de outras passagens do mesmo autor; que é mais uma evidência para a prática do batismo infantil; pois é certo que ninguém, exceto pessoas batizadas foram autorizados a participar da eucaristia à mesa do Senhor. "- *Antiguidades*, livro 11, capítulo 4, 12.

Dr. Schaff parece pensar que teve o domínio mais forte entre as igrejas norte-africanas. É altamente provável que tenha se *firmado* ali antes; mas a evidência mostra claramente que se tornou tão geral quanto o batismo infantil ou de três imersões, ou

três *aspersões*; pois é verdade que *três aspersões* ou *três vertentes* foram admitidos, bem como *três imersões*.

O leitor concordará prontamente conosco que isso é suficiente sobre este assunto. A igreja primitiva, mesmo no segundo século, *não* manteve o batismo na pureza do Evangelho. Eles conectaram com ele um número quase inconcebível de ritos, alguns deles da forma e da natureza mais ridículas. Portanto, está além de toda questão verdadeira de que não apelamos com segurança a eles para a verdadeira prática – a forma do evangelho e prática apostólica - do batismo.

CAPÍTULO XVII

RAZÕES PARA TRÊS IMERSÕES

AS CONSEQUÊNCIAS

Um ponto mais importante ainda precisa ser observado. É a das *razões apresentadas para três imersões*. Geralmente, será descoberto que, em relação aos ritos religiosos e as instituições, as *razões das* Escrituras e os *métodos das* Escrituras permanecem ou caem juntos. Quando qualquer pessoa dá uma razão antibíblica para sua prática, presume-se que sua prática não é bíblica, ou uma perversão das Escrituras. Muito cedo na Igreja Cristã, foram atribuídos motivos para três imersões que são contrários às Escrituras, ou outros que não os dados nas Escrituras. Enquanto, por outro lado, sempre que encontramos "um batismo" literal e estritamente seguido, aí encontramos a razão escrutinária atribuída para a ação.

1. Paulo diz que somos batizados na morte do Salvador e ressuscitados na semelhança de sua ressurreição. Mas este motivo não foi apenas ignorado, mas *condenado*, por aqueles que defendiam três imersões. Isso fala mais contra a teoria e a prática do que volumes inteiros de história podem falar em seu favor. Ele marca isso como uma inovação, deixando de lado a fé e prática do evangelho. Falando em tríplice imersão, Bingham diz: -

"Duas razões são comumente atribuídas para esta prática: 1. Que pode representar o sepultamento de três dias de Cristo. . . 2. Outra razão é que pode representar sua fé na sagrada Trindade. "

O Papa Gregório, o Grande, escreveu a quem indagou sobre isso: -

"Com relação às três imersões no batismo, você julgou muito verdadeiramente, visto que ritos e costumes diferentes não prejudicam toda a igreja, embora a unidade de fé permaneça. A razão pela qual usamos três imersões (em Roma) é para significar o mistério do sepultamento de Cristo por três dias, que enquanto uma criança é três vezes levantada da água, a ressurreição no terceiro dia pode ser expressa assim."

Este *motivo* é antibíblico e inconsistente. Somos batizados na morte de Cristo; ele morreu apenas uma vez. Somos criados à *semelhança* de sua ressurreição; ele foi levantado apenas uma vez. "Três vezes levantado da água" não pode representar sua ressurreição, embora *um grande papa* diga isso; enquanto as Escrituras dizem absolutamente nada dos três dias sendo representado pelo batismo.

A primeira testemunha *reivindicada* pelos tríplices imersionistas falando a favor da prática, dá a mesma razão antibíblica. Este é Clemente de Alexandria. Temos a tendência de acreditar que o testemunho é apócrifo; mas se não for, só serve para mostrar o quanto cedo essa visão errônea foi enxertada na fé cristã. Estas são as palavras atribuídas a Clemente: -

"Fostes conduzidos a um batismo, assim como Cristo foi levado ao túmulo, e foram imersos três vezes para significar os três dias de seu enterro. "

Assim, este testemunho, seja qual for a sua origem, permanece autocondenado, como sendo diretamente fora das ideias escriturísticas do batismo. É baseado em uma falsa visão da ordenança.

E o famoso quinquagésimo "Cânon Apostólico", que presta um serviço tão bom na causa da tríplice imersão, diz: -

"Se algum bispo ou presbítero não realizar três imersões de uma iniciação, mas uma imersão que é dada na morte de Cristo, que ele seja deposto."

A palavra do Senhor é sim e amém, não sim e não. Se não tivéssemos outras evidências de que a teoria das três imersões é baseada em uma falsa construção de nossa Comissão do Senhor, esta seria suficiente, que só poderia ser guardada colocando de lado as palavras de Paulo em Rom. 6. Não há discrepância em batizar nos nomes do Pai, Filho, e o Espírito Santo, e batizando na morte de Cristo, se preservamos, na ação, a semelhança de seu sepultamento e ressurreição. Mas foi claramente visto pelos criadores e primeiros defensores de três imersões, que essa prática poderia nunca ser harmonizada com as palavras de Rom. 6. Portanto, uma ordem de deposição foi emitida contra qualquer um que batizou na morte de Cristo, não obstante, tal foi o batismo do evangelho de acordo com os *escritos* do apóstolo Paulo, não de acordo com a "*tradição apostólica*".

E não apenas os primeiros defensores dos três batismos negaram as palavras do apóstolo sobre este assunto, mas seus seguidores dos dias atuais mantêm a mesma posição antibíblica. Assim, o Sr. Moore, falando das palavras imputadas a Clemente, diz: -

"Cristo foi colocado na sepultura, eles na água; Cristo, três dias, eles três vezes."

É apenas por um toque maravilhoso da linguagem que qualquer analogia pode ser encontrada entre três imersões e três dias na sepultura. Se Cristo tivesse sido *enterrado uma vez por dia, ou morrido três vezes e também sido enterrado*, então seria o caso deles. Mas como ele *morreu uma vez, foi enterrado uma vez e foi ressuscitado uma vez*, podemos ser batizados à semelhança de sua morte e ressuscitados na semelhança de sua ressurreição, apenas por um único sepultamento ou imersão, e um único sair da água. E todo floreio sobre "os pais" entenderem tão bem a língua grega, equivale a nada nesta questão. O grego nunca pode ser forçado a favorecer "três batismos", três sepultamentos ou três ressurreições. Bom senso e reverência pelas palavras exatas das Escrituras é tão essencial quanto um conhecimento do grego.

Nós *sabemos* que esses mesmos pais eram defensores de inovações e absurdos tanto na fé quanto na prática. E estamos certos de que se eles não falam de acordo com a lei e o testemunho, suas palavras não são luz, mas trevas.

Novamente: o Sr. Moore faz com que as Escrituras entrem em conflito com elas mesmas no seguinte idioma: -

"A lei do santo batismo exige que todas as pessoas sejam batizadas 'no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo', enquanto ao contrário a lei exige o batismo 'na morte de Cristo'. " Não sabemos com que palavras expressar nossa surpresa por um homem citar *as palavras exatas da Escritura* que se referem ao batismo, e as denunciar como uma "lei contrária" e uma perversão da doutrina do batismo! As palavras de Rom. 6:

3--5 são os seguintes: -

"Não sabeis que muitos de nós que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Portanto, somos sepultados com ele pelo batismo na morte; que assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também devemos andar em novidade de vida. Pois se nós fomos plantados juntos à semelhança de sua morte, seremos também à semelhança de sua ressurreição. "

Essas palavras, de acordo com Sr.Moore, contém a "lei contrária" que ele e seus associados se recusam a seguir! Nós concordamos totalmente com ele que contém uma regra clara e explicitamente *contrária* à "tríplice imersão". Mas nunca devemos admitir que essas palavras de Paulo são contrárias à comissão do Salvador enquanto mantemos qualquer reverência e respeito pela Bíblia.

Uma coisa está agora mais claramente provada, que é esta: Rom. 6: 3-5 é contrário a construção que é encomendada pelos tríplices imersionistas. Isso é provado por seus argumentos e suas próprias admissões. O conflito é evidente e o problema é simples. E uma pergunta permanece: qual está correto, Rom. 6: 3-5, ou a construção da comissão? Não estamos perdidos para a resposta. Não vemos como alguém pode ter confiança em sua visão da comissão, embora envolva uma contradição tão clara das Escrituras. A teoria da tríplice imersão permanece autocondenada.

2. Aqueles que terão paciência para ler os escritores dos primeiros séculos em suas controvérsias sobre a doutrina da Trindade, devem concordar nisso, exatamente muito do que foi escrito sobre o assunto era um jargão interminável, uma amarga contenda por palavras sem proveito; composta principalmente de invectivas e crimações pessoais do que de discussão; mostrando mais zelo pelo sucesso da festa do que a piedade. Com uma coisa, ficamos particularmente impressionados - que a massa de escritores ortodoxos às vezes expressaram sua fé nas mesmas palavras que foram amargamente atacados como a pior heresia quando usados por um partido oposto. O "credo de Atanásio" foi salvo apenas pela maior influência do bispo de Roma. O próprio Atanásio era nem sempre considerado ortodoxo; ele não foi apenas banido de seu lugar na igreja, mas uma recompensa foi dada a ele pelo imperador Constâncio "para quem quer que o traga vivo ou morto." O bispo de Roma esforçou-se por obter seu perdão, a quem o imperador respondeu:

"Todos, sem exceção, foram feridos por ele, mas nenhum tão profundamente como eu fui. Não contente em ocasionar a morte do meu irmão mais velho, ele esforçou-se por excitar Constâncio, de abençoada memória, contra mim; e não tivesse seus objetivos frustrados pela minha moderação, ele teria causado um concurso violento entre nós. Nenhuma das vitórias que ganhei, nem mesmo as que obtive sobre Magnentius e Silvanus, parecem tão satisfatórios para mim como a ejeção deste homem desprezível do governo da igreja. "- *Teodoreto*, livro 2, cap. 16

O credo foi formulado e a fé definida por Atanásio. Antes daquela época não havia um método estabelecido de expressão, se, de fato, houvesse em qualquer lugar qualquer uniformidade de crença. A maioria dos primeiros escritores eram filósofos pagãos, que para alcançar as mentes dessa classe, muitas vezes fizeram grandes esforços para provar que houve uma combinação dos dois sistemas, Cristianismo e filosofia. Há abundância de material em seus escritos para sustentar essa visão. Bingham fala das vagas opiniões defendidas por alguns nos seguintes termos significativos: -

"Houve alguns *muito cedo* que transformaram a doutrina da Trindade em Triteísmo, e, em vez de três pessoas divinas sob a economia do Pai, Filho e Espírito Santo trouxeram três colaterais, coordenados e auto-originados seres, tornando-os três princípios absolutos e independentes, sem qualquer relação de Pai ou Filho, que é a noção mais adequada de três deuses. E tendo feito esta mudança na doutrina da Trindade, *eles fizeram outra mudança responsável a ela na forma de batismo.*" - *Antiguidades*, livro 11, capítulo 8, 4.

Quem pode distinguir entre esta forma de expressão e aquela apresentada pelo Concílio de Constantinopla em 381 dC, onde a verdadeira fé é declarada em "uma Trindade incendiada, consubstancial e co-eterna"? A verdade é que encontramos a mesma ideia que é aqui descrita por Bingham ao longo de grande parte da literatura ortodoxa dos séculos II e III. Não há adequada "relação de *Pai e Filho*" a ser encontrada nas palavras do conselho, acima citado. E de boa vontade o deixamos com o bom senso de todos sem preconceitos do leitor que *três batismos* são mais consistentes com a ideia de "três seres colaterais, coordenados e auto-originados", do que com a ideia do batismo nos nomes do Pai, Filho e Espírito Santo, e à semelhança da morte e ressureição do Salvador.

Bingham diz deste erro em relação a uma Trindade de três seres coordenados e auto-originados e independentes surgiram na igreja *muito cedo*; e assim encontramos nos primeiros autores após os dias dos apóstolos. Ele disse que uma mudança foi feita na forma de batismo correspondente a esta forma de crença; e assim encontramos que *três batismos* foram anunciados pelos mesmos escritores. Três batismos são contrários às palavras expressas da Escritura, e contrário às ideias das Escrituras de batismo na morte e ressurreição de Cristo. Devemos determinar, e com certeza, que *três batismos* é aquela *forma errada* que foi feita para corresponder à doutrina de *três seres co-eternos*, que não consideravam a verdadeira relação de *Pai e Filho*, e que deu origem a uma rejeição do batismo do evangelho, na morte de Cristo.

Sr. Moore diz: -

"Nós mostramos conclusivamente que Justino foi batizado 'em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo', e por tríplice imersão, que traça a tríplice de imersão em uma linha ininterrupta até trinta e três anos após o fechamento da era apostólica."

Citamos isso para mostrar com que confiança extraordinária ele afirma ter provado conclusivamente aquilo de que não deu uma partícula de evidência. E isso parece ser característico dessa classe. O mais absurdo e improvável é que as coisas são apresentadas com tanta segurança como se fossem demonstradas. Novamente ele diz:--

"A origem da imersão única pode ser encontrada entre as inovações do século quarto, enquanto aspersão e derramamento, bem como o batismo infantil, não podem se orgulhar de uma origem melhor."

Dizemos que a imersão única não foi e *não pode ser* atribuída às inovações do século IV. Está de acordo com os ensinamentos claros do Novo Testamento; e o historiador ou traficante de tradição que busca elevar outra forma em seu lugar apenas prova que ele não segue a luz da verdade divina. E, se o Sr. Moore quer dizer que aspersão e derramamento e batismo infantil também estão entre as inovações do quarto século, então ele afirma o

que todo aquele que sabe ser falso, que não toma todo o seu conhecimento histórico em segunda mão. Ou, se ele quer dizer que aspersão e derramamento e batismo infantil, e, podemos adicionar, comunhão infantil, não têm tão boas evidências históricas em seu favor como a tríplice imersão tem, então ele fala contra seu próprio conhecimento, ou mostra que seu o conhecimento da história é muito limitado. Que isto seja especialmente notado: embora a história seja a principal dependência da tríplice imersão, ela não é nem um pouco mais fortemente fortificada pela história do que a aspersão, o batismo infantil e a comunhão infantil. Nesse ponto, estamos dispostos a apoiar o caso nas evidências aqui apresentadas.

Chrystal, que é tão amplamente citado pelos defensores da tríplice imersão, defende o batismo infantil com a mesma intensidade com que defende a tríplice imersão. E ele defende a tradição, porque com ela prova esses dogmas. Mas é uma circunstância suspeita de que ele está em silêncio em relação à comunhão infantil, que, ele deve saber, está tão fortemente arraigada na tradição quanto o batismo infantil e a tríplice imersão. O batismo infantil e a comunhão infantil são logicamente inseparáveis; eles permanecem ou caem juntos, no que diz respeito à razão e à evidência tradicional.

AS CONSEQUÊNCIAS

Alguns podem ser levados a indagar: Isso não invalida a fé cristã ou levanta uma dúvida da precisão e suficiência do Novo Testamento, para assim provar que os escritores dos séculos II e III estavam tão divididos em sentimento, ou então eram completamente seguidores de tradições? Nós respondemos, de modo nenhum. Isso prova a correção do Novo Testamento, que apontou este mesmo estado de coisas logo existiu depois dos dias dos apóstolos. Mesmo em seus próprios tempos, eles tiveram que trabalhar contra este espírito de contenda e divisão, que já começou a distrair as igrejas. Paulo em Éfeso disse:

"Pois eu sei disso, que depois da minha partida, lobos ferozes entrarão entre vocês, não pouRANDO o rebanho. Também de vocês mesmos os homens se levantarão, falando coisas perversas, para atrair discípulos após eles."

Isso representa apropriadamente a condição da igreja pobre e distraída, sob a liderança de homens ambiciosos, como os que obtiveram a influência controladora nos primeiros séculos. Não temos dúvidas de que muitas almas honestas choraram por esse declínio, mas os obstinados e ambiciosos são os que são ouvidos, e que deixam sua impressão na multidão, e se destacam mais na história. Este espírito contencioso e ambicioso deu origem à hierarquia romana, um domínio na igreja de Cristo, como as Escrituras nunca sancionaram, e o próprio Cristo proibiu. O papado, como um poder entre os reinos da terra, foi erguido no século VI; mas vamos nos enganar muito se pensarmos que surgiu tão tarde assim. Paulo, falando sobre a "apostasia" e a revelação do "homem do pecado", disse: "O mistério da iniquidade já opera." Devemos ter em mente que este mistério de iniquidade estava operando *na igreja*; foi por *uma queda* que o homem do pecado foi desenvolvido.

Sendo esse o caso, é de algum crédito qualquer sistema ou doutrina que encontre defensores e seguidores naquela época? Se pegarmos a consideração adequada às advertências dos apóstolos, e respeito às Escrituras como a única e suficiente regra de fé e prática, devemos antes evitar citar as opiniões dos "pais" a favor de qualquer dogma,

sabendo que eles viveram em uma época de escuridão e grande confusão. Não julgamos sua sinceridade de propósito ou honestidade de intenção. Mas afirmamos que não é seguro seguir todos aquele que, pensamos, tem boas intenções; devemos nos lembrar de sua responsabilidade de ser enganados. Defendemos "a Bíblia e somente a Bíblia". Séculos atrás, isso foi declarado ser "a religião dos protestantes". Mas, infelizmente, não é hoje! Protestantes, ou aqueles que se chamam por este nome, estão voltando para a névoa da tradição por apoiar e alegrar-se quando puderem encontrar o testemunho dos *pais* ao seu lado, como se tivessem encontrado grandes tesouros.

Não consideramos necessário consumir tempo e espaço para mostrar porque os escritos dos pais não foram preservados como livres de corrupções e interpolações como as Sagradas Escrituras. Razões, boas e suficientes, podem ser dadas. Nunca nos sentimos mais gratos por termos a Bíblia, dada por inspiração de Deus, e maravilhosamente preservado pela providência de Deus, do que quando estamos lendo os escritos dos sucessores dos apóstolos. Eles apresentam um labirinto de contradições e superstições, das quais nos voltamos para encontrar alívio alegre nos escritos daqueles que "falaram inspirados pelo Espírito Santo".

"Devem todas as formas que os homens inventam
Atacar minha fé com arte traiçoeira,
Eu as chamaria de vaidade e mentiras,
E vincularia o evangelho ao meu coração."